



JOHN LE
CARRÉ

UM CRIME ENTRE
CAVALHEIROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

**UM CRIME ENTRE
CAVALHEIROS**

JOHN LE CARRÉ

TÍTULO ORIGINAL: A MURDER OF QUALITY
TRADUÇÃO DE JOSÉ LAURÊNIO DE MELO

Graham Greene disse publicamente de *O Espião que Saiu do Frio*: "*Foi a melhor história de espionagem que eu já li.*" Pode-se divergir dessa opinião, mas é inegável o fato de que com a publicação daquele livro, que se tornaria o best seller mundial, John l  Carré assumiu um posto de vanguarda entre os escritores do g nero.

Aqui está outro livro do autor inglês que apresenta o mesmo suspense e a mesma perícia no tratamento do tema, dos personagens e das situa es criadas. O George Smiley de *Um Crime entre Cavalheiros*, do mesmo modo que Alec Lemas em *O Espião que Saiu do Frio*, é um homem com problemas, e não apenas de natureza profissional, tal como realizar uma missão perigosa ou seguir a pista de um agente inimigo. São, fundamentalmente, problemas pessoais a nos lembrarem que um espião não   são um instrumento a serviço da complexa política internacional, mas também um ser humano cujos sentimentos, lealdades e princípios podem entrar em conflito com o exercício de seus deveres de agente secreto.

Em *Um Crime Entre Cavalheiros*, Smiley se vê envolvido na investiga o de um crime, aparentemente sem sentido, cometido numa tradicional escola inglesa. Laços sentimentais e simpatias pessoais surgem como obstáculos no seu caminho, mas a sua grande prática profissional adquirida em toda uma vida de agente secreto leva-o, de maneira inexorável, para a soluço que ele em realidade teme.

1 – VEIAS NEGRAS

A grandeza do Colégio Carne é atribuída por consenso unânime a Eduardo VI, cujo fervor educativo é imputado pela História ao Duque de Somerset. Mas Carne prefere a respeitabilidade do monarca à política discutível de seu conselheiro, alimentando-se da convicção de que os colégios célebres, como os reis da dinastia Tudor, eram consagrados no Céu.

E na verdade sua grandeza é quase miraculosa. Fundado por monges obscuros, mantido pela munificência de um jovem rei enfermiço e arrancado ao olvido por um fanfarrão vitoriano, Carne endireitou o colarinho, lavou as mãos e a face rústica e apresentou-se luzidio às cortes do século XX. E num abrir e fechar de olhos, o labrego de Dorset converteu-se no ai-jesus de Londres: Dick Whittington tinha chegado. Carne possuía pergaminhos em latim, sinetes em cera e terra de plantio atrás da abadia.

Carne tinha bens de raiz, claustros e caruncho, pelourinho e uma linha no Cadastro das terras inglesas mandado levantar por Guilherme, o Conquistador, em 1086. De que mais precisava então para instruir os filhos dos ricos?

E eles começaram a chegar; chegavam no princípio de cada Semestre (designação sob a qual eram conhecidos os períodos letivos), de sorte que durante uma tarde inteira os trens descarregavam na plataforma da estação grupos tristes de rapazes metidos em casacos negros. Chegavam em automóveis imponentes que brilhavam com lutuosa pureza. Vinham sepultar o pobre rei Eduardo, empurrando carrocinhas de mão pelas ruas cobertas de pedras arredondadas ou transportando caixas de doces que lembravam pequenos ataúdes. Alguns usavam becas e quando caminhavam pareciam corvos ou anjos negros vindos para o enterro. Outros passavam sozinhos como acompanhantes contratados pelos agentes funerários, e podia-se ouvir o ruído de suas botas quando andavam. Todos estavam sempre de luto em Carne: os garotos porque iam ficar, os rapazes mais

crescidos porque iam embora, os mestres porque o luto era respeitável e as mulheres porque a respeitabilidade era mal remunerada; e agora que o Semestre Quaresmal (como era chamado o período pascal) estava para terminar, a nuvem de melancolia pairava mais firme do que nunca acima das torres cinzentas de Carne.

Melancolia e frio. O frio era intenso e cortante como sflex. Golpeava os rostos dos meninos quando eles se afastavam lentamente dos campos de jogos vazios depois das partidas disputadas. Varava-lhes os sobretudos negros e transformava-lhes os colarinhos duros e pontudos em anéis de gelo à volta do pescoço. Enregelados, marchavam a passos vagarosos pela longa estrada amuralhada que conduzia à principal pastelaria e à cidade, a fileira pouco a pouco se dividindo em grupos e os grupos em pares.

Dois rapazinhos que pareciam sentir mais frio do que os outros atravessaram a estrada e enveredaram por uma trilha estreita que ia dar numa pastelaria distante, mas menos apinhada de fregueses.

- Acho que vou morrer se tiver de assistir outra vez a uma dessas malditas partidas de rugby. A barulheira é infernal - disse um. Era alto, louro e chamava-se Caley.

- Eles gritam só porque os professores estão olhando do pavilhão - o outro replicou. - É por isso que cada turma tem de ficar unida. Para que os prefeitos possam gabar-se da animação de suas turmas.

- E Rode? - perguntou Caley. - Por que ele fica no meio da gente e nos incita a gritar? Ele não é prefeito. É um mero assistente.

- Ele vive adulando os prefeitos o tempo todo. Você pode vê-lo no pátio, no intervalo das aulas, peruando os medalhões. Aliás, todos os professores novos fazem a mesma coisa. - O companheiro de Caley era um ruivo sarcástico chamado Perkins, chefe da turma de Fielding.

- Fui tomar chá com Rode - disse Caley.

- Rode é de morte. Usa bota marrom. Que tal foi o chá?

- Gélido. Engraçado como o chá mostra o que eles são. Mrs. Rode é simpática... um pouco rústica, plebeia: paninhos de mesa e passarinhos de porcelana. A comida é boa... Instituto Feminino, mas boa.

- Rode vai para a tropa no próximo semestre. É o cúmulo. Ele é tão ativo, está sempre numa roda-viva. Vê-se logo que não é um cavalheiro. Sabe qual era a escola dele?

- Não.

- Liceu de Branxome. Fielding contou à mamãe, quando ela veio de Singapura no último semestre.

- Não diga. E onde fica Branxome?

-No litoral. Perto de Bournemouth. Até agora só tomei chá com Fielding-Perkins acrescentou depois de uma breve pausa: - Castanha torrada e pão-de-minuto. Não permite nunca que a gente agradeça, compreende? Diz ele que o sentimentalismo só fica bem nas classes inferiores. Isso é característico de Fielding. Ele não tem nada de professor. Acho que os garotos o enervam. Toda a turma vai tomar chá com ele uma vez por semestre. Somos recebidos por turnos, quatro de cada vez.

Esse é o único momento, parece, em que conversa com a maioria dos rapazes. Caminharam mais um pouco em silêncio até que Perkins disse:

- Fielding vai oferecer outro jantar hoje de noite.

- Ele está muito em voga ultimamente - observou Caley num tom de censura. - Suponho que a comida na sua casa esteja pior do que nunca...

- É o último semestre que ele passa aqui antes de se aposentar. Está recepcionando cada professor com a mulher separadamente. Velas negras todas as noites. Sinal de luto. Extravagante como o diabo.

- É. Imagino que ele está fazendo figura.

- Meu pai diz que ele é fresco.

Cruzaram a estrada e entraram na pastelaria, onde continuaram a discutir os momentosos negócios de Mr. Terence Fielding, até que Perkins, com relutância, deu por findo o encontro. Sendo muito fraco em ciências, era infelizmente obrigado a receber aula extra dessa matéria.

O jantar a que Perkins aludira naquela tarde ia chegando ao fim. Mr. Terence Fielding, o mais velho prefeito de Carne, serviu-se de um pouco mais de vinho do Porto e, enfasiado, empurrou a garrafa para a esquerda. Era o seu vinho do Porto, o melhor de que dispunha. Havia o suficiente para

durar até o fim do semestre. Depois disso, azar. Sentia-se um pouco cansado depois de assistir ao jogo, um pouco embriagado e um pouco amolado com Shane Hecht e seu marido. Shane era repelente. Grandalhona e envolvente, como uma valquíria decadente. Toda aquela cabeleira negra. Devia ter convidado mais alguém. Os Snow, por exemplo, mas ele era esperto demais. Ou Felix D'Arcy, mas D'Arcy encontrou pretexto para não vir. Não tinha importância; daí a pouco iria irritar Charles Hecht, e Hecht, mal-humorado, sairia cedo.

Hecht estava nervoso, desejando acender o cachimbo, mas Fielding não se dava por achado. Hecht podia pegar um charuto, se estava com vontade de fumar. Mas o cachimbo iria continuar no bolso do smoking, que era o lugar dele, ou não era, pois o perfil atlético de Hecht permaneceria desadornado.

- Quer um charuto, Hecht?

- Não, obrigado, Fielding. Você se incomodaria se eu...

- Recomendo-lhe os charutos. O jovem Havelake mandou-os de Havana. O pai dele é embaixador lá, como você sabe.

- Claro, querido - disse Shane tolerante. - Vivian Havelake era da tropa de Charles quando Charles com andava os cadetes.

- bomn rapaz, aquele Havelake - Hecht observou, apertando os beiços para mostrar que era um juiz imparcial.

- É divertido ver como as coisas mudam. - Shane Hecht pronunciou estas palavras com um sorriso inexpressivo, como se não fosse realmente divertido.-Vivemos agora num mundo tão lúgubre. Lembrome de antes da guerra, quando Charles inspecionava os cadetes montado num cavalo branco. Não fazemos isso hoje, não é verdade? Não tenho nada contra o fato de Mr. Iredale ser o com andante, nada. Qual era o regimento dele, Terence, você sabe? Estou certa de que ele se porta dignamente, qualquer que seja o estado atual da tropa... ele se dá tão bem com os rapazes, não é mesmo? A mulher dele é tão simpática... não sei por que estão sempre despedindo os empregados. Ouvi falar que Mr. Rode vai ajudar a tomar conta dos cadetes no próximo semestre.

- Pobre Rode - disse Fielding com enfado. - Está sempre correndo de um lado para outro como um fedelho, tentando ganhar o pão. Faz tanta força... vocês o têm visto animando os rapazes nos jogos do colégio? Ele nunca tinha visto uma partida de rugby antes de vir para cá, sabiam? Não jogam rugby nos liceus... só futebol. Lembra-se de quando ele chegou aqui, Charles? Foi fascinante. Só vendo como ele era humilde, como procurava absorver tudo: os jogos, o vocabulário, as maneiras. Então, um belo dia, foi como se lhe tivessem concedido o poder de falar, e ele falou em nossa linguagem. Foi assombroso, como cirurgia plástica. Tudo obra de Felix D'Arcy, naturalmente... Nunca vi nada parecido com isso antes.

- Boa Mrs. Rode - disse Shane Hecht com aquela voz de abstrata vagueza que reservava para seus pronunciamentos mais venenosos:

- Tão suave... e de gosto tão simples, vocês não acham? Quero dizer, quem jamais pensaria em pregar aqueles patos de porcelana na parede? Os grandes na parede da frente e os pequenos na parede dos fundos. Encantador, não é? Como uma dessas casas de chá que há por aí. Não sei onde ela os comprou. vou perguntar. Contaram-me que o pai dela mora perto de Bournemouth. Deve viver muito só, não acham? Um lugar tão vulgar... ninguém com quem trocar uma palavra.

Fielding recostou-se na cadeira e passeou a vista pela mesa. A prata era boa. A melhor que havia em Carne, ouvira dizer e estava inclinado a concordar. Este semestre não usara outra coisa senão velas negras. Era o tipo da coisa que os outros iam recordar quando ele tivesse ido embora: "O velho e bom Terence... anfitrião maravilhoso.

Recebeu para jantar todos os membros do corpo docente durante seu último semestre, sabiam? As mulheres também. Velas negras. Comovente. Foi doloroso para ele ter de abandonar sua casa. Mas era preciso irritar Charles Hecht. Shane gostaria disso. Shane atizaria porque odiava Charles, porque dentro daquele horrendo companzil ela era tão matreira quanto uma serpente.

Fielding encarou Hecht e depois a mulher de Hecht, e ela lhe endereçou um sorriso em troca, o sorriso lento e corrupto de uma prostituta. Por um momento Fielding pensou em Hecht pastando naquele corpo balofo: era uma cena que cheirava a Lautrec... sim, era isso! Charles pomposo, de cartola, sentado rígido em cima de uma colcha de pelúcia; ela, volumosa,

oscilante e entediada. A imagem agradou-o: era tão perverso transferir aquele idiota do Hecht do asseio espartano de Carne para os bordéis da Paris do século XIX...

Fielding começou a falar, ou melhor, a pontificar, com uma expressão de amistosa objetividade que sabia ser incômoda para Hecht.

- Quando recorro meus trinta anos em Carne, chego à conclusão de que fiz muito menos do que um varredor de rua - ambos o fitavam agora. - Costumava imaginar o varredor de rua como um ser inferior a mim. Agora tenho minhas dúvidas. Quando algo está sujo, ele vai e limpa, e a situação do mundo melhora. Mas eu... o que foi que eu fiz?

Invadi os domínios de uma classe dirigente que não se distingue nem pelo talento, nem pela cultura, nem pela inteligência; mantive de pé para mais uma geração os privilégios de uma época morta.

Charles Hecht, que nunca aperfeiçoara a arte de não dar ouvidos a Fielding, ruborizou-se e remexeu-se na outra ponta da mesa.

- Não os ensinamos, Fielding? E nossos êxitos, nossas bolsas de estudos?

- Nunca ensinei nada a um menino em toda a minha vida, Charles. Geralmente, o garoto não era bastante inteligente; às vezes, eu é que não era. Na maioria dos rapazes, veja bem, a percepção morre com a puberdade. Em alguns, perdura, embora aqui em Carne tratemos de eliminá-la sempre que a localizamos. Se ela sobrevive, malgrado os nossos esforços, o menino ganha uma bolsa... Seja paciente comigo, Shane. É meu último semestre.

- Último semestre ou não, Fielding, a verdade é que você está exagerando - disse Hecht com raiva.

- Isso é tradicional em Carne. Esses êxitos, como você os chama, são os fracassos, os raros rapazes que não aprenderam a lição de Carne. Ignoraram o culto da mediocridade. Nada podemos fazer por eles. Mas quanto aos outros, quanto aos pobres e confusos escreventes e aos soldadinhos cegos, quanto a eles a verdade de Carne está gravada no muro, e eles nos odeiam.

Hecht riu com certo constrangimento.

- Por que tantos voltam, então, se nos odeiam como diz você? Por que se lembram de nós e vêm ver-nos?

- Porque nós, meu caro Charles, somos a inscrição no muro! A única lição de Carne que eles nunca esquecem. Voltam para ler-nos; você não vê isso? Foi conosco que eles aprenderam o segredo da vida: que envelhecemos e não nos tornamos sábios. Compreenderam que nada aconteceu quando se tornaram adultos: nenhuma luz deslumbrante na estrada de Damasco, nenhuma impressão inesperada de maturidade - Fielding pôs a cabeça para trás e contemplou a tosca moldura vitoriana do teto, e o halo de sujo em volta da lâmpada apareceu.

-Apenas ficamos um pouco mais velhos. Fazemos as mesmas piadas, pensamos os mesmos pensamentos, queremos as mesmas coisas. Entra ano, sai ano, Hecht, somos as mesmas pessoas, nem mais sábias, nem melhores; não tivemos no meio de nós um único pensamento original nos últimos cinquenta anos de nossas vidas. Eles viram o engodo que era tudo isso, Carne e nós: nossas vestes formais, nossas pilhérias de aula, nossas prudentes ofertas de orientação. E é por isso que eles voltam ano após ano, deixando por um momento suas vidas embaralhadas e estéreis, para mirar-nos fascinados, a você e a mim, Hecht, como crianças à beira de um túmulo, procurando o segredo da vida e da morte. Ah, sim, eles aprenderam isso conosco. Hecht encarou Fielding em silêncio por um instante.

- Mais vinho, Hecht? - perguntou Fielding de modo levemente conciliador, mas os olhos de Hecht ainda estavam fixos nele.

- Se isso é uma pilhéria... - começou, e sua mulher notou com satisfação que ele estava de fato encolerizado

- Oxalá eu soubesse, Charles - Fielding redarguiu com visível gravidade. - Oxalá eu soubesse mesmo. Eu pensava que era engenhoso confundir comédia com tragédia. Agora quisera poder distingui-las. - Gostou dessa tirada.

Tomaram café na sala de visitas, onde Fielding recorreu à tagarelice, mas Hecht não se deixou arrastar. Fielding lamentou não ter permitido que o outro acendesse o cachimbo. Depois rememorou a imagem dos Hecht em Paris e sentiu-se revigorado. Estivera bem esta noite. Houve momentos em que convencera a si mesmo.

Enquanto Shane foi buscar seu agasalho, os dois homens ficaram juntos na saleta, mas não trocaram uma palavra. Shane voltou com uma estola de arminho, amarelecida pelo uso, envolvendo-lhe os largos ombros alvos.

Inclinou a cabeça para a direita, sorriu e estendeu a mão a Fielding, os dedos caídos.

- Terence, querido - disse ela, enquanto Fielding beijava-lhe os gorduchos nós dos dedos -, encantada. E é o seu último semestre. Precisa jantar conosco antes de partir. Que tristeza! Somos tão poucos agora - sorriu de novo, entrecerrando os olhos a fim de indicar perturbação emocional, depois acompanhou o marido que se dirigia para a rua. Ainda fazia um frio penetrante e a neve adejava no ar.

Fielding fechou a porta atrás deles, passando cuidadosamente o ferrolho talvez um nadinha mais cedo do que exigia a cortesia-e voltou à sala de jantar. A taça de

Porto de Hecht continuava quase cheia. Fielding apanhou-a e com toda a cautela despejou de volta o líquido na garrafa. Esperava que Hecht não estivesse muito contrariado; não gostava de ser antipatizado pelos outros. Soprou as velas negras e apagou os pavios, apertando-os entre o polegar e o indicador. Depois de acender a lâmpada, retirou do bufê uma caderneta de seis pences e abriu-a. Ela continha a lista das pessoas que devia convidar para jantar no restante do semestre. com a caneta-tinteiro fez um sinal ao lado do nome Hecht. Desses estava livre. Na quarta-feira seria a vez dos Rode. O marido era boa pessoa, mas ela, naturalmente, era intragável...

Nem sempre era assim com os casais. Em geral as mulheres eram bem mais simpáticas.

Abriu o bufê e tirou de lá uma garrafa de conhaque e um copinho sem pé. Segurando-os com uma das mãos, voltou com passos fatigados à sala de visitas, apoiando a outra mão na parede enquanto caminhava. Deus do céu! Sentia-se velho, de repente: aquela dorzinha fina que lhe atravessava o peito, aquele peso nas pernas e nos pés. Penoso era o esforço para se manter no meio de gente... representando o tempo todo. Odiava ficar só, mas as pessoas o caceteavam. Estar só era como estar fatigado, mas sem poder dormir. Um poeta alemão, lembrava, havia dito: "Podeis dormir mas eu tenho de dançar". Ou coisa parecida.

"É assim que eu sou", pensou Fielding. "E assim que Carne é também: um velho sátiro dançando ao som da música." A música se acelerava e seus corpos envelheciam, mas tinham de continuar dançando: havia homens

moços esperando nos bastidores. Fora divertido outrora dançar as velhas danças num mundo novo.

Serviu-se de um pouco mais de conhaque. De certo modo estava satisfeito de ir embora, ainda que tivesse de continuar ensinando em alguma outra parte.

Mas Carne tinha sua beleza... O pátio interno da abadia na primavera... os vultos dos meninos, que lembravam flamingos, aguardando o ritual do culto... o fluxo e refluxo das crianças, como as estações do ano, e os velhos morrendo entre eles. Desejava saber pintar; pintaria a pompa de Carne nos castanhos aleonados do outono...

Que pena, pensou Fielding, que um espírito tão sensível à beleza não tivesse talento criador!

Olhou para o relógio. Quinze para as doze. Quase hora de sair... de dançar e não de dormir.

2 – O SENTIMENTO DA QUINTA-FEIRA

Era a noite de quinta-feira e a Christian Voice acabava de ir para o prelo. Isto não era nenhum acontecimento histórico em Fleet Street. O rapazinho cheio de espinhas, da expedição, que levou a pilha amarrotada das provas de página, não demonstrou maior solenidade do que a estritamente exigida pela possibilidade futura da gratificação de Natal. E até mesmo a esse respeito eleja aprendera que os jornais seculares da Unipress eram mais generosos na caridade material do que a Christian Voice; a caridade era rigorosamente proporcional à circulação.

Miss Brimley, redatora-chefe do periódico, arrumou a almofada de ar no assento e acendeu um cigarro. Sua secretária e redatora-adjunta - o contrato comportava ambos os deveres - bocejou, sacudiu dentro da bolsa o vidro de aspirina, penteou o cabelo amarelo-avermelhado e deu boa-noite a Miss Brimley, deixando ao sair, como de costume, o cheiro de pó fortemente perfumado e uma caixa vazia de lenços de papel. Miss Brimley escutou satisfeita o eco das suas passadas velozes desaparecer gradualmente no corredor. Agradava-lhe estar só afinal, saboreando o anticlimax.

Nunca deixou de se espantar com o fato de sentir em todas as manhãs de quinta-feira a mesma leve inquietude no momento em que entrava no imenso edifício da Unipress e era levada um pouco ridiculamente de uma escada rolante para outra como um embrulho insignificante num transatlântico de luxo. Fazia quatorze anos que vinha - só Deus sabe como - dirigindo a Voice, e não faltava quem dissesse que o seu jornal tinha a melhor diagramação da Unipress. Entretanto, o sentimento da quinta-feira nunca a abandonava: a apreensão vivida de que um dia, hoje talvez, não estaria tudo pronto quando chegasse o moço da expedição. Muitas vezes imaginava o que aconteceria então. Sabia dos fiascos ocorridos em outras partes daquela vasta organização, de reportagens rejeitadas e redatores repreendidos. Para ela era um mistério a simples existência da Voice, com

sua sala dispendiosa no sétimo andar e uma circulação que, na opinião de Miss Brimley, mal dava para pagar os prendedores de papel.

A Voice fora fundada no princípio do século pelo velho Lord Landsbury, juntamente com um diário não-conformista e a Temperance Gazette. Mas a Gazettes o diário tinham morrido havia muito tempo, e o filho de Landsbury acordara um belo dia, em data não muito remota, e descobrira que todo o seu empreendimento, com os homens e mulheres que dele faziam parte, os móveis, a tinta, os clipes e as galés, tinha sido comprado pelo ouro oculto da Unipress.

Isto ocorrera três anos antes, e todos os dias ela esperara pela demissão. Mas esta não veio; nenhuma diretiva, nenhuma indagação, nenhuma palavra. E assim, sendo uma mulher sensata, continuou exatamente como antes e deixou de se preocupar.

E estava contente. Era fácil zombar da Voice. Todas as semanas ela oferecia humildemente e sem pregões testemunhos da intervenção do Senhor nos negócios do mundo, recontava em linguagem simples e um pouco anticientífica a primitiva história judaica e proporcionava sob uma assinatura fictícia conselhos maternais a quem quer que os solicitasse por escrito. Ailsa pouco se importava com os cinquenta e tantos milhões de habitantes que nunca tinham ouvido falar dela. Era um negócio de família, e longe de xingar os que não eram membros, fazia o possível pelos que eram. Para estes era bondosa, otimista e informativa. Se um milhão de crianças era vítima de epidemia na Índia, podia-se ter certeza de que o editorial da semana descreveria como uma família metodista de Kent escapara milagrosamente a um incêndio. A Voice não ensinava a ninguém o meio de disfarçar os pés-de-galinha formados nos cantos dos olhos ou de controlar a expansão da silhueta; não desalentava, com sua eterna juventude, os que eram velhos. Ela própria era de meia-idade e da classe média, aconselhava precaução às moças e caridade a todos. O não-conformismo é o mais conservador dos hábitos, e as famílias que assinavam a Voice em 1903 continuavam a assiná-la em 1960.

Miss Brimley não era de modo algum a imagem do seu semanário. Os azares da guerra e o capricho das tarefas do Serviço de Informações levaram-na a associar-se a Lord Landsbury Filho, e durante os seis anos da conflagração haviam trabalhado juntos eficiente e discretamente num prédio

anônimo de Knightsbridge. As contingências da paz deixaram ambos desempregados, mas Landsbury teve o bom senso, bem como a generosidade, de oferecer um emprego a Miss Brimley. A Voice fora suspensa durante a guerra, e ninguém parecia ansioso pela sua volta. A princípio Miss Brimley sentira-se envergonhada de restaurar e dirigir um periódico que de maneira nenhuma exprimia o seu vago deísmo, mas, em breve, à medida que começavam a chegar as cartas comoventes e a circulação se refazia, criou afeição pelo trabalho - e pelos leitores -, o que lhe dissipou as apreensões iniciais. A Voice era a sua vida, e os leitores a sua preocupação. Esforçava-se por encontrar respostas para as perguntas estranhas e aflitas que eles faziam, procurava o conselho de outrem quanto não sabia o que dizer, e, com o tempo, escondida sob os mais variados pseudônimos, tornou-se para eles, senão o filósofo, o guia, a amiga e a tia universal.

Miss Brimley apagou o cigarro, arrumou distraída os grampos, cliques, tesoura e cola dentro da primeira gaveta da direita de sua escrivaninha e juntou a correspondência da tarde, na qual, como era quinta-feira, não tinha tocado. Havia diversas cartas endereçadas a Barbara Fellowship, nome sob o qual a Voice vinha, desde a sua fundação, respondendo particularmente e através das colunas impressas aos inúmeros problemas de seus missivistas. Podiam esperar até o dia seguinte. Miss Brimley gostava da "mala dos problemas", mas só tomava conhecimento deles na sexta-feira de manhã. Abriu o arquivozinho do lado e atirou as cartas dentro de uma caixa na frente do compartimento. Nisto, um dos envelopes caiu com o verso para cima, e ela notou com surpresa que na aba fechada estava gravado em relevo um elegante golfinho azul.

Retirou o envelope do arquivo e examinou-o curiosa, girando-o nos dedos várias vezes. O papel era cinza-claro, com linhas muito leves. Caro, talvez feito a mão.

Debaixo do golfinho via-se o desenho de um rolo de pergaminho no qual mal pôde perceber a legenda: *Regem defendere diem videre*. O carimbo do correio era de Carne,

Dorset. Aquilo devia ser então o timbre do colégio. Mas por que Carne lhe era familiar? Miss Brimley tinha orgulho de sua memória, que era

excelente, e se aborrecia quando ela falhava. Como último recurso abriu o envelope com a desbotada espátula de marfim e leu a carta.

Querida Miss Fellowship,

Não sei se você realmente existe, isso não tem importância porque você sempre dá respostas bondosas e acertadas. Fui eu que escrevi em junho passado a respeito da massa para pastéis. Não estou louca e sei que meu marido está pensando em me matar. Poderei ir vê-la logo que seja conveniente? Estou certa de que você acreditará em mim e verá que sou normal. Poderia ser o mais cedo possível? Por favor, estou com tanto medo das noites longas! Não sei de outra pessoa a quem pudesse recorrer.

Eu poderia procurar Mr. Cardew no tabernáculo, mas ele não acreditaria em mim e papai é muito judicioso. Bem que eu poderia estar morta. Há alguma coisa errada com ele. As vezes, de noite, quando pensa que estou dormindo, ele fica deitado fitando a escuridão. Sei que não está certo pensar nessas coisas pecaminosas e ter o coração cheio de medo, mas não posso evitar.

Imagino que você não recebe muitas cartas como esta.

Sinceramente,

STELLA RODE (Mrs.)

Glaston

Ficou um instante imóvel na cadeira, contemplando o endereço em bela estampa azul no alto da página: "*North Fields, Colégio Carne, Dorset*". Naquele momento de abalo e espanto uma frase lhe veio à memória: "O valor da inteligência depende de sua origem". Essa era a máxima predileta de John Landsbury. Enquanto não se conhece a linhagem da informação é possível apreciar um comunicado. Sim, era o que dizia sempre: "Não somos democratas. Fechamos a porta à inteligência sem família". Ao que ela retrucava: "Sim, John, mas mesmo as melhores famílias tiveram de começar em alguma parte".

Mas Stella Rode tinha família. Lembrava-se agora. Era a filha de Glaston. A moça cujo casamento foi noticiado no editorial, a moça que venceu o

concurso de verão; a filha de Glaston, de Branxome. Havia uma ficha dela no arquivo de Miss Brimley.

De súbito ela se ergueu, a carta ainda na mão, e foi até à janela sem cortinas. Bem à sua frente havia uma jardineira contemporânea, de metal branco entrelaçado.

Era curioso, refletiu, que nunca tivesse trazido nada para plantar naquela jardineira. Baixou a vista para a rua, um vulto frágil, sensível, um pouco inclinado para a frente e emoldurado pela incandescente cerração do exterior; a cerração tornava amarelada a luz roubada das ruas de Londres. Mal podia distinguir os postes de iluminação lá embaixo, as lâmpadas pálidas e taciturnas. Daí a instantes sentiu a necessidade de ar fresco, e, num impulso inteiramente alheio à sua habitual serenidade, escancarou a janela. O frio inesperado e a furiosa onda de ruídos explodiram na sala, acompanhados pelo insidioso nevoeiro. O barulho do tráfego era constante, de modo que por um momento ela imaginou que alguma grande máquina estivesse em funcionamento. Depois, acima desse gemido contínuo, ouviu as vozes dos jornaleiros. Seus brados eram como os gritos das gaivotas ante uma tempestade em formação. Divisava-os agora, sentinelas no meio das sombras em correria.

Podia ser verdade. Essa sempre fora a dificuldade. Em plena guerra era a mesma pesquisa infatigável. Podia ser verdade. Era inútil relacionar os comunicados com a probabilidade, quando não havia uma quantidade de informações seguras que pudesse servir de ponto de partida.

Recordou o primeiro aviso procedente da França acerca de bombas voadoras, os boatos terríveis de pistas de decolagem pavimentadas de concreto nas profundezas de uma floresta. Era preciso resistir ao melodrama, era preciso manter-se firme contra ele. Contudo, podia ser verdade. Amanhã, depois de amanhã, os jornaleiros lá embaixo poderiam estar anunciando o crime, e Stella Rode, de Glaston, talvez estivesse morta. E se era assim, se havia a mais remota possibilidade de que aquele homem estivesse tramando matar aquela mulher, então ela, Ailsa Brimley, devia fazer o possível para impedir. Além disso, se alguém tinha direito à ajuda, não teria mais do que Stella Rode: tanto o pai quanto o avô dela eram assinantes da Voice, e cinco anos antes, quando Stella casou, Miss Brimley dedicara umas linhas do editorial ao acontecimento. Os Glaston lhe

enviavam um cartão de Natal todos os anos. Estavam entre as famílias que haviam encabeçado a lista de assinantes...

Fazia frio na janela, mas Miss Brimley permanecia no mesmo lugar, ainda fascinada pelas sombras quase indistintas que se juntavam e se separavam debaixo dela e pelas inúteis lâmpadas que bruxuleavam na rua. Começou a imaginá-lo como uma daquelas sombras, que se acotovelavam e esbarravam umas nas outras, os olhos de homicida convertidos em cavidades de treva. E de repente sentiu-se assustada e carente de auxílio.

Mas não a polícia, ainda não. Se Stella desejasse isso, ela mesma teria procurado. Por que não o fizera? Por amor? Por temor de parecer ridícula? Por que o instinto não era prova? A polícia queria fatos. Mas o fato de um homicídio era a morte. Deviam esperar por isso? Quem ajudaria? Pensou imediatamente em Landsbury, mas ele era fazendeiro na Rodésia. Quem mais estivera com eles na guerra? Fielding e Jebedee tinham morrido. Steed-Asprey tinha desaparecido. Smiley... onde andava ele? George Smiley, o mais inteligente e talvez o mais extravagante de todos. Claro, Miss Brimley recordava agora. Ele fizera aquele casamento inverossímil e tornara às pesquisas em Oxford. Mas não permanecera lá... O casamento desmoronara...O que é que ele tinha feito depois disso?

Voltou à escrivaninha e apanhou o volume S-Z da lista telefônica. Dez minutos depois estava num táxi, a caminho de Sloane Square. Na mão enluvada segurava uma pasta de papelão contendo a ficha de Stella Rode, que tirara do arquivo, e a correspondência trocada entre elas à época do concurso de verão. Estava quase em Piccadilly quando se lembrou de que deixara a janela do escritório aberta. Não parecia ter muita importância. - com outras pessoas é gato-persa ou golfe. Comigo é a Voice e os meus leitores. Sou uma solteirona ridícula, sei disso, mas que posso fazer? Não irei à polícia enquanto não tiver tentado algo, George.

- E pensou em me procurar.

- Isso mesmo.

Ela estava sentada no gabinete da casa de George Smiley em Bywater Street; a única luz provinha da complicada lâmpada posta em cima da escrivaninha, uma espécie de aranha negra que iluminava vivamente as notas manuscritas espalhadas na mesa.

- Então você deixou mesmo o serviço - disse ela.

- Deixei, sim - fez um vigoroso sinal afirmativo com a cabeça redonda, como se reafirmasse a si mesmo que uma experiência desagradável estava realmente encerrada, e preparou um uísque com soda para Miss Brimley. - Passei outra temporada lá depois de... Oxford.

- É completamente diferente em tempo de paz - continuou.

Miss Brimley assentiu com a cabeça.

- Imagino. Sobra mais tempo para ser internado.

Smiley nada disse. Apenas acendeu um cigarro e sentou-se diante dela.

- E o pessoal é outro. Fielding, Steed, Jebedee. Todos desaparecidos - ela disse isto num tom trivial enquanto tirava da volumosa sacola a carta de Stella Rode.

- Eis a carta, George.

Lendo-a, ele virou de leve o papel para o lado da lâmpada, o rosto redondo colhido pela luz num momento de quase cômica severidade. Ao fitá-lo, Miss Brimley indagava a si mesma que impressão causava ele nos que não o conheciam bem. Ela sempre o considerara como o homem mais esquecível que já encontrara: baixo e gordo, de óculos pesados e cabelo ralo, era à primeira vista o protótipo mesmo do solteirão fracassado de meia-idade numa ocupação sedentária. Seu natural retraimento em todas as questões práticas refletia-se nas roupas, que eram caras e inadequadas, pois ele era barro moldável nas mãos de seu alfaiate, que o explorava.

Ele pusera a carta sobre a mesinha de marchetaria que estava a seu lado e com os olhos arregalados encarava Miss Brimley.

- Essa outra carta que ela mandou, Brim, onde está?

Ela lhe entregou a pasta. Ele abriu-a e após um instante leu em voz alta a outra carta de Stella Rode:

Querida Miss Fellowship,

Gostaria de apresentar a receita seguinte ao seu concurso "Sugestões para a cozinha".

Faça a sua porção básica de massa de bolo uma vez por mês. Bata quantidades iguais de gordura e açúcar até formarem creme e acrescente um ovo para seis onças da massa. Para pudins e bolos acrescente farinha à quantidade necessária da massa básica.

A massa se conservará bem durante um mês.

Junto um envelope selado, com endereço,

Sinceramente,

Stella Rode (nè Glaston)

P.S. - A propósito, você pode impedir que a palha de aço enferruje, conservando-a numa vasilha com água de sabão. Podemos concorrer com duas sugestões? Em caso afirmativo queira aceitar esta última como a minha segunda.

- Ela ganhou o concurso - observou Miss Brimley - mas isso não é o principal. O que eu quero lhe contar é outra coisa, George. Ela é uma Glaston, e os Glaston lêem a Voice desde o primeiro número. O avô de Stella era o velho Rufus Glaston, um dos reis da cerâmicas de Lancashire; ele e o pai de John Landsbury construíram templos e tabernáculos em quase todas as aldeias da região central. Quando Rufus morreu, a Voice consagrou uma edição inteira à memória dele e o velho Landsbury redigiu de próprio punho o necrológio. Samuel Glaston assumiu a direção dos negócios do pai, mas teve de se mudar para o sul por questões de saúde. Acabou numa localidade perto de Bournemouth, viúvo com uma filha, Stella. Ela é o último rebento da família. Pode estar certo de que toda essa gente tem os pés na terra, inclusive Stella, creio eu. Tenho a impressão de que nenhum deles é dado a essas manias de perseguição. Smiley fitava-a espantado.

- Minha querida Brim, é incrível! Como é que você sabe de tudo isso?

Miss Brimley sorriu como a pedir desculpas.

- Os Glaston são como um livro aberto... a bem dizer fazem parte do semanário. Envia-nos cartões de Natal e caixas de chocolates no aniversário de nossa fundação. Temos umas quinhentas famílias que formam o que eu chamo a nossa Instituição. Estavam na Voice desde o

princípio e ainda continuam. Escrevem para nós, George; quando estão preocupados com alguma coisa, escrevem; quando se casam, mudam de endereço, se aposentam, caem doentes, e se sentem deprimidos ou irados, escrevem. Não com muita frequência, é verdade, mas bastante.

- E como é que você se lembra de tudo isso?

- Não me lembro, tenho um fichário. Eu sempre respondo às cartas, compreende, só que...

- Sim...?

Miss Brimley olhou-o séria.

- Esta é a primeira vez que alguém escreve porque está amedrontado.

- Que quer você que eu faça?

- Até agora só me ocomreu uma ideia luminosa. Se não me engano, Adrian Fielding tinha um irmão que era professor em Carne...

- É um dos prefeitos de lá, se é que ainda não se aposentou.

- Não, vai se aposentar este semestre... foi o que noticiou o Times há poucas semanas atrás naquela coluninha da página da corte onde Carne publica seus anúncios.

Dizia a notícia: "*O colégio Carne torna a reunir-se hoje para o semestre quaresmal. Mr. T. R. Fielding deverá aposentar-se no fim do semestre, tendo completado seus quinze anos estatutários como prefeito*".

Smiley riu.

- Na verdade, Brim, sua memória é invejável!

- Foi a menção do nome de Fielding... bom, de qualquer modo, acho que você podia telefonar para ele. Você deve conhecê-lo.

- Conheço, sim. Estive com ele pelo menos uma vez na mesa alta do Magdalen College. Mas... - Smiley comou um pouco.

- Mas o que, George?

- Mas, ele não é do mesmo feitio do irmão, entende?

- Como podia ser? - redarguiu Miss Brimley com certa veemência. - Mas poderá dizer alguma coisa a você a respeito de Stella Rode. E do marido

dela.

- Não creio que possa fazer isso pelo telefone. Acho que o melhor é ir vê-lo. Mas o que impede que você telefone a Stella Rode?

- Bem, não posso hoje de noite, posso? O marido deve estar em casa. Pensei em botar uma carta para ela no correio hoje de noite, dizendo que ela podia vir ver-me a qualquer momento. Mas - continuou, fazendo um leve movimento impaciente com o pé - quero fazer alguma coisa já, George.

Smiley aquiesceu com um aceno de cabeça e dirigiu-se ao telefone. Discou informações e pediu o número de Terence Fielding. Após uma espera, disseram-lhe que ligasse para o centro telefônico do Colégio Carne, que o poria em contato com quem ele quisesse falar. Miss Brimley, examinando-o, teve vontade de saber mais acerca de George Smiley, quanto daquele retraimento era simulado, até que ponto era ele vulnerável. "O melhor", Adrian dissera. "O mais forte e o melhor." Mas foram tantos os homens que aprenderam a ser fortes durante a guerra, que aprenderam coisas terríveis e que, com um estremeção, puseram de lado os conhecimentos adquiridos quando veio a paz.

O telefone chamava agora. Ele ouvia o ruído e por um instante encheu-se de apreensão. Pela primeira vez teve receio de fazer papel ridículo, receio de incorrer em explicações ineptas com pessoas suspicazes, ásperas.

- Mr. Terence Fielding, por favor...

Pausa.

-Fielding, boa-noite. Meu nome é George Smiley. Conheci muito seu irmão durante a guerra. E nós realmente nos encontramos... Sim, sim, exatamente... Magdalen, não é mesmo, no penúltimo verão? Escute. Não sei se poderia ir vê-lo a respeito de um assunto pessoal... é um pouco difícil tratar pelo telefone. Uma amiga minha recebeu uma carta um tanto alarmante da mulher de um professor de Carne... Bem, eu... Rode, Stella Rode. O marido dela...

De repente ele se enrijeceu, e Miss Brimley, os olhos fixos nele, viu com espanto como a cara gorda de Smiley se decompôs numa expressão de pena e asco. Ela já não escutava o que ele dizia. Apenas acompanhava a terrível transformação do rosto dele, os nós dos dedos embranquecidos da mão que

segurava o receptor. Ele a encarava agora, dizia alguma coisa... era muito tarde. Stella Rode estava morta.

Tinha sido assassinada em hora avançada da noite de quarta-feira. O casal havia até mesmo jantado em casa de Fielding na noite do crime.

3 – A NOITE DO CRIME

O trem das sete e cinco de Waterloo para Yeovil não é dos mais populares, embora forneça excelente café da manhã. Smiley não teve dificuldade de encontrar uma cabina de primeira classe para se instalar. Era um dia escuro, de frio penetrante, e o céu estava carregado de neve. Sentou-se encolhido dentro de uma volumosa capa de viagem de origem continental, segurando nas mãos enluvadas um feixe de jornais do dia. Como era homem meticoloso e não gostava de correria, chegara trinta minutos antes da hora de partida do trem. Ainda fatigado após as tensões da noite anterior, quando ficara conversando com Ailsa Brimley até altas horas da noite, sentia-se pouco disposto a ler. Olhando pela janela para uma estação quase vazia, avistou, com grande surpresa, a própria Miss Brimley caminhando pela plataforma e perscrutando as cabinas através das vidraças, uma sacola de viagem na mão. Baixou o vidro da janela e chamou-a.

- Minha querida Brim, que é você está fazendo aqui numa hora tão inconveniente como esta? Você devia estar deitada.

Ela sentou-se diante dele e, abrindo a sacola, foi-lhe entregando o conteúdo: garrafa térmica, sanduíches e chocolates.

- Não sabia se havia um carro-restaurante - explicou - e além disso, queria assistir à sua partida. Você é muito querido, George, e eu gostaria de ir com você, mas a Unipress endoidaria se eu fosse. A única vez que reparam na nossa existência é quando não estamos lá.

-Já viu os jornais? - indagou ele.

- Rapidamente, quando vinha para cá. Parecem achar que não foi ele, mas algum louco...

- Sei, Brim. Foi o que Fielding disse, não foi? - Houve um momento de silêncio embaraçoso.

- George, não estou sendo imbecil, deixando que você saia assim? Ontem à noite eu estava tão certa, mas agora não sei...

- Depois que você foi embora eu telefonei para Ben Sparrow, do Departamento Especial. Lembra-se dele, não? Era do nosso grupo durante a guerra. Conteí a ele a história toda.

- George! Às três da manhã?

- Sim. Ele ficou de se comunicar com o Superintendente da Divisão de Carne. Dirá a ele a história da carta e avisará que estou a caminho. Ben acha que quem estará tomando conta do caso é um sujeito chamado Rigby. Rigby e Ben fizeram o curso de polícia - encarou-a com brandura por um instante. - Além do mais, tenho andado sem o que fazer, Brim. A mudança vai me fazer bem.

- Vá com Deus, George - disse Miss Brimley, mulher bastante para acreditar nele. Levantou-se para sair e George falou:

-Brim, se você precisar de ajuda por qualquer outra coisa, e não puder me encontrar, procure um homem chamado Mendel que mora em Mitcham; é um inspetor de polícia, aposentado. O nome dele está na lista telefônica. Se você o procurar e mencionar meu nome, ele fará o que for possível por você. Reservei um quarto no Sawley Arms.

Novamente sozinho, Smiley examinou contrafeito o sortimento de comida e bebida que Miss Brimley havia trazido. Prometera a si mesmo o luxo do café da manhã no carro-restaurant.

Guardaria os sanduíches e o café para mais tarde - era o melhor que tinha a fazer; para o almoço, talvez. E tomaria o seu café da manhã como havia planejado.

No carro-restaurant Smiley leu primeiro as reportagens menos sensacionais sobre a morte de Stella Rode. Constava que na noite de quarta-feira Mr. e Mrs. Rode tinham sido convidados para jantar na casa de Mr. Terence Fielding, o prefeito mais antigo de Carne e irmão do falecido Adrian Fielding, o célebre especialista em questões de francês medieval que havia desaparecido durante o último conflito mundial quando a serviço do Ministério da Guerra. Haviam saído juntos da casa de Mr. Fielding, uns dez minutos antes das onze horas, e percorrido a pé a meia milha entre o centro de Carne e a residência deles, que se erguia solitária na orla dos famosos campos de jogos do colégio. Ao chegarem a casa, Mr. Rode lembrou-se de

ter deixado na casa de Fielding algumas provas que tinham de ser corrigidas naquela mesma noite.

(Nesse ponto Smiley lembrou-se de que esquecera de botar na maleta seu dinner jacket e que Fielding iria sem dúvida convidá-lo para jantar.)

Em vista disso, Rode resolveu ir buscar as provas na casa de Fielding, tendo saído então cinco minutos depois das onze. Acredita-se que Mrs. Rode preparou uma xícara de chá e sentou-se na sala de visitas para esperar a volta do marido.

Adjacente aos fundos da casa há uma estufa, cuja porta interior dá para a sala de visitas. Foi ali que Rode, ao voltar, encontrou sua mulher.

Havia sinais de luta e deu-se pela falta de algumas jóias não muito caras que a vítima usara naquela noite. A confusão na estufa era tremenda. Por sorte nevara na tarde de quarta-feira, e os detetives de Dorchester estavam examinando as pegadas e outros sinais logo ao amanhecer de quinta-feira. Mr. Rode fora recolhido ao Hospital Central de Dorchester em estado de choque. A polícia pretendia entrevistar uma mulher que morava na aldeia de Pylle, nas vizinhanças do colégio, e que era conhecida pelo nome de "Janie Louca" em virtude de seus hábitos excêntricos e solitários. Mrs. Rode, que era bastante popular em Carne por força de sua atividade incansável em benefício do Ano Internacional dos Refugiados, evidenciara interesse caridoso pelo bem-estar daquela mulher, que havia sumido sem deixar vestígios desde a noite do crime. A polícia era de parecer que o assassino avistara Mrs. Rode pela janela da sala de visitas (ela não havia cerrado a cortina) e que Mrs. Rode abrira a porta da frente ao assassino, acreditando tratar-se do marido que voltava da casa de Mr. Fielding. O médico do Ministério do Interior ia proceder a uma autópsia.

As outras notícias não eram tão moderadas: "*O mais horripilante dos crimes profanou os abençoados campos de jogos de Carne*", rezava um artigo, e outro: "*Professor de ciências descobre mulher assassinada na estufa alagada de sangue*". Um terceiro bradava: "*Mulher louca procurada no crime de Carne*". com uma expressão de repugnância,

Smiley embrulhou todos os jornais, exceto o Guardian e o Times, e atirou-os na prateleira da bagagem.

Em Yeovil fez baldeação para uma linha local que levava a Sturminster, Okeford e Carne. Passavam poucos minutos de onze horas quando afinal chegou à estação de Carne.

Da estação telefonou para o hotel e enviou a bagagem na frente por um táxi. O Sawley Arms só enchia por ocasião da Comemoração e no Dia de Santo André. A maior parte do ano ficava às moscas; erguia-se como uma empertigada senhora vitoriana, o telhado de ardósia visível na claridade cor-de-malva da manhã no centro de relvados mal cuidados, a meio caminho entre a estação e a Abadia de Carne.

A neve cobria o chão, mas o dia era agradável e seco. Smiley resolveu ir a pé para a cidade e combinar um encontro com o oficial de polícia encarregado de investigar o crime. Saiu da estação, que conservava seu toque de austeridade vitoriana, e caminhou pela avenida, ladeada de árvores nuas, que conduzia para a majestosa torre da abadia, lisa e negra contra o céu incolor do inverno. Atravessou o pátio da abadia, uma praça serena e bela de casas medievais, os telhados cobertos de neve, os gramados alvos sombreados com leves pinceladas de relva. Ao passar pela porta oeste da abadia, a neve fofa estalando sob seus pés, o relógio bem acima de sua cabeça badalou a meia hora e dois cavaleiros montados surgiram fora do castelinho no alto da porta e vagarosamente ergueram as lanças um para o outro em saudação. Então, como se fosse tudo parte do mesmo maquinismo do relógio, outras portas em volta do pátio se abriram também, libertando enxames de rapazes de casacos negros que se precipitaram pela neve em direção à abadia. Um garoto passou tão rente que sua beca roçou na manga de Smiley.

- Que se passa? - perguntou Smiley enquanto o outro corria.

- Sexta - gritou o menino em resposta e foi embora.

Atravessou a entrada principal do colégio e achou-se na parte municipal da cidade, um lúgubre reino encantado do século XIX, construído com pedra local, entretecido numa barafunda de chaminés góticas e janelas ameaçadas. Aí estava a prefeitura, e, ao lado dela, com o pavilhão de São Jorge arvorado no topo do mastro, o Quartel-General da Força Pública de Carne, erigido noventa anos antes para resistir aos assaltos de arqueiros e aríetes.

Deu seu nome ao sargento de serviço e pediu para ver o oficial que investigava a morte de Mrs. Rode. O sargento, homem idoso e inescrutável,

dirigiu-se para o telefone com certa formalidade, como se estivesse a ponto de executar um difícil passe de mágica. Para sua surpresa, Smiley foi informado de que o Inspetor Rigby teria prazer em vê-lo imediatamente, e um policial recebeu a incumbência de indicar o caminho. Smiley foi a passo veloz por uma larga escadaria erguida no centro do vestíbulo e em poucos instantes achou-se diante do Inspetor.

Este era bem baixinho e de ombros muito largos. Assemelhava-se a um celta das minas de estanho da Cornualha ou das minas de carvão do País de Gales. O cabelo cinzento-escuro, cortado quase rente ao crânio, formava uma ponta no meio da testa como um gorro do diabo. As mãos eram grandes e fortes. Tinha o tronco e a postura de um lutador, mas falava compassadamente, com um leve sotaque de Dorset. Smiley percebeu de imediato que ele tinha uma qualidade rara entre os homens de pequena estatura: a sinceridade.

Embora os olhos fossem escuros e brilhantes e os movimentos do corpo fossem rápidos, toda a sua figura transmitia uma impressão de honestidade e franqueza.

- Ben Sparrow telefonou-me hoje de manhã, senhor. Tenho muito prazer em vê-lo. Acredito que trouxe uma carta para mim.

Rigby olhou pensativamente para Smiley, que estava do outro lado da mesa, e concluiu que gostou do que viu. Tinha participado da guerra e ouvira falar um pouco, só um pouco, das tarefas do serviço de George Smiley. Se Ben tivesse dito que Smiley era bom sujeito, isso teria sido suficiente para ele - ou quase. Mas Ben dissera mais do que isso.

"Parece uma rã, veste-se como um corretor de apostas do turfe e tem um cérebro pelo qual eu seria capaz de dar meus olhos. Teve uma guerra séria. Séria mesmo."

Muito bem, parecia uma rã, certo. Baixo e gordo, óculos redondos com lentes espessas que lhe aumentavam os olhos. E as roupas eram peculiares. Caras, sem dúvida; isso era evidente. Mas o paletó parecia cair em dobras onde não havia lugar para dobras. O que surpreendeu Rigby foi a timidez do homem. Rigby esperara alguém um tanto despachado, um tanto estouvado demais para Carne, ao passo que Smiley tinha certa austeridade de maneiras que atraía o gosto conservador de Rigby.

Smiley tirou a carta da carteira e colocou-a na escrivadinha, enquanto Rigby sacava uns óculos velhos de uma caixa de metal bastante usada e ajustava as hastes por cima das orelhas.

- Não sei se Ben explicou - disse Smiley - mas esta carta foi enviada à seção de correspondência de um pequeno semanário não-conformista do qual Mrs. Rode era assinante.

- E Miss Fellowship é a senhora que lhe levou a carta.

- Não; o nome dela é Brimley. Ela é a redatora-chefe do periódico. Fellowship é só um pseudônimo para a coluna de correspondência.

Os olhos escuros fixaram-se nele por um momento.

- Quando ela recebeu esta carta?

- Ontem, dezessete. Quinta-feira é o dia da impressão do semanário, um dia cheio. Em geral a correspondência recebida de tarde só é aberta à noite. Esta foi aberta às seis horas, suponho.

- E ela levou logo a carta para o senhor, não é verdade?

- É, sim.

- Por quê?

- Ela trabalhou para mim durante a guerra, em meu departamento. Achou que não devia procurar a polícia... Eu era a única pessoa em quem ela podia pensar, que não fosse da polícia - acrescentou estupidamente: - Que podia ajudar, quero dizer.

- Posso saber o que é que o senhor faz para ganhar a vida?

- Pouca coisa. Algumas pesquisas particulares sobre a Alemanha do século XVII - pareceu uma resposta tola.

Rigby não deu a impressão de se incomodar.

- E que carta anterior é essa de que fala aqui? - Smiley ofereceu-lhe o segundo envelope, e novamente a mão grande e quadrada recebeu-o.

- Ela parece ter ganho o concurso - Smiley explicou. - Essa foi a sua sugestão vitoriosa. Sei que Mrs. Rode descende de uma família que é assinante da revista desde que foi fundada. Por isso é que Miss Brimley

estava pouco inclinada a considerar a carta como mero disparate. Não se segue daí.

- Não se segue daí o quê?

- Quero dizer que o fato de sua família ser assinante da revista há cinquenta anos não influi logicamente na possibilidade de que Mrs. Rode fosse desequilibrada.

Rigby assentiu com uma inclinação da cabeça, como se percebesse a questão, mas Smiley teve a impressão desagradável de que ele não percebera.

-Ah! - disse Rigby com um sorriso pachorrento. - Mulheres.

Smiley, completamente embaraçado, deu uma risadinha. Rigby fitava-o meditativo.

- Conhece algum representante do corpo docente do colégio?

- Só Mr. Terence Fielding. Conhecemo-nos num jantar em Oxford há algum tempo. Pensei em ir procurá-lo. Conheci muito o irmão dele.

Rigby pareceu formalizar-se ligeiramente ao ouvir o nome de Fielding, mas não disse nada, e Smiley continuou:

- Foi para Fielding que eu telefonei quando Miss Brimley me trouxe a carta. Ele me deu a notícia. Isso foi ontem à noite.

-Sei.

Novamente trocaram um olhar em silêncio. Smiley frustado e levemente cômico, Rigby avaliando-o, sem saber quanto devia dizer.

- Quanto tempo pretende passar aqui? - perguntou afinal.

- Não sei - respondeu Smiley. - Miss Brimley queria vir pessoalmente, mas tinha o semanário para cuidar. Estava empenhada em fazer tudo que estivesse ao seu alcance por Mrs. Rode, mesmo com ela já morta. Porque era uma assinante, é claro. Prometi tomar as providências para que a carta chegasse rapidamente as mãos certas. Acho que, fora isso, tenho pouca coisa a fazer. Talvez fique um dia ou dois para ver Fielding... ir ao enterro, suponho. Reservei cômodos no Sawley Arms.

- bom hotel.

Rigby repôs os óculos na caixa e guardou a caixa numa gaveta.

- Curioso lugar este. Há um fosso imenso entre a cidade e o colégio. Nenhum dos dois lados conhece nem estima o outro. É o medo que faz isso, medo e ignorância. Dificulta as coisas num caso como este. Veja bem: posso fazer uma visita a Mr. Fielding e Mr. D'arcy. Eles dizem: "bom dia, sargento" e me oferecem uma xícara de chá na cozinha. Mas não posso viver no meio deles. Têm uma comunidade própria, na qual nenhum estranho pode entrar. Nada de bate-papo nos bares, nada de contatos, nada... só xícaras de chá e fatias de bolo e chamar a gente de Sargento Rigby deu uma gargalhada repentina e Smiley riu também, aliviado. Há uma porção de coisas que eu gostaria de perguntar a eles; quem se dava com os Rode e quem não se dava, se Mr. Rode é bom professor e se sua mulher se ajustava ao modo de vida das outras. Tenho todos os fatos de que preciso, mas me faltam as roupas com que vesti-los-lançou a Smiley um olhar de expectativa. Houve um silêncio bastante prolongado.

- Se quer minha colaboração, darei com o maior prazer - falou Smiley por fim. - Mas primeiro me forneça os fatos.

- Stella Rode foi assassinada entre onze e dez e quinze para as doze da noite de quarta-feira, dezesseis. Deve ter sido golpeada quinze a vinte vezes com um cacete ou um pedaço de cano ou alguma coisa assim. Foi um crime pavoroso... pavoroso. Há marcas pelo corpo todo. Como palpite eu diria que ela saiu da sala de visitas para atender a um sinal da campainha da porta da frente. Quando abriu a porta, foi atirada ao chão e arrastada para a estufa. A porta da estufa não estava fechada a chave, compreende?

- Compreendo... É curioso que o assassino soubesse disso, não é?

- Talvez ele já estivesse escondido por lá; não se pode saber pelas marcas encontradas. Ele usava botas... botas de cano alto e boca larga, número 44. Pela distância de uma pegada para outra no jardim, pode-se dizer que ele tinha mais de um metro e oitenta. Depois de levar a mulher para a estufa, deve ter batido nela sem parar... principalmente na cabeça. Há um bocado daquilo que nós chamamos de "sangue viajado" na estufa, isto é, sangue jorrado de uma artéria aberta. Não há sinal dele em nenhuma outra parte.

- Nem sinal dele no marido?

- Tocarei nesse ponto mais tarde, mas, para encurtar a história, direi: não.

Fez uma breve pausa e prosseguiu:

- Muito bem. Eu disse que havia pegadas, e havia. O assassino passou pelo quintal dos fundos. De onde veio e para onde foi, só Deus sabe. Veja bem: não há pistas para fora da casa... nada de botas. Nada mesmo. Naturalmente é possível que as marcas de saída seguissem a trilha que vai dar no portão da frente, mas estão perdidas depois do incessante entrar e sair daquela noite. Entretanto, não creio que tenhamos perdido todas as pistas.

Olhou de relance para Smiley e depois continuou:

- Ele deixou uma coisa na estufa... um velho cinturão de pano azul-marinho. Pelo aspecto, deve pertencer a um sobretudo barato. Estamos investigando isso agora.

- E ela foi... roubada ou coisa parecida?

- Nenhum sinal de interferência. Ela estava usando um colar de contas verdes no pescoço. Isso desapareceu. E parece que ele tentou tirar os anéis do dedo dela, mas estavam muito apertados.

Fez nova pausa.

- Não preciso dizer que temos informações de todos os recantos do país acerca de homens altos, de sobretudos azuis e botas de borracha. Mas, ao que eu saiba, nenhum deles tinha asas. Ou botas de sete léguas para saltar da estufa para a estrada.

Interromperam-se quando um policial entrou com chá numa bandeja. O rapaz colocou a bandeja na escrivaninha, lançou um olhar de esguelha para Smiley e resolveu deixar que o Inspetor servisse. Rodou o bule de modo a virar a asa para o lado de Rigby e retirou-se. Smiley entreteve-se observando o aspecto imaculado da toalha da bandeja, a combinação da louça com o coador, postos diante deles pelas mãos enormes do policial. Rigby despejou o chá nas xícaras e ambos sorveram uns goles em silêncio.

Havia, Smiley refletiu, algo devastadoramente competente em Rigby. A própria normalidade do homem e de sua sala identificava-o com a sociedade a que dava proteção. O mobiliário comum, os arquivos de madeira, as paredes nuas. O telefone arcaico com o receptor separado, a barra marrom circulando a parede e a pintura marrom da porta, o linóleo faiscante e o leve cheiro de ácido carbólico, a burburejante lareira a gás e o

calendário da Prudential - todas essas coisas testemunhavam proibidade e moderação; a austeridade era reconfortante e tranquilizadora.

Rigby retomou a exposição:

- Rode voltou à casa de Fielding para apanhar as provas. Isso é confirmado por Fielding, naturalmente. Chegou à casa de Fielding aí pelas 11:35 h é o que diz o próprio Fielding. Não se demorou por lá... apenas o tempo suficiente para apanhar os papéis à porta... eles estavam numa pasta especial onde carrega os cadernos. Não se lembra de ter visto ninguém na estrada. Acha que uma bicicleta passou por ele, mas não tem certeza. Se aceitamos o depoimento de Rode, ele foi direto para casa. Quando chegou lá, tocou a campainha. Vestia um dinner jacket e assim não levava a chave consigo. A mulher esperava que ele tocasse a campainha, note bem. É o diabo. A noite era de lua, veja bem, e o chão estava coberto de neve. Podia-se enxergar a uma distância bem razoável. Ele chamou-a, mas ela não respondeu. Foi aí que notou as pegadas indo para o oitão. Não eram só pegadas, mas também as manchas de sangue e a neve, tudo misturado no lugar por onde o corpo tinha sido arrastado para a estufa. Mas sob a luz da lua ele não pensou que fosse sangue. As manchas pareciam escuras. Rode declarou depois que pensou que fosse água suja escorrendo da calha para a trilha. Seguiu as pegadas até a estufa. Estava muito escuro lá dentro. Às cegas, achou o interruptor, mas este não estava funcionando.

- Acendeu um fósforo?

- Não, não tinha. Não fuma. A mulher não aprovava o fumo. Da porta, onde estava, deu uns passos à frente. As paredes da estufa são de vidro, menos no pé, coisa de um metro de altura, mas a cobertura é de telha. A lua ia alta naquela noite, e a claridade que entrava era pouca, exceto pela janela entre a sala de visitas e a estufa...mas a mulher acendera apenas a lâmpada da mesinha na sala de visitas. Assim, ele foi avançando às apalpadelas, falando o tempo todo, chamando por Stella, sua mulher. Nisto, tropeçou numa coisa e quase caiu. Ajoelhou-se, e, com as mãos, tateou todo o corpo da mulher. Percebeu que as mãos estavam cobertas de sangue. Daí por diante quase não se recorda de mais nada. Mas a uns cem metros, subindo a estrada, mora um professor antigo. Mr. D'Arcy é o nome dele. Mora com a irmã. D'Arcy ouviu-o gritar e foi ao encontro dele. Rode tinha sangue nas mãos e no rosto e parecia fora de si. D'Arcy telefonou para a polícia e mais ou

menos à uma hora da manhã eu estava lá. Já vi muita coisa horripilante em minha vida, mas, como essa, nunca. Sangue por toda parte. Quem cometeu o crime devia estar banhado de sangue. Há uma torneira na parede da estufa, pelo lado de fora. A torneira tinha sido aberta, provavelmente pelo assassino para lavar as mãos. Os investigadores encontraram manchas de sangue na neve debaixo da torneira. Acho que a torneira tinha sido instalada pouco antes por Mr. Rode...

- E impressões digitais? - indagou Smiley. - Não havia?

-As de Mr. Rode estavam em tudo. No soalho, nas paredes e janelas, no próprio cadáver. Mas havia outras impressões: marcas de sangue, nada mais do que isso, feitas provavelmente com mão enluvada.

- E eram as do assassino?

- Tinham sido feitas antes que Rode deixasse as suas. Às vezes as impressões de Rode estavam em parte superpostas às da luva.

Smiley calou-se um instante.

- Essas provas que ele voltou para apanhar eram assim tão importantes?

- Sim. Suponho que eram. Até certo ponto, pelo menos. As notas tinham de ser entregues a Mr. D'Arcy até o meio-dia da sexta-feira.

- Mas por que ele as levou para a casa de Fielding, em primeiro lugar?

- Não levou. Passara a tarde toda fiscalizando exames e as provas lhe chegaram às mãos às seis horas. Meteu-as na pasta e mandou-as levar para a casa de Fielding por um rapazinho... chefe da turma de Fielding, chamado Perkins. Rode estava incumbido do serviço religioso na semana passada. Por isso não teve tempo de voltar para casa antes do jantar.

- E onde mudou de roupa então?

- No vestiário dos instrutores, ao lado da sala dos professores. Há facilidades lá, principalmente para os instrutores de jogos que moram um pouco longe de Carne.

- O rapaz que levou a pasta para a casa de Fielding... quem é ele?

- Não sei mais do que o que já lhe contei. Chama-se Perkins; é chefe da turma de Fielding. Fielding falou com ele e confirmou a declaração de Rode... Os prefeitos são muito ciosos de seus rapazes, compreende? Não

admitem que os meninos sejam interrogados por policiais rudes - Rigby parecia levemente contrariado.

- Compreendo - disse Smiley por fim, atarantado. Um instante depois, perguntou: - Mas como explicar a carta?

- Não é só a carta que temos de explicar. Smiley encarou-o com firmeza:

- O que quer dizer com isso?

-Quero dizer-respondeu Rigby calmamente-que Mrs. Rode andou fazendo muitas coisinhas esquisitas nas últimas semanas.

4 – A CIDADE E O COLÉGIO

Rode era não-conformista, é claro-continuou Rigby- e não-conformistas formam uma grande comunidade em Carne. Para dizer a verdade - acrescentou com um sorriso fleumático.

- minha mulher também é. Há coisa de duas semanas recebi a visita do nosso pastor. Foi uma noite, por volta das seis e meia, suponho. Eu já estava de saída para casa. Ele entrou e sentou-se aí onde você está sentado agora. O pastor é um tipo grandalhão, bom sujeito. É do Norte, da mesma região de Mrs. Rode. O nome dele é Cardew.

- O Cardew da carta?

- Ele mesmo. Conhecia a família de Mrs. Rode antes que os Rode viessem para cá. Glaston é um nome importante lá no Norte, e Mr. Cardew ficou satisfeito de saber que Stella Rode era filha de Mr. Glaston; muito satisfeito mesmo. Mrs. Rode frequentava o tabernáculo com a maior pontualidade, e todos estavam entusiasmados com isso. Minha mulher, então, não cabia em si de contente, posso lhe garantir. Acho que era a primeira vez que alguém do colégio se comportava desse modo. Na maioria, os não-conformistas daqui são gente do comércio... moradores da cidade. - Rigby tornou a sorrir. - Não é todos os dias que a cidade e o colégio se dão as mãos, por assim dizer. Pelo menos aqui.

- E o marido dela? Era também não-conformista? - bom, tinha sido, conforme ela contou a Mrs. Cardew. Mr. Rode nasceu e criou-se em Branxome, e toda a sua família era nãoconformista. Acho que Mr. e Mrs. Rode se conheceram no Tabernáculo de Branxome. Já estive lá alguma vez? Belo templo o de Branxome, no alto da colina, dando vista para o mar.

Smiley balançou a cabeça e os grandes olhos castanhos de Rigby fitaram-no pensativamente por um momento.

- Vale a pena ver-disse -, vale a pena ir até lá. Parece - continuou - que Mr. Rode passou para a Igreja Anglicana quando veio para Carne. E tentou mesmo convencer sua mulher a acompanhá-lo. Os anglicanos são muito

fortes no colégio; foi o que minha mulher me disse, aliás. Em geral não permito que ela viva bisbilhotando por aí, sendo a mulher de um policial... mas foi o próprio Mr. Cardew quem contou a ela.

- Entendo - disse Smiley.

- Pois bem, Cardew veio me ver. Estava preocupado e aborrecido consigo mesmo. Não sabia o que fazer, mas queria falar comigo como amigo e não como policial - Rigby parecia exasperado. - Quando me dizem isso, vejo logo que o que querem mesmo é falar com o policial. Então ele me contou sua história. Mrs. Rode tinha ido vê-lo naquela tarde. Ele tinha saído para visitar a mulher de um lavrador de Okeford e só chegou a casa aí pelas cinco e meia, mais ou menos, de modo que Mrs. Cardew teve de falar com ela e aguentar o rojão até a volta do pastor. Mrs. Rode estava pálida e imóvel numa cadeira perto da lareira. Assim que o pastor entrou, Mrs. Cardew deixou-os a sós e Stella Rode começou a falar a respeito do marido.

Fez uma pausa.

- Disse ela que Mr. Rode ia matá-la. Nas noites longas. Parecia ter uma espécie de fixação de que ia ser assassinada nas noites longas. A princípio Cardew não a levou muito a sério, mas depois, pensando melhor, achou que devia comunicar-me.

Smiley fitou-o curioso.

- Ele não sabia como interpretá-la. Pensou que ela tivesse perdido o juízo. Ele é um homem com os pés na terra, embora seja pastor. Perguntou a Mrs. Rode qual era o motivo desse pensamento tenebroso, e caiu no choro. Não histérico, ao que parece, mas um choro calmo, de alívio. Ele procurou tranquilizá-la, prometeu dar-lhe toda a ajuda possível e tornou a perguntar o que era que lhe havia dado essa ideia. Ela se limitou a balançar a cabeça. Depois se levantou, caminhou para a porta, balançando ainda a cabeça em desespero. Voltou-se para o pastor, e ele pensou que ela ia dizer alguma coisa, mas não. Foi embora.

- É muito estranho - disse Smiley - que ela tenha mentido a esse respeito na carta. Chegou mesmo a dizer que não tinha dito nada a Cardew.

Rigby encolheu os ombros enormes.

- Permita-me dizer-lhe - falou ele - que eu estou numa situação danada de embaraçosa. O Chefe de Polícia preferirá mil vezes cortar o pescoço a chamar a Scotlant Yard. Quer uma prisão e para já. Temos tantas pistas que dão para cobrir uma árvore de Natal: pegadas, hora do crime, indícios das roupas do assassino e até mesmoa própria arma.

Smiley encarou-o surpreso.

- Vocês encontraram a arma?

Rigby hesitou. - É. Encontramos. Ninguém sabe disso, e eu lhe peço o maior sigilo. Encontramos na manhã seguinte ao crime, uma légua ao norte de Carne na estrada de Okeford, atirada numa vala. Uns cinquenta e poucos centímetros daquilo que chamamos cabo coaxial. Sabe o que é isso? Há de todos os tamanhos, mas esse pedaço mede uns cinco centímetros de diâmetro. Tem uma barra de cobre no meio e um isolante de plástico entre a barra e a capa externa. Havia manchas de sangue nele... do grupo sanguíneo de Stella Rode, e cabelos da cabeça dela pregados no sangue. Estamos mantendo isso em segredo. Graças a Deus foi encontrado por um dos nossos homens. Indica o caminho percorrido pelo criminoso.

- Não há dúvida alguma de que se trata mesmo da arma? Smiley perguntou de modo pouco convincente.

- Encontramos partículas de cobre nas feridas do cadáver.

- É estranho, não é? - sugeriu Smiley pensativo. - É estranho que o assassino tenha ido tão longe antes de se livrar da arma. Especialmente se estava andando a pé. O normal seria jogá-la fora o mais cedo possível.

- É, sim. É muito estranho. A estrada de Okeford margeia o canal cerca de uns três quilómetros. Ele podia ter atirado o cabo em qualquer ponto do canal. Não sei se poderíamos ser mais astutos.

- O cabo era velho?

- Não muito. Do tipo padrão. Podia ter vindo de qualquer outra parte.

Rigby hesitou um instante; depois, abriu-se sem reservas:

- Escute aqui, vou lhe dizer o que penso de tudo isso. As circunstâncias desse caso exigem certo tipo de investigação: muita pesquisa, minucioso trabalho de laboratório, inquéritos em massa. Isto é o que o Chefe deseja e ele tem razão. Não temos nada a alegar contra o marido, e, para ser franco,

ele é de pouca utilidade para nós. Parece um tanto confuso, um pouco vago, contradizendo-se em coisinhas sem importância, como a data do casamento ou o nome do seu médico. É o abalo, naturalmente. Já vi isso antes. Sei tudo sobre a sua carta, e é muito esquisito, mas se você me disser como é que ele pôde sacar um par de botas do chapéu e fazê-las desaparecer depois, como liquidou a mulher a pauladas sem se cobrir com mais do que umas poucas manchas de sangue, e largou a arma a uns seis quilômetros da cena do crime, tudo isso dentro dos dez minutos em que

estive na casa de Fielding, eu lhe ficarei imensamente grato. Estamos à procura de um estranho, um sujeito de mais de um metro e oitenta, usando botas de cano alto, novas, sola de borracha e número 44, luvas de couro e um velho sobretudo azul manchado de sangue. Um homem que andava a pé, que se encontrava na área de North Fields entre 11:10 h e 11:45 h da noite do crime, que partiu na direção de Okeford, levando consigo um cabo coaxial com quase sessenta centímetros de comprimento, um colar de contas e um broche de diamante de imitação, avaliado em vinte e três xelins e seis pences. Estamos à procura de um maníaco, de um homem que mata por prazer ou pelo preço de uma refeição - Rigby fez uma pausa, sorriu pensativamente e acrescentou: - Que pode voar uns vinte metros em pleno ar. Mas com informações dessa ordem em que podemos aplicar nosso tempo? O que mais podemos procurar? Não posso destacar homens para caçar sombras quando é preciso realizar esse tipo de trabalho.

- Compreendo.

- Mas sou um velho policial, Mr. Smiley, e gosto de saber onde estou pisando. Não gosto de procurar gente em quem não acredito e não gosto de que me afastem das testemunhas. Gosto de encontrar as pessoas e conversar com elas, meter o bedelho aqui e ali, conhecer o terreno. Mas não posso fazer isso no colégio. Está me entendendo? Por isso temos de confiar em laboratórios, em cães treinados e buscas em todo o país, mas a verdade é que em meu íntimo acho que nada disso vem ao caso.

- Os jornais falam de uma mulher, uma tal de Janie Louca... -vou tocar nesse ponto. Mrs. Rode era uma senhora bondosa, tratável. Esta é minha opinião, afinal. Certas mulheres lá do templo tinham antipatia por ela, mas você sabe como são as mulheres. Parece que ela passou a se interessar por essa pobre Janie, que vive pedindo esmolas, vendendo ervas e berloques

pelas portas dos fundos; você sabe como é. É aluada, conversa com passarinhos, essa coisa toda. Mora numa capela normanda abandonada, para os lados de Pylle. Stella Rode dava-lhe comida e roupas... a pobre coitada quase nunca tinha o que comer. Agora Janie desapareceu. Foi vista logo cedo na noite de quarta-feira, no caminho de North Fields. De lá para cá ninguém a viu mais. Isso não tem importância nenhuma. Essas pessoas aparecem e desaparecem quando lhes dá na veneta. Passam anos e anos por aí e um dia somem como a neve no fogo. Morrem num valado, às vezes, ou caem doentes e ficam se arrastando pelo chão. Janie não é a única aluada que temos na redondeza. Houve muito falatório porque descobrimos algumas pegadas ao longo da orla das árvores bem no extremo do jardim. Pareciam marcas de pés femininos e em certo ponto se aproximavam bastante da estufa. Podia ser uma cigana ou mendiga. Podia ser o que se quisesse, mas acho que era Janie mesmo. Espero que tenha sido mesmo; uma testemunha ocular, ainda que fosse louca, nos ajudaria muito.

Smiley ergueu-se. Ao trocarem um aperto de mão, Rigby falou:

- Até logo, senhor. Telefone-me a qualquer hora que desejar - rabiscou um número de telefone no bloco que estava à sua frente, arrancou a folha e entregou-a a Smiley.

- É o número da minha casa - conduziu Smiley até à porta, pareceu hesitar e depois disse: - O senhor não é um carneano por acaso, é?

- Santo Deus! Não.

Novamente Rigby hesitou. - O nosso chefe é carneano, sim. Foi do Exército da Índia. Brigadeiro Havelock. Este é seu último ano. Ele está muito interessado nesse caso. Não gosta de me ver futricando no colégio. E não verá.

- Compreendo. é

- Quer uma prisão imediatamente.

- E fora de Carne, suponho.

- Até logo, Mr. Smiley. Não deixe de me telefonar. Ah, sim, outra coisa que esqueci de mencionar. O tal pedaço de cabo...

- Sim?

- Rode utilizou um do mesmo tipo numa lição sobre rudimentos de eletrônica. Perdeu-o há coisa de três semanas.

SMILEY DIRIGIU-SE VAGAROSAMENTE para o hotel.

Minha querida Brim,

Assim que cheguei, entreguei sua carta ao homem do Departamento de Investigações Criminais que está encarregado do caso. Era Rigby mesmo, como Ben imaginara.

Ele parece uma mistura do Pequeno Polegar com um anão da Cornualha, de tão baixotinho e largo que é, mas acho que não é nenhum toleirão.

Para começar pelo meio, nossa carta não teve o efeito que esperávamos. Stella Rode na realidade contou a Cardew, o ministro batista local, há umas duas semanas, que o marido estava querendo matá-la nas noites longas-quais, não sei exatamente. Quanto às circunstâncias do crime, o relato do Guardian é, em essência, fidedigno.

Na verdade, quanto mais Rigby me contava, menos provável se tornava que ela tivesse sido assassinada pelo marido. Quase tudo aponta para bem longe dele. Afora o motivo, há a localização da arma, as pegadas na neve (que indicam um homem alto calçado de botas), a presença não identificada de marcas de luvas na estufa. Acrescente-se a isto o argumento mais forte de todos: quem quer que a tenha assassinado deve ter ficado coberto de sangue-a estufa oferecia um espetáculo pavoroso, disse-me Rigby.

Naturalmente havia sangue em Rode quando ele foi encontrado por um colega seu na alameda, mas apenas manchas que podiam provir do fato de ter ele tropeçado no cadáver no escuro. Aliás, as pegadas vão somente até ao jardim e não passam dali.

No estado alual das coisas, só há, como Rigby frisa, uma interpretação: o assassino era um estranho, um vagabundo, um louco talvez, que matou por prazer ou para roubar as jóias (que não valiam nada) e saiu pela estrada de Okeford, atirando a arma numa vala. (Mas por que carregá-la mais de

uma légua - e por que não atirá-la no canal do outro lado da vala? A estrada de Okeford atravessa Okemoor, que é todo cortado de diques para impedir as inundações.) Se esta interpretação é correta, então suponho que atribuímos a carta de Stella e sua entrevista com Cardew a uma mente atormentada, ou à premonição da morte, se somos supersticiosos. Se tal é o caso, trata-se da mais monstruosa das coincidências de que tenho notícia. O que me leva ao ponto decisivo.

Pude depreender do que Rigby não disse que o Chefe de Policia não o deixa em paz, insistindo em que se vasculhe o país à cata de vagabundos metidos em sobretudos azuis manchados de sangue (lembre-se do cinto). Rigby, é claro, não tem outra saída senão seguir os sinais e fazer como o chefe deseja. Mas é evidente que está inquieto com alguma coisa, algo que ou não quis me dizer ou não sabe exprimir. Acho que foi sincero quando me pediu que lhe contasse tudo quanto apurasse lá pelo colégio a respeito dos próprios Rode, da maneira como eles viviam na comunidade e assim por diante. As paredes conventuais de Carne ainda são muito altas, acha ele...

Assim, vou farejar um pouco ever o que está acontecendo. Telefonei a Fielding quando voltei da delegacia e ele me convidou para cear hoje de noite.

Tornarei a escrever para você logo que tiver alguma coisa para contar.

GEORGE

Tendo fechado cuidadosamente o envelope, comprimindo os cantos com os polegares, Smiley trancou a porta e começou a descer a larga escadaria de mármore, pisando cautelosamente na rala passadeira de fibra de coco que se estendia pelo centro. Havia no vestíbulo uma caixa de correio, de madeira, pintada de vermelho, para uso dos hóspedes, mas Smiley, sendo um homem prevenido, evitou-a. Caminhou até o marco postal situado na esquina da rua, enfiou nele a carta e ficou indeciso quanto ao almoço. Havia, naturalmente, os sanduíches e o café trazidos por Miss Brimley. com relutância, voltou ao hotel. Estava apinhado de repórteres, e Smiley odiava

repórteres. Também estava frio, e ele odiava o frio. E havia algo bastante familiar acerca de sanduíches num quarto de hotel.

5 – GATO E CACHORRO

Eram sete horas quando George Smiley galgou os degraus que conduziam à porta da frente da casa de Terence Fielding. Tocou a campainha e foi introduzido na saleta por uma mulher baixinha e rechonchuda de cinquenta e poucos anos. A sua direita os toros da lareira crepitavam calidamente sobre um monte de cinzas, e, acima de sua cabeça, ele se deu vagamente conta da existência de uma varanda e de uma escada de mogno espiralando em direção à parte superior da casa. Quase toda a claridade da sala parecia vir da lareira, e Smiley notou que as paredes circundantes ostentavam grande número de quadros de vários estilos e períodos e que a cornija da lareira estava repleta de todos os tipos de objetos de arte com involuntário estremecimento, reparou que nem o lume nem os quadros conseguiam eliminar o leve odor de internato - de graxa para lustrar comprada por atacado, de chocolate em pó e de cozinha comunitária. Da saleta partiam corredores, e Smiley observou que a parte inferior de cada parede estava pintada de marrom-escuro ou verde, de acordo com o ditame inflexível dos decoradores do colégio.

Num desses corredores surgiu o vulto imponente de Terence Fielding.

Ele avançou para Smiley, maciço e jovial, com sua esplêndida juba grisalha derramando-se pela testa e a beca encapelando-se às suas costas.

- Smiley? Ah! Foi recebido por True, não é isso?... Miss Truebody, minha governanta? Maravilhosa esta neve, não acha? Puro Breughel! Viu os rapazes patinando no Evot? Espetáculo maravilhoso! Vestes negras, cachecóis coloridos, sol pálido; está tudo lá, não é verdade? Tudo! Breughel ao natural. Maravilhoso!

Tomou o sobretudo de Smiley e atirou-o sobre uma decrepita cadeira de pinho com assento de junco, localizada no canto da saleta.

- Gosta daquela cadeira... está reconhecendo, não está?

- Acho que não - Smiley respondeu com certo embaraço.

-Ah, que nada. Reconhece, sim! Encomendei-a na Provença antes da guerra. A um marceneiro meu conhecido. Reconhece agora? É uma replica da cadeira amarela de Van Gogh. Há quem a identifique - enveredando por um dos corredores, levou Smiley para um gabinete espaçoso e confortável, adornado de azulejos holandeses, peças miúdas de escultura renascentista, bronzes misteriosos, cães de porcelana e jarros devitrificados; e o próprio Fielding elevando-se majestoso no meio deles.

Sendo o mais antigo prefeito de Carne, Fielding usava, em lugar do costumeiro traje acadêmico, um vestuário espetaculoso, composto de pesadas saias pretas e babadouro forense, como um monge em traje a rigor. Tudo isto conferia um ar de austeridade clerical, em acentuado contraste com a estudada ribombância de sua personalidade.

Evidentemente cômico disto, ele procurava destacar a solenidade do uniforme e dava a este um pouco do seu próprio temperamento, adornando-o com flores meticulosamente escolhidas no jardim. Havia escandalizado os alfaiates de Carne, cujas vitrinas geladas exibiam a insígnia da família real, ao exigir a abertura de botoeiras em sua beca. Nestas enfiava tudo quanto lhe vinha à cabeça, desde hibérrias a campanulas. Nessa noite usava uma rosa, e do frescom desta Smiley deduziu que ele a havia posto pouco antes, tendo-a encomendado especialmente para a ocasião.

- Xerez ou madeira?

- Um cálice de xerez; muito obrigado.

- Bebida de meretriz, madeira – Fielding bradou, enquanto entornava a garrafa - mas os rapazes gostam. Talvez por isso mesmo. São terríveis namoradores - entregou um cálice a Smiley e acrescentou, com dramática alteração do tom de voz: - Andamos um pouco aflitos aqui por causa do que aconteceu. Você sabe, nunca tivemos um negócio desses antes. Leu os vespertinos?

- Não, não li. Mas o Sawley Arms está abarrotado de repórteres, como é de esperar.

- É. Eles foram para a cidade. Puseram o exército em campo, em Hampshire, a brincar com localizadores de minas. Só Deus sabe o que esperam encontrar.

- Como os rapazes receberam a coisa?

- Eles adoram isso! Minha própria casa foi particularmente lembrada, é claro, porque os Rode jantaram aqui naquela noite. Um imbecil da polícia teve mesmo o desplante de querer interrogar um dos meus rapazes.

- Realmente - disse Smiley com ar de inocência. -A respeito de quê?

Quem sabe? - Fielding respondeu com brusquidão e, em seguida mudando de assunto, perguntou: -Você conheceu bem meu irmão, não é fato? Você sabe, ele falava de você.

- Sim, conheci Adrian muito bem. Éramos amigos íntimos.

- Na guerra também?

- Sim. .

- Você era da turma dele, então?

- Que turma?

- Steed, Asprey, Jebedee. Toda essa gente.

- Sim.

- Na verdade nunca soube como ele morreu. E você?

-Também não.

-Nós não nos víamos muito nos últimos anos, Adrian e eu. Sendo um embusteiro, não me cabe ser visto ao lado do artigo autêntico Fielding declarou, com algo de sua petulância anterior. Smiley foi poupado do embaraço de uma resposta por uma leve batida na porta e o tímido ingresso na sala de um rapazinho alto e ruivo.

- Estamos às suas ordens, senhor.

-Xi! - exclamou Fielding, esvaziando seu copo. - Orações - voltou-se para Smiley:-Apresento-lhe Perkins, meu monitor. Gênio musical, mas um problema nos estudos. Está certo, Tim? Fique aqui, ou me acompanhe, como queira. Dura uns dez minutos.

- Um pouco menos esta noite, senhor - disse Perkins. - É o Nunc Dimittis.

- Agradeço-vos, meu Deus, por essas pequenas mercês - proclamou Fielding, dando puxões no babadouro, enquanto agilmente guiava Smiley pelo corredor e através da saleta, com Perkins seguindo-os num andar

ativo. Fielding falava o tempo todo, sem se dar ao trabalho de virar a cabeça.

- Alegra-me que você tenha escolhido esta noite para vir. Nunca recebo aos sábados, em geral, porque é o dia em que todos o fazem, embora no momento ninguém aqui saiba o que fazer para entreter os convidados. Felix D'Arcy estará presente mas isso nada tem de divertido. D'Arcy é um profissional. A propósito, normalmente nós vestimos traje a rigor à noite, mas isso não importa.

Smiley sentiu-se acabrunhado. Dobraram uma esquina e entraram noutra corredor.

- Temos orações a todas as horas aqui. O Diretor restaurou as horas do ofício divino: prima, terça, sexta e assim por diante. Um excesso durante o semestre, abstinência durante as férias, eis o sistema, como os jogos. Útil na casa para as chamadas, também. Guiou-os até o fim de outro corredor, onde escancarou uma porta dupla e caminhou direto para a sala de jantar, a beca enfurnando-se graciosamente atrás dele. Os rapazes o esperavam.

-Mais xerez? Que achou das orações? Eles cantam bem, não lhe parece? Um ou dois bons tenores. No último semestre experimentamos um pouco de cantochão; muito bom, realmente muito bom. D'Arcy estará aqui dentro de pouco tempo. É um tipo detestável. É como um Sickert, modelo de cinquenta anos atrás: todo calças e colarinho. No entanto, você teve sorte, pois a irmã dele não virá. Ela é pior!

- Qual é a matéria dele? - haviam voltado ao gabinete de Fielding.

- Matéria! Não temos matérias aqui. Nenhum de nós que saiu da universidade leu uma só palavra sobre qualquer matéria. - Baixou a voz e aduziu sombrio: - Se é que fomos a universidade. D'Arcy ensina francês. D'Arcy é professor graduado por predestinação, celibatário por profissão, pederasta sublimado por inclinação... - estava imóvel agora, a cabeça atirada para trás e a mão direita estendida na direção de Smiley e sua matéria são as deficiências de outras pessoas. Acima de tudo, porém, ele é o automeado mordomo do protocolo de Carne. Se você monta numa bicicleta de beca, responde incorretamente a um convite, comete uma falta na distribuição dos seus convidados à mesa do jantar ou emprega a palavra

"Senhor" com referência a um colega, pode ficar certo de ser admoestado por D'Arcy.

- Quais são então os deveres dele?-Smiley perguntou, só para dizer alguma coisa.

- É o árbitro entre os clássicos e os cientistas; ajusta os horários e revê o resultado das provas. Mas principalmente, coitado, deve reconciliar as Artes com as Ciências - balançou a cabeça com ar judicioso. E isso exige um elemento melhor do que D'Arcy. Não, veja bem-acrescentou enfasiado -, que faça a mínima diferença isso de saber quem fica com a hora extra nas noites de sexta-feira. Quem se incomoda? Os rapazes? Esses não estão ligando, por certo.

Fielding continuou a falar, ao acaso e sempre em superlativos, às vezes tateando no ar com as mãos, como se quisesse captar as metáforas mais fugidias; falava ora dos colegas com cáustica zombaria, ora dos alunos com piedade senão com certa compreensão, ora das Artes com fervor-e a calculada perplexidade de um discípulo solitário.

- Carne não é uma escola. É um santuário para leprosos intelectuais. Os sintomas se manifestaram quando deixamos a universidade: uma gradual putrefação de nossas extremidades intelectuais. A cada dia que passa nossas mentes morrem, nossos espíritos se atrofiam e apodrecem. Acompanhamos a marcha da doença nos companheiros, esperando esquecê-la em nós mesmos.

Deteve-se e olhou pensativamente para as mãos.

- Em mim o processo está consumado. Você tem à sua frente uma alma morta, e Carne é o corpo em que eu vivo - muito satisfeito com essa confissão, Fielding abriu os braços enormes, de sorte que as mangas da beca se assemelhavam às de um morcego gigantesco. - O Vampiro de Carne - declarou, curvando-se profundamente.-Acho que é poeta! - uma sonora gargalhada seguiu-se a essa demonstração.

Smiley sentia-se fascinado por Fielding, por sua estatura, por sua voz, pela caprichosa inconstância de seu temperamento, por todo o seu estilo cinemascópico; viu-se atraído e repelido por esta sucessão de poses contraditórias; a si mesmo indagava se devia ou não participar do espetáculo, mas Fielding parecia tão ofuscado pelas luzes da ribalta que era

indiferente ao auditório por detrás delas. Quanto mais observava, mais esquivo parecia a Smiley o personagem que estava tentando compreender: mutável mas estéril, atrevido mas fugitivo; colorido, incontrolado, generoso e todavia ilusório e perverso. Smiley queria ter o poder de obter os fatos importantes de Fielding: seus meios, suas ambições e decepções.

Seu devaneio foi interrompido por Miss Truebody. Felix D'Arcy tinha chegado.

Nada de velas, e uma ceia de frios admiravelmente preparada por Miss Truebody. Nada de clarete, vinho branco do Reno, servido como vinho do Porto. E finalmente Fielding mencionou Stella Rode.

Haviam conversado, como se cumprissem um dever, a respeito das Artes e das Ciências. Isto teria sido enfadonho (pois era desinteressante) não tivesse sido D'Arcy continuamente aguilhoado por Fielding, que parecia ansioso para expor D'Arcy sob o ângulo mais desfavorável.

Os julgamentos de D'Arcy acerca de pessoas e problemas eram em grande parte coloridos por aquilo que ele considerava "decoroso" (termo predileto e por uma efeminada malícia para com os colegas). Ao fim de algum tempo Fielding perguntou quem estava substituindo Rode durante a sua ausência, ao que D'Arcy respondeu: - Ninguém – acrescentou, melífluo:

- Foi um choque tremendo para a comunidade esse negócio.

- Bobagem - retorqui Fielding. - Os garotos adoram desgraças. Quanto mais longe estamos da morte, mais atraente ela nos parece. Eles acham toda essa coisa sumamente divertida.

-A publicidade foi indecorosíssima-disse D'Arcy. - Creio que isso esteve presente no espírito de muitos de nós na sala dos professores. Voltou-se para Smiley: - A imprensa, aqui, é uma amolação constante. No passado isso nunca poderia ter ocorrido. Antigamente nossas grandes famílias e instituições não estavam sujeitas a tal intromissão. De forma alguma. Hoje, porém, tudo isso mudou. Muitos de nós se vêem obrigados a ser assinantes dos jornais mais baratos por esse mesmo motivo. Um jornal dominical mencionou nada menos de quatro dos alunos de Hecht numa edição. Todos eles de maneira indecorosa, sem dúvida. E naturalmente esses jornais não deixam de dizer que o rapaz é um carneano. Você sabe, suponho, que temos conosco o jovem príncipe. (Eu mesmo tenho a honra de supervisionar seus

estudos de francês.) O jovem Sawley também está em Carne. A atitude da imprensa durante o processo de divórcio dos pais do menino foi deplorável. Totalmente deplorável. O Diretor enviou uma carta ao Conselho de Imprensa. Eu mesmo redigi a minuta. Mas neste trágico incidente os jornais se excederam. Imagine que os repórteres foram às completas ontem à noite, para assistirem à Oração Especial. Ocuparam inteiramente os dois últimos bancos da ala oeste. Hecht era o encarregado do serviço religioso e tentou removê-los.- Calou-se, ergueu as sobrancelhas num reproche amável e sorriu. - Não lhe competia, naturalmente, mas isso nunca foi obstáculo ao bom Hecht-virou-se para Smiley.

– Um dos nossos atléticos irmãos - explicou.

- Stella era plebeia demais para você, Felix, não era?

- De modo nenhum - D'Arcy deu-se pressa em responder. Não admito que você diga isso de mini, Terence. Não faço discriminação em questão de classe; só de maneiras. Reconheço, nesse campo particular, que eu a julgava deficiente.

- Sob muitos aspectos ela era exatamente aquilo que nos falta – continuou Fielding, dirigindo-se a Smiley e ignorando D'Arcy. – Ela era tudo quanto somos forçados a ignorar... casas populares, propriedades comunais, cidades novas... a própria antítese de Carne! - voltou-se de chofre para D'Arcy e disse: - Mas para você, Felix, ela não passava de uma mulher mal-comportada.

- Nada disso; apenas inconveniente. Fielding virou-se para Smiley em desespero.

- Veja - disse ele. - Nós aqui usamos uma linguagem acadêmica, compreende, vestimos trajes acadêmicos e damos jantares na mesa alta da sala dos professores; dizemos longas ações de graças em latim que nenhum de nós sabe traduzir. Frequentamos a abadia e as mulheres se empoleiram lá com seus incríveis chapéus. Mas é pura charada. Não significa coisa alguma.

D'Arcy sorriu languidamente.

- Não posso acreditar, meu caro Terence, que quem é capaz de presidir magnificamente a um jantar, como você, possa ter uma opinião tão

desfavorável acerca dos refinamentos sociais-olhou para Smiley em busca de apoio, e Smiley sentiu-se no dever de secundar o cumprimento.

- Além disso, de há muito conhecemos Terence, em Carne. Creio que já nos habituamos a seus rugidos.

- Sei por que você detestava aquela mulher, Felix. Ela era honesta, e Carne não tem defesa contra aquela espécie de honestidade.

D'Arcy enfureceu-se.

- Terence, não admito que você diga isto. Não admito. Acho que tenho certa obrigação em Carne, como na verdade temos todos nós, de restaurar e manter aqueles padrões de comportamento que foram tão deploravelmente atingidos durante a guerra. Sinto que esta resolução me tornou impopular em mais de uma ocasião. Mas o comentário ou o conselho que ofereço não é nunca, peço-lhe que atente para este ponto, não é nunca dirigido contra a personalidade, apenas contra o comportamento, contra faltas indecorosas de procedimento. Confesso que mais de uma vez me vi compelido a falar com Rode a respeito do comportamento de sua mulher. Este é um assunto totalmente divorciado de personalidades, Terence. Não tolerarei que se diga que eu detestava Mrs. Rode. Tal insinuação seria desagradável em todas as ocasiões, mas sob as trágicas circunstâncias atuais é lastimável. O próprio... ambiente e a educação de Mrs. Rode evidentemente não a prepararam para o nosso convívio; isso é outra coisa. Contudo, serve para ilustrar o ponto que desejo frisar, Terence: era uma questão de esclarecimento, não de crítica. Estou sendo claro?

- Abundantemente - foi a resposta seca de Fielding.

- E as outras mulheres gostavam dela? - Smiley arriscou.

- Não inteiramente -D'Arcy respondeu energicamente.

- As mulheres! Valha-me Deus! - Fielding gemeu, levando a mão à testa. Houve uma pausa.

- Suas roupas, creio eu, eram uma fonte de sofrimento para algumas senhoras. Ela também frequentava a lavanderia pública. Isto, por certo, não propiciava uma impressão favorável. Eu acrescentaria que ela não ia à nossa igreja...

- Tinha ela algumas amigas mais íntimas entre as mulheres? Smiley insistiu.

- Creio que a jovem Mrs. Snow simpatizava com ela.
- E você diz que ela jantou aqui na noite em que foi assassinada?
- Sim - respondeu Fielding sossegadamente -, na quarta-feira. Felix e sua irmã recolheram o pobre Rode depois... - Relanceou os olhos a D'Arcy.
- Sim, realmente - disse D'Arcy com brusquidão. Seus olhos fixavam Fielding, e Smiley teve a impressão de que algo se passara entre eles. - Nunca esqueceremos, nunca... Terence, se me permitem falar de assuntos profissionais por um instante, a análise gramatical de Perkins é terrível; creio que nunca vi nada igual. Será que ele não está bem? Sua mãe é uma senhora muito instruída, prima dos Sanford, segundo me contaram.

Smiley encarou-o e ficou espantado. O smoking de D'Arcy era desbotado e esverdeado de tão velho. Smiley quase o ouvia dizer que pertencera a seu avô. A pele do rosto era tão lisa que sugeria uma gordura inexistente. A voz tinha um tom insinuante, e ele sorria o tempo todo, estivesse falando ou não. O sorriso nunca abandonava aquele rosto sem rugas; estava encaixado na estrutura maleável da carne, estirando os lábios de um lado a outro da dentadura perfeita e abrindo os cantos da boca vermelha, de tal modo que parecia mantido no lugar pelos dedos invisíveis do dentista. Entretanto, a cara de D'Arcy estava longe de ser inexpressiva; cada marca aparecia. O menor movimento da boca ou do nariz, o mais rápido olhar ou franzir de sobrancelha lá estavam para serem lidos e interpretados. E ele queria mudar de assunto. Não para afastar-se de Stella Rode (pois voltou a falar nela no minuto seguinte), mas da noite em que ela morreu, da narração precisa dos acontecimentos. E mais ainda: não havia dúvida no espírito de Smiley que Fielding também vira a cena, que naquele olhar trocado pelos dois havia um pacto de medo, uma advertência talvez, pois a partir daquele instante os modos de Fielding se alteraram, ele se tornou sorumbático e preocupado, de uma forma que deixou Smiley intrigado por muito tempo.

D'Arcy voltou-se para Smiley e dirigiu-se a ele com enjoada intimidade.

- Peço-lhe que me perdoe esse lastimável mergulho no diz-que-diz de Carne. Você nos acha um pouco carrancudos, não é verdade? Sei que com frequência somos obrigados a ser carrancudos. Carne é um "Colégio Esnobe", é o que todos dizem. Pode-se ler isto todos os dias na imprensa sensacionalista. E no entanto, apesar das alegações da avant-garde -disse

ele, olhando de soslaio para Fielding-, posso dizer que ninguém se pareceria menos com um esnobe do que Felix D'Arcy.

Smiley notou-lhe o cabelo. Este era muito fino e amarelo-avermelhado claro, brotando do cocomuto e deixando nu o pescoço cor-de-rosa.

-Tomemos o caso do pobre Rode, por exemplo. Longe de mim a ideia de usar a formação de Rode contra ele, coitado. Os ginásios prestam excelentes serviços, estou certo. Além disso, ele se deu muito bem aqui. Isto mesmo foi o que eu disse ao Diretor. Disse-lhe eu que Rode se saíra muito bem. Ele se desincumbe admiravelmente dos deveres religiosos: foi este precisamente o ponto que frisei. Espero ter feito o possível para ajudá-lo a entrosar-se aqui. com cuidadosa instrução, tais pessoas podem, como fiz ver ao Diretor, aprender nossos costumes e até mesmo nossas maneiras. E o Diretor concordou.

O copo de Smiley estava vazio e D'Arcy, sem consultar Fielding, tomou da garrafa e encheu-o. Suas mãos eram elegantes e peladas, como as mãos de uma moça

- Mas-continuou-devo dizer, honestamente, que Mrs. Rode não demonstrou igual disposição para adaptar-se aos nossos hábitos.

Ainda sorrindo, tomou delicadamente um gole de vinho. Ele deseja colocar as coisas em ordem, pensou Smiley.

- Na realidade ela nunca se ajustaria a Carne. Essa é a minha opinião, embora, é bem verdade, eu nunca tenha dito isto enquanto ela vivia. Sua formação não ajudava. A culpa não era dela. Era sua formação e, como já disse, era deficiente. De fato, se podemos falar francamente em confiança, tenho razão para crer que foi o seu passado que lhe trouxe a morte.

-Por que diz isso?-inquiriu Smiley imediatamente, e D'Arcy retrucou com um olhar a Fielding: - Parece que ela esperava ser agredida.

- Minha irmã é muito dada a cães -D'Arcy continuou. -Talvez você já saiba disso. Os spaniels do tipo rei-carlos são o seu forte. Ela obteve um primeiro prêmio em North Dorset o ano passado e pouco depois, na exposição de Cruft, conquistou menção honrosa com sua Rainha de Carne. Ela vende seus cães para a América, compreende? Ouso dizer que pouca gente neste país conhece tão bem essa raça quanto Dorothy. A mulher do Diretor teve ocasião de dizer isso mesmo há coisa de uma semana. Pois bem, os Rode

eram nossos vizinhos, como você sabe, e Dorothy não é uma pessoa que se descuide dos seus deveres de vizinha. No que tange o dever, ela não usa de favoritismo, asseguro-lhe. Os Rode também tinham um cachorro, um viralata grande, animal inteligente, que trouxeram com eles. (Sei muito pouco a respeito da procedência deles, mas isso é outra história.) Pareciam muito dedicados ao cachorro e não tenho dúvida de que eram. Rode levava-o consigo para assistir aos jogos de futebol até que tive oportunidade de recomendar-lhe que não o fizesse. O hábito estava dando origem a pilhérias indecorosas por parte dos rapazes. Eu mesmo notei isso quando exercitava os cães de Dorothy. Agora chegamos ao ponto importante. Dorothy usa um veterinário chamado Harriman, um indivíduo superior, que mora para os lados de Sturminster. Há uns quinze dias ela mandou chamá-lo. A Rainha de Carne estava com uma tosse muito forte e Dorothy pediu a Harriman que viesse. Uma cadela daquela espécie não é para ser tratada à ligeira, asseguro-lhe. ;

Fielding resmungou, mas D'Arcy prosseguiu, indiferente:

- Acontece que eu estava em casa e Harriman aceitou uma xícara de café. Ele é, como digo, um indivíduo superior. Harriman referiu-se de passagem ao cachorro de Rode e então a verdade ficou patente: Mrs. Rode mandara matar o cão no dia anterior. Disse ela que o animal tinha mordido o carteiro. Uma história comprida e confusa: o correio ia processá-la, a polícia andara investigando e não sei mais o quê. E, afinal, disse ela, o cachorro na realidade não dava proteção; apenas conseguia prevenir. Ela chegara mesmo a dizer a Harriman: "Não servia de nada".

- E não ficou transtornada por ter perdido o cachorro? - perguntou Smiley.

-Ah, sim, realmente. Harriman contou que ela chorava quando chegou lá. A mulher dele teve de lhe dar uma xícara de chá. Sugeriram que ela desse outra oportunidade ao cachorro, que o alojasse num canil por uns tempos, mas ela se mostrou irredutível, totalmente irredutível. Harriman ficou inteiramente perplexo. Sua mulher também. Discutindo a questão mais tarde, ambos chegaram à conclusão de que o comportamento de Mrs. Rode não tinha sido normal. De modo algum, realmente. Outro fato curioso foi a condição do cachorro: havia sido maltratado, seriamente maltratado. As costas tinham marcas, como se tivesse recebido pancadas.

- Harriman arrancou mais alguma coisa depois do comentário que ela fez? De que o cachorro não servia de nada? O que foi que Harriman deduziu disso? - Smiley olhava atentamente para D'Arcy.

- Ela repetiu o comentário para Mrs. Harriman, que não soube como explicá-lo. Todavia, penso que a explicação é bastante óbvia.

- Oh! - exclamou Fielding.

D'Arcy inclinou a cabeça para um lado e puxou com afetado pudor o lóbulo da orelha..

- Todos nós temos algo de detetive - disse ele. - Dorothy e eu discutimos a questão depois... da morte. Decidimos que Stella Rode havia formado alguma associação desagradável antes de vir para Carne, a qual renascera ultimamente... talvez contra sua vontade. Algum rufião violento... um antigo admirador... ressentido por ela ter subido de posição.

- E o carteiro? Foi muito atingido pelo cachorro? - Smiley perguntou.

D'Arcy tornou a voltar-se para ele.

- Aqui é que está o ponto extraordinário de tudo isso. Chegamos ao ponto crucial da história, meu caro: o carteiro não foi mordido. Dorothy se informou. Toda a história de Mrs. Rode não passou de uma sucessão de mentiras de princípio a fim.

Ergueram-se da mesa e dirigiram-se ao gabinete de Fielding, onde Miss Truebody servira o café. A conversa prosseguia, indo e voltando em torno da tragédia da quarta-feira.

D'Arcy estava obsedado com a grosseria de tudo aquilo: a insistência dos repórteres, a insensibilidade da polícia, a incerteza da origem de Mrs. Rode, o infortúnio do marido. Fielding continuava estranhamente calado, mergulhado nos próprios pensamentos, dos quais emergia de vez em quando para lançar a D'Arcy um olhar hostil.

Exatamente quando faltava um quarto para as onze D'Arcy anunciou estar fatigado e os três entraram no grande vestíbulo, onde Miss Truebody entregou um sobretudo a Smiley e cachecol e gorro a D'Arcy. Fielding aceitou os agradecimentos de D'Arcy com um taciturno sinal de cabeça. Em seguida, virou-se para Smiley:

- Aquele negócio de que você me falou pelo telefone. O que era mesmo?

-Ah... uma carta de Mrs. Rode pouco antes de ter sido assassinada - respondeu Smiley vagamente. -A polícia está cuidando disso agora, mas acha que não é... importante. Parece que ela sofria de uma espécie de...-fez um sorriso de embaraço - de complexo de perseguição. É essa a expressão? bom, podíamos conversar sobre isso em outra ocasião. Você precisa jantar comigo no Sawley antes da minha volta. Costuma ir a Londres? Podíamos encontrar-nos em Londres talvez, no fim do semestre.

D'Arcy estava de pé à porta, contemplando a nova camada de neve que jazia alva e perfeita na calçada diante dele.

- Ah - disse ele com um sorriso intencional -, as noites longas, hem, Terence, as longas noites.

6 – AZEVINHO PARA O DIABO

- Que são as noites longas? - perguntou Smiley enquanto ele e D'Arcy se afastavam rapidamente da casa de Fielding, palmilhando a neve em direção ao pátio da abadia.

- Temos um provérbio de que sempre neva em Carne nas noites longas. Essa é a expressão tradicional aqui para as noites da Quaresma - respondeu D'Arcy. - Antes da Reforma os monges da abadia observavam vigília durante a Quaresma entre os ofícios das completas e dos laudes. Talvez você já saiba disso. Como não há mais ordem religiosa ligada à abadia, o costume caiu em desuso. Continuamos a observá-lo, porém, dizendo as completas durante a Quaresma. As completas eram as últimas das horas canônicas do dia e eram proferidas antes de dormir. O Diretor, que tem grande respeito pelas tradições desse tipo, reintroduziu as velhas palavras em nossas devoções. Prima era o ofício da aurora, como você sem dúvida sabe. Terça era rezada na terceira hora do dia, isto é, às nove horas. Assim, já não nos referimos à Oração da Manhã, mas à Terça. Para mim é delicioso. Da mesma forma, durante o Advento e a Quaresma, rezamos a Sexta ao meio-dia na abadia.

- Todos esses ofícios são obrigatórios?

- Naturalmente. De outro modo seria necessário tomar providências com relação aos outros rapazes que não os frequentassem. E isso não é desejável. De mais a mais, você esquece que Carne é uma fundação religiosa.

A noite era bela. Quando cruzavam o pátio, Smiley ergueu os olhos para a torre. Parecia menor e mais pacífica ao luar. A alvura da neve recente iluminava o próprio firmamento. Toda a abadia era tão nitidamente visível que até mesmo as imagens mutiladas dos santos avultavam em cada triste detalhe de sua desfiguração, imagens deprimidas, perdida a sua finalidade, sem olhos para ver o mundo em transformação.

Chegaram à encruzilhada, ao sul da abadia.

-A bifurcação dos caminhos-disse D'Arcy, estendendo a mão.

- A noite está maravilhosa - respondeu prontamente Smiley.

- Permita-me que o acompanhe até a sua casa.

- com prazer - disse D'Arcy, secamente.

Entraram em North Fields Lane. Uma alta muralha de pedra alongava-se num lado; e no outro a enorme extensão dos campos de jogos, vinte ou mais gramados de rugby, margeava a estrada por mais de meio quilômetro. Fizeram esse percurso em silêncio, até que D'Arcy parou e apontou com a bengala, adiante de Smiley, para uma casinha na orla dos campos de jogos.

- North Fields, a casa dos Rode. Pertencia ao jardineiro-chefe, mas o colégio acrescentou há poucos anos uma ala, e agora é residência dos professores. A minha casa é um pouco maior e fica mais além da estrada. Felizmente gosto de andar a pé.

- Foi por aqui que você encontrou Stanley Rode naquela noite? Houve uma pausa. Depois, D'Arcy respondeu: - Foi mais perto da minha casa, uns quatrocentos metros adiante. Ele estava num estado lastimável, coitado, lastimável. Eu mesmo não posso suportar a presença de sangue. Se eu tivesse sabido como ele estava quando o levei dentro de casa, creio que não o teria levado. Felizmente minha irmã Dorothy é uma mulher competentíssima.

Continuaram a andar em silêncio até que Smiley falou: - Pelo que você estava dizendo no jantar, os Rode não formavam um par muito ajustado.

- Exato. Se a morte dela tivesse ocorrido de outra maneira, eu diria que era providencial: um bendito alívio para Rode. Ela, Smiley, era uma mulher completamente maligna, que tudo fazia para deixar o marido em situação ridícula. Creio que era intencional. Outros não acreditam. Eu creio e tenho minhas razões. Ela tinha prazer em fazer pouco do marido.

- E de Carne também, sem dúvida.

- Isso mesmo. Este é um momento decisivo na evolução de Carne. Muitos internatos têm feito concessões à vulgar exigência de mudança... mudança a qualquer preço. Carne, apraz-me dizê-lo, não aderiu a essa moda. Por isso é mais do que nunca imprescindível que os protejamos contra o que está dentro e fora de nossos muros - falou com surpreendente veemência.

- Mas era ela realmente um problema assim tão grave? Sem dúvida o marido poderia tê-la persuadido.

- Nunca o incentivei a tanto, garanto-lhe. Não é do meu feitio intrometer-me entre marido e mulher.

Chegaram à casa de D'Arcy. Uma alta sebe de loureiros ocultava totalmente a casa da estrada. Apenas dois grupos múltiplos de chaminés eram visíveis na cumeeira, confirmando a impressão de Smiley de que a casa era grande e vitoriana.

- Não me envergonho do gosto vitoriano - disse D'Arcy ao abrir vagarosamente o portão. - Mas, o que quer? Desconfio que não estamos próximos do linguajar moderno em Carne. Esta casa era outrora a reitoria da Igreja de North Fields, mas a igreja está agora sob os cuidados de um vigário da abadia. O vicariato está ainda dentro da doação do colégio, e tive a sorte de recebê-lo. Boa-noite. Você precisa vir tomar um xerez antes de ir embora. Vai demorar muito?

- Não creio - respondeu Smiley -, mas estou certo de que você tem muitas dores de cabeça no momento.

- O que quer dizer com isso? - perguntou D'Arcy com certa rispidez.

- A imprensa, a polícia e toda a subsequente barafunda.

- Ah, sim, sem dúvida. Apesar de tudo, nossa vida comunitária deve continuar. Sempre efetuamos uma pequena reunião nos meados do semestre, e eu acho que é particularmente importante para nós realizá-la nesta ocasião. Enviarei uma notinha amanhã para o Sawley. Será um prazer para minha irmã-empurrou o portão, e o ruído foi saudado por um frenético latido de cães, proveniente de algum recanto atrás da casa. Uma janela abriu-se e uma áspera voz feminina gritou:

- É você, Felix?

- Sou eu, sim, Dorothy.

- Por que você faz todo esse barulho? Tornou a despertar os cachorros. - A janela fechou-se com um significativo ruído surdo, e D'Arcy, sem sequer olhar na direção de Smiley, desapareceu velozmente na sombra da casa.

Smiley pôs-se novamente a caminho, de volta para a cidade. Depois de andar uns dez minutos, parou e voltou mais uma vez o olhar para a casa dos

Rode a uma centena de metros no outro extremo dos campos de jogos. Situava-se à sombra de um bosquete de abetos, escura e reservada em contraste com os campos alvos. Uma estreita alameda levava até a casa; havia um marco postal de tijolo numa esquina e um pequeno poste de carvalho com um letreiro, novinho em folha, dirigido no sentido da alameda, que devia, pareceu-lhe, conduzir à aldeia de Pylle.

A legenda na tabuleta estava oculta sob uma película de neve. Smiley removeu a neve com a mão e leu as palavras "North Fields", escritas em caprichosas e suburbanas letras góticas que deviam causar em D'Arcy considerável mal-estar. A neve na alameda estava intacta; era evidente que mais havia caído nos últimos minutos. Não haveria muito tráfego entre Pylle e Carne. Relanceando rapidamente um lado e outro da estrada principal, ele começou a sua caminhada ao longo da alameda. A sebe alteava-se em ambas as margens e pouco depois Smiley nada mais pôde ver além do céu pálido acima de sua cabeça e dos ramos extraviados do salgueiro que se empinavam para o alto. Num momento julgou ter ouvido o som de passos bem às suas costas, mas, quando estacou, escutou apenas o furtivo sussurro das sebes carregadas. Tornou-se mais consciente do frio: parecia pairar na umidade imóvel da estrada encharcada, segurá-lo e envolvê-lo como o ar frígido de uma casa vazia. Não tardou que a sebe da esquerda desse lugar a uma fileira de árvores esparsas que Smiley julgou pertencerem ao bosquete que tinha divisado da estrada. A neve sob as árvores era desigual, e o chão nu pareceu subitamente feio e lacerado. A alameda levou-o, numa curva gradativa, para a esquerda, e, inopinadamente, a casa surgiu diante dele, desolada e sombria ao luar. As paredes eram de tijolo e pedra, quase ocultas sob a massa de hera que crescia em profusão sobre elas, tombando em cima do alpendre numa juba emaranhada.

Ele lançou um olhar ao jardim. O bosquete que ladeava a alameda avançava quase até o oitão da casa e estendia-se ao outro extremo do relvado, resguardando a casa dos campos de jogos. O assassino tinha alcançado a casa por uma trilha que atravessava o relvado e as árvores e ia dar na alameda ao fundo do jardim. Observando atentamente a neve no relvado, Smiley pôde notar o rumo da trilha. A porta branca e envidraçada à esquerda da casa devia dar passagem para a estufa... E de súbito ele compreendeu que estava com medo - com medo da casa, com medo do

espraiado jardim escuro. O conhecimento lhe chegou como uma sensação de dor. As paredes cobertas de hera pareciam aproximar-se e agarrá-lo como uma velha acarinhando uma criança relutante. A casa era ampla, mas pardacenta, contendo em si mesma formas espectrais, negras e suntuosas nos repentinos contrastes do luar. Fascinado, apesar do seu medo, ele marchou para ela. As sombras se desmanchavam e se refaziam, dardejando rapidamente e imobilizando-se, ocultando-se na hera abundante, ou fundindo-se nas janelas negras.

Observou com alarma o primeiro movimento involuntário de pânico. Estava amedrontado. Em seguida, de chofre, os sentidos se conjugaram num grito de terror, em que a vista, o som e o tato já não se podiam distinguir no frenesi de seu cérebro. Deu meia-volta e correu para o portão. E enquanto corria, olhava por cima do ombro para a casa.

Uma mulher estava parada na trilha, olhando para ele, e por trás dela a porta da estufa oscilava lentamente.

Por um segundo ela ficou imóvel. Depois, virou-se e correu para a estufa. Esquecendo o medo, Smiley seguiu-a. Ao chegar ao oitão da casa, notou com espanto que ela estava de pé à porta, balançando-a suavemente para a frente e para trás com ar pensativo e ocioso, como uma criança. Estava de costas para Smiley. Então, inesperadamente, voltou-se para ele e dirigiu-lhe a palavra, com a fala mole e arrastada de Dorset e a cadência infantil dos simplórios:

- Pensei que o sinhô era o diabo, mas o sinhô não tem asa.

Smiley hesitou. Se desse um passo à frente, ela poderia assustar-se e correr. Encarou-a, tentando examiná-la. Ela parecia usar uma boina ou xale na cabeça e uma capa curta em volta dos ombros. Na mão segurava um raminho de folhas que ondulava para cima e para baixo enquanto falava com ele.

- Mas o sinhô não pode fazê nada, mode que eu tenho um galho de azevinho pra espanta o sinhô. Fique aí pra que a menina Jane possa pega o sinhô.

Agitou as folhas com força para o lado dele e começou a rir baixinho. Conservava ainda uma das mãos na porta, e enquanto falava a cabeça pendia para um lado.

- Se afaste da menina Jane, por mais bonita que ela seja.

- Sim, Janie - disse Smiley num sussurro -, você é uma menina muito bonita, eu estou vendo. E é uma capa muito bonita essa que você está usando, Janie.

Evidentemente lisonjeada com isto, ela prendeu as lapelas de sua capa e girou lentamente sobre os calcanhares, numa paródia infantil de uma dama elegante.

Enquanto dava a volta, Smiley notou as duas mangas vazias de um sobretudo pendendo dos lados.

- O povo manga de Jane por aí - disse ela com uma nota de petulância na voz -, mas quem foi que viu o diabo voando? Jane viu, Jane viu. Asas de prata feito peixes ele tinha, Jane viu.

- Onde você achou esse casaco, Janie?

Ela juntou as mãos e balançou a cabeça devagarinho de um lado para o outro.

- Ele é ruim. Oh, ele é muito ruim - e riu baixinho. - Eu vi ele voando, montado no vento - tornou a rir - e a lua atrás dele alumando o caminho! São como dois irmãos, a lua e o diabo.

Num impulso, Smiley arrancou um punhado de hera da parede e estendeu para ela, avançando lentamente.

- Você gosta de flores, Janie? Aqui estão flores para Janie; flores bonitas para a bonita Janie. - Quase a havia alcançado quando ela, com notável rapidez, saiu correndo pelo gramado, desapareceu por entre as árvores e apontou na alameda. Smiley deixou-a ir embora. Estava empapado de suor.

Logo que chegou ao hotel, telefonou para o detetive-inspetor Rigby.

7 – A IGREJA DO REI ARTUR

O salão de café do Sawley Arms a nada se assemelha tanto como ao pavilhão de plantas tropicais de Kew Gardens. Construído numa época em que o cacto era a planta mais em moda e tinha no bambu seu indispensável acompanhante, o salão foi concebido como a imagem arquitetônica de uma clareira em plena selva. Pilares de aço, moldados em segmentos como o tronco de uma palmeira, suportavam um teto alto de vidro, cuja cúpula substituía o céu africano. Enormes urnas de bronze ou de louça verde de barro vidrado continham tudo quanto havia de elegante e prolífico no mundo do cacto, e no meio delas velhíssimos hóspedes descansavam em sofás de longo e esguio bambu, sorvendo goles de café quente e revivendo os incómodos do safari.

Os esforços de Smiley para obter uma garrafa de uísque e um sifão de soda às onze e meia da noite não foram coroados de êxito imediato. Parecia que, como a carniça da carcaça, os repórteres tinham ido embora. O único sinal de vida no hotel era o porteiro da noite, que tratou o pedido de Smiley com discreta reprovação e o aconselhou a ir para a cama. Smiley, que não era por natureza persistente, descobriu uma meia-coroa no bolso do sobretudo e atirou-a com certa irritação na mão do velho. O resultado, embora não tenha sido mágico, foi eficaz, e no momento em que Rigby chegou ao hotel, Smiley estava sentado diante de uma radiante lareira a gás no salão de café, com copos e uma garrafa de uísque à sua frente.

Smiley narrou as experiências da noite com todas as minúcias.

- Foi o sobretudo que me chamou a atenção. Era pesado como o de um homem - concluiu. -Lembrei-me do cinto azul e...

Deixou a oração inacabada. Rigby anuiu com a cabeça, levantou-se e, com passos rápidos, cruzou o salão e as portas de vaivém do balcão do porteiro. Dez minutos depois estava de volta.

- Acho que o melhor é a gente ir buscá-la - limitou-se a dizer. Pediu um carro.

- Nós? - perguntou Smiley.

- Sim, se você não se opõe. Que é que há? Está assustado?

- Sim - respondeu Smiley. - Estou, sim.

A aldeia de Pylle está situada ao sul de North Fields, no alto de um esporão que se eleva íngreme das pastagens chãs e úmidas do vale de Carne. Compreende um punhado de casas de pedra e uma pequena estalagem onde se pode tomar cerveja na sala de visitas. Vista dos campos de Carne, a aldeia podia ser facilmente confundida com um afloramento de rocha sobre um outeiro, pois a colina em que ela se localiza parece cônica para quem a observa da banda norte. Os historiadores locais asseguram que Pylle é o mais antigo povoamento de Dorset, que seu nome é o termo anglo-saxão para designar porto e que serviu de ancoradouro aos romanos na época em que todas as baixadas em volta estavam cobertas pelo mar. Dirão também que o Rei Artur ali repousou após passar sete meses no oceano e tributou homenagem a Santo André, padroeiro dos marinheiros, no local da Igreja de Pylle, onde acendeu uma vela como lembrança de cada mês que estivera navegando; e que na igreja, erigida para comemorar sua visita e de pé ainda hoje, solitária e abandonada na encosta, há uma moeda de bronze em testemunho da sua passagem - a mesma moeda que o Rei Artur deu ao sacristão antes de velejar novamente para a Ilha de Avalon.

O Inspetor William Rigby, ele próprio um arguto historiador local, forneceu a Smiley uma breve notícia do passado legendário de Pylle enquanto dirigia cautelosamente o carro ao longo das ruelas cobertas de neve.

- Essas aldeias minúsculas e retiradas são lugares bem estranhos - concluiu.
- Muitas vezes não passam de três ou quatro famílias, todas tão estreitamente aparentadas e tão difíceis de distinguir como uma ninhada de gatos. É delas que saem os dementes dessas redondezas. Chamam a isso de Marca do Diabo. Para mim é incesto. Odeiam tê-los na aldeia, compreende? Enxotam-lhes de todos os modos, como se procurassem apagar a vergonha, está me entendendo?

- Estou, sim.

- Essa Janie é do tipo religioso. Um ou dois pegam essa mania. Os aldeões de Pylle são todos não-conformistas agora, compreende? Por isso a Igreja do Rei Artur não tem utilidade desde o tempo de Wesley. Está vazia e em

ruínas. Uns poucos deixam o vale para ir visitá-la, pelo seu valor histórico, dizem, mas ninguém se importa com ela ou se importava, até que Janie lá se instalou.

- Instalou-se?

- Sim. Ela meteu na cabeça que tem de limpar a igreja noite e dia, ornamentá-la com flores silvestres e coisas assim. Por isso é que dizem que ela é feiticeira.

Passaram pela casa de Rode em silêncio e após uma curva fechada começaram a subir a encosta íngreme que levava à aldeia de Pylle. A neve da alameda estava intacta e, afora uma ou outra derrapagem ocasional, avançavam sem dificuldade. As rampas mais baixas da colina estavam sombreadas pelo arvoredos e o caminho era escuro. De súbito acharam-se num platô liso, onde um vento selvagem soprava a neve como fumaça de um lado a outro dos campos, açoitando-a de encontro ao carro. A neve se acumulava em turbilhão num dos lados do caminho e a passagem se tornava cada vez mais difícil.

Afinal Rigby parou o carro e disse:

- Daqui iremos a pé, se o senhor não se incomoda.

- Qual é a distância?

- Pouca e desagradável, na minha opinião. Lá está a aldeia, ali em frente.

Pelo pára-brisa Smiley pôde distinguir, por trás dos véus errantes da neve carregada pelo vento, dois edificios baixos a uns quatrocentos metros de distância. Enquanto olhava, um vulto alto, agasalhado, desceu a estrada na direção deles.

- Lá está Ted Mundy - disse Rigby, satisfeito. - Pedi a ele que estivesse aqui. É o sargento de Okeford.

Debruçou-se à janela do carro e bradou alegre:

- Olá, Ted velho, como é que vai?

Rigby abriu a porta traseira do carro e o sargento entrou. Smiley e Mundy foram rapidamente apresentados um ao outro.

- Tem luz na igreja - disse Mundy -, mas não sei se Janie está lá dentro. Não posso perguntar a ninguém na aldeia, senão daqui a pouco está todo mundo

atrás de mim. Eles pensavam que ela tinha ido embora para sempre.

- Ela dorme lá então, Ted? Tem uma cama lá dentro ou coisa que o valha? - perguntou Rigby e Smiley reparou com alegria que seu sotaque característico de Dorset se fazia mais acentuado quando ele falava com Mundy.

- É o que dizem, JJill. Eu não achei cama nenhuma quando dei uma espiada lá dentro no sábado. Mas vou lhe dizer uma coisa curiosa, Bill. Parece que Mrs. Rode costumava vir aqui algumas vezes, na capelinha, para ver Janie.

- Falaram-me nisso - disse, Rigby, lacônico. - Mas qual é o caminho para a igreja, Ted?

- Pela colina - disse Mundy. - Fora da aldeia, num cercado

- virou-se para Smiley. - Isso é muito comum aqui, como espero que o senhor saiba - Mundy falava com muita lentidão, escolhendo as palavras. - Veja bem: quando era tempo de epidemia, eles deixavam seus mortos nas aldeias e iam embora; não para muito longe, porém, por causa de suas terras e da igreja. Era terrível. Terrível.

- De certa forma Mundy conseguia dar a entender que a Peste Negra era uma calamidade bastante recente nessas plagas, senão ao alcance realmente da memória dos vivos.

Saltaram do carro, forçando as portas contra a violência do vento, e se encaminharam para a aldeia, Mundy na dianteira e Smiley em terceiro lugar. A neve impetuosa, fina e dura picava-lhes as caras. Era uma caminhada fantasmal, no alto da colina branca numa noite como aquela. A curva da crista do morro glacial e o gemido do vento, a nevasca que passava em disparada pela face da lua, os lúgubres chalés sem luz deixados para trás com tanta cautela pertenciam a outro rincão do mundo.

Mundy guiava-os certo para a esquerda, e Smiley conjecturou que, ao evitar o centro da aldeia, o sargento esperava passar despercebido dos habitantes. Depois de uns vinte minutos de caminhada, amiúde através de neve profunda, encontraram-se seguindo uma sebe baixa entre dois campos. No ponto extremo do campo da direita vislumbraram uma luz bruxuleante no meio da neve, tão pálida que a princípio Smiley teve de desviar a vista e depois tornar a olhar ao longo da linha daquela sebe comprida a fim de se certificar de que não fora enganado. Rigby parou, acenando para os outros.

- Eu vou na frente agora - disse ele e voltou-se para Smiley. Ficarei muito grato se o senhor se mantiver um pouco a distância. Se houver alguma complicação não é bom que o senhor esteja metido nela, não é mesmo?

- Naturalmente.

- Ted Mundy, você vem comigo.

Foram seguindo a sebe até chegarem a um degrau. Pela fenda na sebe avistavam agora nitidamente a igreja, uma construção baixa, mais parecida com um celeiro do que com um templo. A um canto um pálido fulgor, como a claridade incerta de uma vela, brilhava fracamente através dos caixilhos das janelas.

- Ela está lá-Mundy falou baixinho, enquanto ele e Rigby avançavam, com Smiley seguindo-os a distância.

Cruzavam o campo agora. Rigby ia na frente, e a igreja se tornava cada vez mais próxima. Novos sons perturbavam o gemido do vento: o estalo seco de uma porta, o murmúrio de um telhado em desintegração, o incessante suspirar do vento ao passar por uma casa em ruínas. Os dois homens à frente de Smiley haviam parado, quase na sombra da parede da igreja, e cochichavam. Em seguida, Mundy afastou-se sem ruído, desaparecendo na esquina da igreja. Rigby aguardou um instante, depois aproximou-se da entrada estreita da parede dos fundos e empurrou a porta. Ela cedeu pouco a pouco, rangendo lastimosamente nas dobradiças. Rigby sumiu-se no interior da igreja.

Smiley estava à espera do lado de fora quando de repente, acima de todos os rumores da noite, ouviu um grito, tão tenso, estridente e claro que parecia não vir de lugar nenhum, mas estar cavalgando por todas as partes no dorso do vento, alçando-se ao céu devastado sobre asas; e Smiley teve uma visão da Louca Janie como a encontrara antes naquela noite, e tornou a ouvir naquele grito dementado a pavorosa nota da loucura. Por um momento ficou à espreita. O eco morreu. Então, pé ante pé, aterrorizado, atravessou a neve que o separava da porta aberta.

Duas velas e um candeeiro sobre o altar nu espalhavam uma claridade fosca pela capelinha. Diante do altar, no degrau do santuário, sentava-se Janie, olhando vagamente para eles. Seu rosto vazio estava besuntado de manchas verdes e azuis, suas roupas asquerosas estavam entremeadas de raminhos de

sempre-verdes e em volta dela no chão jaziam os corpos de animais e pássaros minúsculos.

Os bancos estavam também adornados de bichinhos mortos de todas as espécies; e no altar viam-se galinhos partidos e montículos de folhas de azevinho. Entre as velas erguia-se uma cruz tosca. Passando por Rigby, Smiley caminhou apressado por entre as fileiras de bancos, desviou-se do corpo reclinado de Janie e parou diante do altar. Hesitou um instante, depois voltou-se e em voz baixa chamou Rigby.

Sobre a cruz, colgada em volta dos três braços como um diadema grosseiro, havia uma enfiada de contas verdes.

8 – FLORES PARA STELLA

Acordou com o eco do grito dela nos ouvidos. Pretendera dormir até tarde, mas seu relógio marcava sete e meia. Acendeu a lâmpada de cabeceira, pois ainda estava escuro, e, como uma coruja, esquadrinhou o quarto. Lá estavam suas calças, jogadas na cadeira, as pernas ainda ensopadas pela neve. Lá estavam seus sapatos; teria de comprar outro par. E ali, a seu lado, estavam as anotações que havia tomado de madrugada antes de ir dormir, transcrições recortadas de trechos do monólogo da Louca Janie na viagem de volta a Carne, viagem que jamais olvidaria. Mundy se acomodara com ela no assento traseiro. Ela falava para si mesma como uma criança, fazendo perguntas e depois, nos tons pacientes de um adulto para quem a resposta é óbvia, respondendo.

Uma obsessão parecia encher-lhe a mente: vira o demônio. Virao voando no vento, as asas de prata abertas atrás dela. Às vezes a lembrança divertia-a, às vezes incutia-lhe um sentimento da própria importância ou beleza e às vezes aterrorizava-a, a ponto de fazê-la gemer e chorar e pedir a ele que fosse embora. Então Mundy falava bondosamente com ela, tentando acalmá-la. Smiley indagava de si para consigo se os policiais se habituavam à sordidez de tais coisas, a roupas que nada mais eram do que trapos fétidos enrolando membros miseráveis, a choraminguemos imbecis que agarravam, gritavam e choravam. Ela devia ter vivido numa correria noites a fio, catando comida nos campos e nas latas de lixo desde a noite do crime... Que fizera ela naquela noite? Que vira? Tinha assassinado Stella Rode? Tinha visto o criminoso e o imaginara na pele do diabo voando no vento? Por que devia ela pensar assim? Se Janie não matara Stella Rode, o que vira ela de tão assustador que a fizera vaguear apavorada durante três longas noites de inverno como um animal na floresta? Ter-se-ia o demônio apossado de Janie dando-lhe forças para bater em Stella? Era esse o demônio que cavalgava o vento?

Mas que dizer das contas, do sobretudo e das pegadas que não eram as dela - que dizer disso? Smiley ficou ali pensando, sem chegar a nenhuma conclusão. Por fim era tempo de levantar-se: era a manhã do enterro.

Quando ia saindo da cama o telefone tocou. Era Rigby. Havia em sua voz um pouco de fadiga e preocupação.

- Preciso falar com você disse ele. - Pode dar um pulo aqui?

- Antes ou depois do enterro?

- Antes, se possível. Que tal agora mesmo?

- Estarei aí em dez minutos.

Pela primeira vez desde que Smiley travara conhecimento com ele, Rigby parecia cansado e inquieto.

- É a Louca Janie - disse ele. - O chefe é de opinião que devemos acusá-la.

- De quê?

- Homicídio - Rigby respondeu prontamente, empurrando uma pasta por cima da mesa. - A pobre doida prestou um depoimento... uma espécie de confissão.

Guardaram silêncio enquanto Smiley ia lendo o extraordinário depoimento, assinado com a marca de Janie -J. L. - desenhada por mão infantil em letras de dois centímetros de altura. O policial que a ouvira tentara a princípio condensar e simplificar a narrativa, mas ao fim da primeira página desistira, evidentemente desesperado.

Afinal Smiley chegou à descrição do crime:

"Assim eu digo à minha querida, eu digo a ela: "Não vá atrás do diabo, menina travessa", mas ela não quis me ouvir, veja, e eu fiquei com raiva dela, mas ela não ligou. Não posso me conformar com elas andarem de noite com o diabo, e disse a ela. Ela devia levar um galho de azevinho, senhor, essa é a verdade. Eu disse a ela, senhor, mas nunca que ela me ouviu, e isso é tudo o que Janie está dizendo, mas ela enxotou o diabo. Jame enxotou, e alguém me agradecerá, a minha querida, e eu tirei as jóias dela para os santos, tirei, para enfeitar a igreja, e um casaco para me esquentar".

Rigby observava-o quando Smiley tornou a colocar sem pressa o depoimento na escrivaninha.

- Então? Que é que acha disso?

Smiley hesitou: - Como está aí é puro disparate - respondeu enfim.

- Claro que é - disse Rigby com certo desdém. - Ela viu alguma coisa, só Deus sabe o quê, quando andava a esmo por lá, furtando, talvez. Ela pode ter saqueado o cadáver, ou melhor, deve ter apanhado as contas no lugar onde o assassino as deixou cair. Localizamos a origem do sobretudo. Pertenceu a um tal de Mr. Jardine, padeiro da zona leste de Carne. Mrs. Jardine deu-o a Stella Rode na manhã de quarta-feira passada para os refugiados. Janie deve tê-lo surripiado da estufa. Isso é o que ela quis dizer com a história do "casaco para me esquentar". Mas ela matou Stella Rode tanto quanto você e eu a matamos. E o que me diz das pegadas, das impressões da luva na estufa? Além disso, ela não é bastante forte, Janie, quero dizer, para arrastar aquela pobre mulher numa extensão de quase quinze metros pela neve afora. Isso é serviço de homem, como qualquer um pode ver.

- Então, o quê, exatamente...?

- Suspendemos a busca e eu vou ter de acusar Janie Lyn, da aldeia de Pylle, do homicídio doloso de Stella Rode. Eu mesmo lhe queria dizer isso antes que você lesse a notícia nos jornais. Para que soubesse como foi.

- Obrigado.

- E por ora, se precisa de ajuda, ainda pode contar comigo. Hesitou, pareceu que ia dizer alguma coisa, mas depois mudou de ideia.

Ao descer a ampla escadaria, Smiley sentia-se inútil e enfurecido, o que indubitavelmente não era o estado de espírito ideal para quem ia a um enterro.

Foi um serviço admiravelmente conduzido. Nem as flores nem a congregação foram além do que convinha à ocasião. Ela não foi enterrada na abadia, talvez por deferência à simplicidade dos seus gostos, mas no cemitério da paróquia perto de North Fields. O Diretor, impossibilitado de comparecer, como quase sempre acontecia, fizera-se representar pela esposa, uma mulherzinha obscura que passara muito tempo na Índia. D'Arcy estava muito em evidência, agitando-se de um lado para outro antes da cerimônia como um solícito bedel; e Mr. Cardew viera guiar a pobre Stella através dos mistérios do ritual da Alta Igreja Anglicana. Os Hecht estavam

presentes, Charles todos de preto, escovado e lúcido, e Shane num vestido de luto teatral, com um chapéu de aba larguíssima.

Smiley, que, como os outros, chegara cedo, prevendo o pernicioso interesse público que a cerimônia poderia suscitar, escolheu uma posição perto da entrada do templo. Observava com interesse os que iam chegando e aguardava a passagem de Stanley Rode.

Entraram diversos comerciantes, apertados na sarja estofada e nas gravatas pretas, e formaram um pequeno grupo ao sul da passagem central, longe dos professores e suas mulheres. Em pouco tempo a eles foram juntar-se outras mulheres da comunidade da cidade, mulheres que haviam conhecido Mrs. Rode no tabernáculo, e por fim Rigby, que encarou Smiley mas não fez gesto algum. Então, às três em ponto, um velho alto passou vagarosamente pela porta, olhando para a frente, sem conhecer nem ver ninguém. Ao lado dele vinha Stanley Rode.

Era um rosto que à primeira vista nada significava para Smiley, parecendo não ter nem a marca do temperamento nem os componentes do caráter; era uma cara comum, insípida, meio balofa e desprovida de característica própria. Combinava com o corpo pequeno, banal e o cabelo preto, também banal; estava convenientemente comprimida numa expressão de tristeza. Ao vê-lo entrar na nave central e ocupar seu lugar entre os principais acompanhantes, ocorreu a Smiley que o andar e o porte de Rode evidenciavam algo totalmente estranho a Carne. Se é vulgar usar canetatinteiro no bolsinho do paletó, ter preferência pelos pulôveres de lã e por gravata marrom, bambolear-se um pouco e virar o pé para fora ao caminhar, então Rode era sem sombra de dúvida vulgar, pois embora não cometesse agora esses pecados, os seus modos subentendiam todos eles.

Seguiram o ataúde até o interior do cemitério e reuniram-se em volta da cova aberta. D'Arcy e Fielding estavam juntos, aparentemente atentos ao serviço. O vulto alto e idoso que entrara na igreja com Rode estava agora visivelmente comovido, e Smiley compreendeu que era o pai de Stella, Samuel Glaston. Terminado o serviço, o velho afastou-se do grupo, com ligeira inclinação de cabeça para Rode, e desapareceu na igreja. Parecia debater-se ao caminhar, como alguém andando contra o vento.

Pouco a pouco o pequeno grupo foi-se desfazendo à beira da cova, até restar apenas Rode, uma figura singularmente rija, tesa e constrangida, os olhos

arregalados mas um tanto cegos, a boca mantida numa severa linha pedagógica. Então, enquanto Smiley observava, Rode pareceu despertar de um sonho; seu corpo descontraíu-se de repente, e ele também pôs-se a andar vagarosamente mas com confiança, afastando-se da sepultura e dirigindo-se para o pequeno grupo que nesse momento voltava a reunir-se no portão do cemitério. Enquanto ele caminhava, Fielding, que estava um pouco à margem do grupo, viu-o aproximar-se e, para espanto de Smiley, distanciou-se veloz e propositadamente com uma expressão de forte repugnância. Não era o gesto calculado de um homem que desejasse insultar outro, pois não atraiu a atenção de Rode nem de ninguém mais que estivesse ali por perto. Terence Fielding, pelo menos dessa vez, parecia estar sob o domínio de uma emoção verdadeira, e indiferente à impressão que pudesse causar.

A contragosto, Smiley aproximou-se do grupo. Rode estava um pouco afastado. Os D'Arcy lá estavam, com mais três ou quatro membros do corpo docente. Ninguém falava muito.

- Mr. Rode? - inquiriu.

- Exato. Sou eu, sim. - Falava devagar, o vestígio de um sotaque cuidadosamente evitado.

- Estou representando Miss Brimley, da Christian Voice.

- Ah, sim.

- Ela desejava muito que o semanário se fizesse representar. Julguei que o senhor gostaria de saber disso.

- Vi a sua coroa; foi muito gentil.

- Sua senhora era uma de nossas assinantes mais fiéis - continuou Smiley. - Nós a considerávamos quase como alguém da família.

- Sim, ela tinha grande entusiasmo pela Voice.

Smiley perguntou a si mesmo se Rode era sempre tão impassível assim, ou se a aflição o tornara apático.

- Quando chegou? - Rode perguntou subitamente.

- Na sexta-feira.

- Fazendo seu fim-de-semana, hem?

Smiley ficou tão espantado que por um momento não encontrou nada para dizer. Rode fitava-o ainda, esperando uma resposta.

- Tenho um ou dois amigos aqui... Mr. Fielding...

- Ah, Terence - Smiley convenceu-se de que Rode não tinha muita intimidade com Fielding.

- Gostaria, se me fosse permitido-Smiley arriscou-de enviar um pequeno necrológio a Miss Brimley. O senhor faria alguma objeção?

- Stella teria apreciado isso.

- Se não é muito incômodo para o senhor, talvez eu possa ir até a sua casa amanhã para colher uns poucos dados.

- Claro que pode.

- As onze?

- Será um prazer - Rode respondeu, quase com animação, e os dois marcharam juntos para o portão do cemitério.

9 – OS ENLUTADOS

Era uma trapaça sórdida feita a um homem que acabava de perder a mulher. Smiley sabia disso. Quando abriu mansamente o portão e pisou na trilha aberta no jardim, onde duas noites atrás havia tido sua estranha conversa com Janie Lyn, reconheceu que visitar Rode sob qualquer pretexto em tal ocasião era cometer uma ação inominável.

Uma das peculiaridades do caráter de Smiley era que durante todo o seu trabalho clandestino ele nunca lograra reconciliar os meios com os fins. Crítico rigoroso dos seus próprios motivos, descobrira após demorada observação que tendia a ser menos intelectualizado do que seus gostos e hábitos poderiam insinuar; certa vez, em plena guerra, seus superiores afirmaram possuir ele a esperteza de Satã e a consciência de uma virgem, o que não lhe parecia de todo injusto.

Apertou o botão da campainha e esperou. Stanley Rode veio abrir a porta. Vestia-se com apuro e era evidente que se lavara com o maior cuidado.

- Olá-disse ele, como se fossem velhos amigos. - Escute aqui, você não veio de carro, veio?

- Infelizmente deixei-o em Londres.

- Não faz mal - Rode parecia decepcionado. - Imaginei que pudéssemos dar uma volta por aí, conversando pelo caminho. Estou farto de andar pela casa sozinho. Miss D'Arcy me convidou para passar uns dias com ela e o irmão. São muito simpáticos, realmente, muito mesmo; mas não aceitei, pelo menos por enquanto.

- Compreendo.

- Você compreende? - Estavam agora na saleta. Smiley tirava o sobretudo; Rode esperava para recebê-lo. - Não são muitos os que compreendem... a solidão, quero dizer. Sabe o que eles fizeram, o Diretor e Mr.D'Arcy? A intenção foi boa, eu sei. Distribuíram todas as minhas correções... as provas que eu devia corrigir, entende? O que é que esperam que eu faça aqui,

sozinho? Não dou aula, nada. Cada um faz uma parte do meu serviço. Faz pensar até que querem se ver livres de mim.

Smiley balançou afirmativamente a cabeça. Passaram para a sala de visitas. Rode ia na frente.

- Sei que a intenção deles é a melhor possível, como já disse. Mas, afinal, tenho de passar o tempo de uma forma ou de outra. Simon Snow ficou com uma parte de minha divisão para corrigir. Você o conhece por acaso? Sessenta e um por cento deu ele a um garoto... sessenta e um. O menino é um perfeito idiota. Eu disse a Fielding no princípio do semestre que talvez ele não consiga sua promoção. Perkins é o nome do menino. Aliás, um ótimo rapaz; monitor da classe de Fielding. Era muita sorte dele alcançar trinta por cento... mas Simon deu sessenta e um. Não vi as provas ainda, mas é impossível, inteiramente impossível.

Sentaram-se.

- Não é que eu não queira ver o progresso do rapaz. Ele é um ótimo menino, nada de especial, mas de boas maneiras. Mrs. Rode e eu tínhamos pensado em convidá-lo para um chá neste semestre. E teríamos feito isso, não fosse o...

Houve um momento de silêncio. Smiley ia falar quando Rode se levantou e disse:

- Tenho uma chaleira no fogão, Mr...

- Smiley.

- Tenho uma chaleira no fogão, Mr. Smiley. Aceita uma xícara de café? - era uma voz um pouco dura, com os cantos cuidadosamente definidos, como um fraque de aluguel... pensou Smiley.

Rode voltou alguns minutos depois com uma bandeja e serviu o café em quantidades exatas, de acordo com o gosto dos dois.

Smiley sentia-se continuamente irritado com as presunções sociais de Rode e a luta constante para esconder a sua origem. Podia-se dizer, pelas palavras e gestos, o que ele era; pelo ângulo do cotovelo quando bebia o café, pelo puxão rápido, hábil, dado na perna da calça, à altura do joelho, quando se sentava.

- Não sei - Smiley começou - se talvez eu pudesse agora...

- Prossiga, Mr. Smiley.

- Nós estamos, é claro, muito interessados na associação de Mrs. Rode com... a nossa Igreja.

- Perfeito.

- Vocês se casaram em Branxome, creio eu.

- Tabernáculo da colina de Branxome, bela igreja. – D'Arcy não teria gostado da maneira como ele disse isto: rapazinho convencido montado numa motocicleta. Caneta-tinteiro no bolsinho do paletó.

- Quando foi isso?

- Setembro de 1951.

- Mrs. Rode empenhava-se em obras filantrópicas em Branxome? Sei que ela desenvolveu grande atividade aqui.

- Não. Em Branxome não, mas bastante aqui. Ela precisava cuidar do pai em Branxome, compreende? Sua maior atividade aqui era na parte de conseguir auxílio para os refugiados. Isso andava um pouco parado até o fim de 1956... os húngaros começaram e depois, no ano passado...

Smiley fitou pensativamente Rode por detrás dos óculos, esqueceu-se de si mesmo, pestanejou e desviou a vista.

-Tinha ela grande participação nas atividades sociais de Carne? Mantém o compo docente algum Instituto Feminino e coisas assim? - perguntou com ar inocente.

- Um pouquinho, sim. Mas, sendo não-conformista, apegava-se mais ao pessoal da cidade... aos que também eram não-conformistas... a respeito disso quem melhor pode informar é Mr. Cardew, o pastor.

- Mas posso dizer, Mr. Rode, que ela desempenhava papel importante nos negócios do colégio também?

Rode hesitou.

- Sim, é claro - disse. :

- Muito obrigado.

Houve um momento de silêncio. Depois, Smiley prosseguiu:

– Nossos leitores sem dúvida recordarão que Mrs. Rode foi a vencedora de nosso concurso de sugestões para a cozinha. Era ela boa cozinheira, Mr. Rode?

- Muito boa, para os pratos simples, não para banquetes.

- Haverá algum fato especial que o senhor gostaria que mencionássemos, alguma coisa pela qual ela mesma desejasse ser lembrada?

Rode encarou-o sem nenhuma expressão nos olhos. Depois encolheu os ombros.

- Não, realmente não. Não posso pensar em nada. Ah, o senhor podia dizer que o pai dela era magistrado lá no Norte. Ela tinha muito orgulho disso.

Smiley acabou seu café e ergueu-se.

- O senhor foi muito paciente comigo, Mr. Rode. Esteja certo do nosso reconhecimento. Eu lhe enviarei uma cópia de nossa nota antes da impressão...

- Obrigado. Fiz isso por ela, o senhor sabe. Ela gostava da Voice, sempre gostou. Cresceu lendo o seu semanário.

Trocaram um aperto de mãos.

-A propósito, o senhor sabe onde posso encontrar Mr. Glaston? Está ele em Carne ou regressou a Braxome?

- Estava aqui ontem. Vai voltar para Braxome hoje de tarde. A polícia queria vê-lo antes de partir.

- Entendo.

- Muito obrigado. Procurarei vê-lo antes da minha volta.

- Quando o senhor parte, então?

- Dentro de pouco tempo, espero. Adeus, então, Mr. Rode. Aliás... - Smiley começou.

- Sim?

- Quando estiver em Londres e não tiver o que fazer, se quiser conversar um pouco... e tomar uma xícara de chá, teremos o maior prazer em recebê-lo na Voice. A qualquer momento.

- Pois não.

- Smiley.

- Muito obrigado, é muito gentil. Há muito tempo que ninguém me faz um convite desses. Fique certo de que irei vê-lo qualquer dia. É muita bondade da sua parte.

-Adeus. - Novamente apertaram as mãos; a de Rode era seca e fria. Lisa.

Voltou ao Sawley Arms, sentou-se a uma escrivaninha no salão vazio do hotel e redigiu um bilhete para Mr. Glaston:

“Caro Mr. Glaston,

Encontro-me aqui como representante de Miss Brimley, da Christian Voice. Tenho comigo algumas cartas de Stella que imagino que o senhor gostará de ver. Perdoe-me por incomodá-lo num momento amargo como este. Sabendo que o senhor vai deixar Carne hoje de tarde, pensei que talvez pudesse vê-lo antes da sua partida.”

Fechou cuidadosamente o envelope e levou-o para a portaria. Não havia ninguém lá. Então, tocou a campainha e esperou. Por fim surgiu o porteiro, um velho carcereiro de cara cinzenta e hirsuta, que depois de examinar criticamente o envelope por longo tempo, concordou, mediante uma gratificação exagerada, em transportá-lo ao quarto de Mr. Glaston. Smiley postou-se junto ao balcão, aguardando a resposta.

O próprio Smiley era um daqueles solitários que pareciam ter vindo ao mundo plenamente formados aos dezoito anos. O anonimato era sua natureza, bem como sua profissão.

Os ínvios caminhos da espionagem não são palmilhados pelos aventureiros impetuosos e pitorescos da ficção. Quem, como Smiley, viveu e trabalhou anos a fio no meio dos inimigos do seu país aprende apenas uma oração: que nunca, nunca seja notado. A assimilação é o seu objetivo mais alto. Aprende a amar as multidões que passam por ele na rua sem o ver; apega-se a elas a fim de preservar o anonimato e a segurança. O medo torna-o servil: podia abraçar os compradores que em sua impaciência o acotovelam e o

forçam a descer a calçada. Podia adorar os funcionários, os policiais, os condutores de ônibus, pela breve indiferença de suas atitudes.

Mas esse medo, essa subserviência, essa subordinação haviam gerado em Smiley uma aguda percepção do matiz próprio de cada ser humano: uma sensibilidade apurada, feminina, para captar-lhe o caráter e os motivos. Conhecia a humanidade como um caçador conhece o esconderijo da caça, como a raposa conhece a mata. Pois um espião deve caçar enquanto está sendo caçado, e a multidão é o seu patrimônio. Podia colecionar gestos e palavras, registrar a relação entre olhares e movimentos, como o caçador registra a samambaia torcida e o galho quebrado, ou como a raposa percebe os sinais de perigo.

Assim, enquanto aguardava pacientemente a resposta de Glaston, recomendava os acontecimentos das últimas quarenta e oito horas, ia-os arrumando e avaliando com imparcialidade.

Qual era a causa da atitude de D'Arcy para com Fieling, como se os dois fossem sócios relutantes de um segredo vergonhoso? Cravando os olhos na Abadia de Carne, do outro lado dos jardins abandonados do hotel, lobrigava por detrás do plúmbeo telhado da abadia as conhecidas ameias do colégio; elas mantinham o mundo novo a distância e sustentavam o velho. Em sua imaginação via agora o Grande Pátio, no momento em que os rapazes saíam da capela: os grupos de becas negras nas atitudes ociosas da Inglaterra setecentista. E lembrou-se do outro educandário ao lado da chefatura de polícia: o Ginásio de Carne; um lugarzinho berrante como o alojamento do porteiro num cemitério vazio, tão despegado dos tons de Carne como eram seus tijolos e pedras das ameias açafreadas do vestíbulo do colégio.

Sim, refletiu, Stanley Rode fizera uma longa viagem desde que saíra do ginásio de Braxome. E, se matou a mulher, então o motivo, Smiley estava certo disso, e até mesmo os meios teriam de ser localizados naquela dura estrada até Carne.

- O SENHOR FOI muito gentil em ter vindo - disse Glaston - e foi uma bondade de Miss Brimley tê-lo enviado. O pessoal da Voice é gente muito boa; sempre foi. - Disse isto como se "boa" fosse uma qualidade absoluta com a qual estivesse familiarizado.

- E melhor que o senhor leia as cartas, Mr. Glaston. A segunda talvez vá chocá-lo, mas estou certo de que o senhor convirá comigo em que eu não poderia deixar de mostrar-lhe. - Estavam sentados no salão, as plantas gigantescas de sentinela ao lado deles.

Entregou a Glaston as duas cartas e o ancião segurou-as com firmeza e pôs-se a lê-las. Afastou-as um bocado para ler, empurrando a cabeça para trás, os olhos semicerrados, a linha enérgica da boca virada para baixo nos cantos. Por fim falou:

- O senhor esteve com Miss Brimley na guerra, não é verdade?

- Trabalhei com John Landsbury, sim.

- Sei. Por isso é que ela o procurou, não é? ;

- Sim...

- O senhor é não-conformista?

- -Não.

Ficou calado um instante, as mãos enlaçadas no colo, as cartas diante dele em cima da mesa.

- Stanley era não-conformista quando eles se casaram. Depois ele deixou. Sabia disso?

- Sabia.

- Lá no Norte, de onde eu venho, não agimos assim. O não-conformismo era algo que defendíamos e pelo qual lutávamos. Quase como o voto.

- Sei disso.

Suas costas eram retas como as de um soldado. Parecia mais frio do que triste. Inesperadamente seus olhos voltaram-se para Smiley e ele o examinou longa e atentamente.

- O senhor é professor? - perguntou, e ocorreu a Smiley que em sua época Samuel Glaston tinha sido um astuto homem de negócios.

- Não... Estou mais ou menos aposentado.

- Casado?

- Era.

Novamente o ancião calou-se, e Smiley desejou que ele o deixasse em paz.

- Ela era uma tagarela de marca - disse ele afinal. Smiley não respondeu.

- Contou à polícia?

- Conte, sim, mas a polícia já sabia. Isto é, sabia que Stella pensava que o marido ia matá-la. Ela chegou mesmo a contar a Mr. Cardew...

- O pastor?

- Sim. Ele achou que ela estava esgotada... e enganada.

- O senhor acha que ela não estava?

- Não sei. Simplesmente não sei. Mas pelo que me contaram não creio que sua filha fosse desequilibrada. Alguma coisa fez nascer as suspeitas, alguma coisa assustou-a profundamente. Não acredito que possamos deixar isso de lado. Não creio que tenha sido mera coincidência o fato de ela ter ficado assim apavorada antes de morrer. E por isso não creio que a mendiga a tenha assassinado.

Samuel Glaston concordou com uma lenta inclinação de cabeça. Smiley teve a impressão de que o velho estava procurando demonstrar interesse, em parte por polidez e em parte porque, caso não demonstrasse, estaria confessando ter perdido o interesse pela vida.

Então, após um silêncio prolongado, ele dobrou cuidadosamente as cartas e devolveu-as. Smiley esperou que Glaston falasse, mas ele nada disse.

Depois de alguns momentos, Smiley ergueu-se e saiu mansamente da sala.

10 – MULHERINHAS

Jane Hecht sorriu e bebeu um pouco mais de xerez.

-Você deve ser tremendamente importante-disse ela a Smiley – para D'Arcy oferecer bom xerez. Que é que você é, o Almanack de Gotha?

- Desconfio que não. D'Arcy e eu jantamos na casa de Terence Fielding no sábado de noite e D'Arcy me convidou para um xerez.

- Terence é terrível, não é? Charles detesta-o. Acho que eles encaram Esparta de pontos de vista bem diferentes... Pobre Terence. Este é seu último semestre.

- Sei disso.

- Quanta gentileza sua ter comparecido ontem ao funeral. Odeio funerais, e você? Preto é tão anti-higiênico. Lembro-me sempre do funeral de Jorge V. Lord Sawley era da corte na época e deu dois ingressos a Charles. Tão gentil. Acho que isso de certa forma estragou para sempre nosso modo de ver os funerais comuns. É verdade que nunca estou muito certa a respeito de funerais, e você? Tenho a impressão de que em grande parte são a recreação da classe baixa: licor de cereja e bolo de sementes aromáticas na sala de visitas. Creio que, nos dias de hoje, a tendência de pessoas como nós é para um funeral sossegado: nada de flores, apenas um breve necrológio e uma cerimônia simples mais tarde - seus olhinhos brilhavam de prazer. Terminou de beber o xerez e estendeu o cálice vazio a Smiley. - Quer ter a bondade, querido? Odeio xerez, mas Felix é tão sovina!

Smiley encheu-lhe a taça, servindo-se da garrafa que estava sobre a mesa.

- Crime horroroso, não foi? Aquela mendiga devia estar louca. Stella Rode era tão simpática, sempre achei... e tão singular. Ela fazia verdadeiros milagres com o mesmo vestido... Mas tinha amigos bem curiosos. Tudo para Hans, o lenhador, e Pedro, o pescador, se é que está me entendendo.

- Ela era popular em Carne?

Shane Hecht riu discretamente: - Ninguém é popular em Carne... mas não era fácil gostar dela... saía de crepe negro aos domingos... perdoe-me, mas não é o que fazem as mulheres do povo? Os moradores da cidade gostavam dela, me parece. Eles adoram quem atraiçoa Carne. Mas ela, se não estou enganada, era da Ciência Cristã ou coisa parecida.

- Batista, suponho - disse Smiley irrefletidamente. Ela fitou-o por um momento com sincera curiosidade.

- Que delícia - murmurou. - E você, o que é, pode me dizer? Smiley respondeu com um chiste, dizendo ser desempregado, e descobriu ter escapado por um triz de se explicar perante Shane Hecht como um garotinho. A própria feitura dela, o companzil e a voz, aliados à malícia habilidosa da conversação, conferiam-lhe a perigosa característica do comando. Smiley sentiu-se tentado a compará-la com Fielding, mas para Fielding as outras pessoas dificilmente existiam. Para Shane Hecht elas existiam: estavam ali para se revelarem deficientes nas minuciosas provas de comportamento social, para serem ridicularizadas e destruídas.

- Li nos jornais que o pai dela é endinheirado. Do Norte. Segunda geração. É realmente digno de nota que ela tenha se conservado como era... tão natural... Ninguém diria que ela precisasse de ir à lavanderia pública ou de fazer amigos entre mendigos. Contudo, é claro, essa gente do centro é diferente, não acha? Somente umas três famílias boas entre Ipswich e Newcastle. De onde foi que você disse que era, querido?

- Londres.

- Lindo. Certa vez fui tomar chá com Stella. Leite em primeiro lugar e depois chá-da-índia. Tão diferente - olhou subitamente para Smiley e disse: - vou lhe dizer uma coisa. Ela quase que me desperta admiração, eu a achava tão intolerável. Ela era como esses esnobezinhos cacetes que pensam que só os humildes são virtuosos - sorriu e acrescentou:

- Cheguei mesmo a concordar com Charles a respeito de Stella Rode, e olhe que isso é significativo. Se você é um estudioso do gênero humano, vá dar uma espiada nele; o contraste é pasmoso. - Mas nesse momento veio juntar-se a eles a irmã de D'Arcy, uma mulher ossuda, varonil, com desmazelado cabelo grisalho e uma boca arrogante, autoritária.

- Dorothy, querida - murmurou Shane -, que amor de recepção! Tão agradável! E tão emocionante encontrar alguém de Londres, não acha? Estávamos conversando acerca do funeral da pobre Mrs. Rode.

- Stella Rode podia não ser muito bem-educada, Shane, mas fez muito pelos meus refugiados.

- Refugiados? - perguntou Smiley com ar inocente.

- Húngaros. Arrecadava coisas para eles. Roupas, móveis, dinheiro. Uma das poucas mulheres que fizeram alguma coisa. - Lançou um olhar severo a Shane Hecht, que sorria bondosamente para o marido, atrás de Miss D'Arcy.

- Criaturinha disposta, era ela; não se incomodava de arregaçar as mangas e sair de porta em porta. Conseguiu a colaboração das mulherinhas do templo batista e arrecadou coisa à beça. Temos que reconhecer o mérito dessa gente. São decididos. Felix, mais xerez!

Havia umas vinte pessoas nas duas salas, mas Smiley, que chegara um pouco mais tarde, viu-se atrelado a um grupo de oito que estava mais perto da porta; D'Arcy e a irmã; Charles e Shane Hecht; um jovem matemático chamado Snow e a esposa; um cura da abadia e o próprio Smiley, atarantado e como uma toupeira por trás dos óculos.

Smiley passeou rapidamente a vista pela sala, mas não encontrou nenhum sinal de Fielding.

-... Sim - prosseguiu Dorothy D'Arcy. - Ela era muito trabalhadora, muito... e foi até o fim. Estive lá na sexta-feira com aquele pastor do tabernáculo de folha-de-flandres... Cardew... para ver se tinha coisas dos refugiados para arrumar. Não havia nada fora do lugar. Cada pacote de roupa estava pronto e com o endereço anotado. Tivemos apenas de despachá-los. Era mesmo uma excelente trabalhadora, é o que lhes digo. Fez um serviço esplêndido no bazar, vocês sabem.

- Foi, sim, querida-disse Shane Hecht amavelmente. - Lembro-me disso muito bem. Foi no dia em que eu a apresentei a Lady Sawley. Ela estava usando um chapéu tão bonito... aquele com que ela saía aos domingos, lembra-se? Ah, e tão respeitosa. "Milady", era como ela se dirigia a Lady Sawley. - Virou para Smiley e sussurrou: - Um tanto feudal, não acha, querido? Mas não deixo de gostar; usa-se tão pouco hoje em dia.

O matemático e a esposa estavam conversando com Charles Hecht a um canto, e alguns minutos depois Smiley conseguiu separar-se do grupo e juntar-se a eles.

Ann Snow era uma bonita moça com um rosto ligeiramente quadrado e o nariz arrebitado. O marido era alto e magro, de aparência agradável. Segurava o cálice de xerez entre os dedos finos e compridos como se fosse um tubo de ensaio e, ao falar, parecia dirigir-se antes ao xerez do que a seu interlocutor; Smiley lembrou-se de os ter visto no enterro. Hecht, corado e com certa irritação, pitava seu cachimbo. Falavam de maneira desconexa, a conversa frequentemente interrompida pelas palavras trocadas com o grupo vizinho. Afinal Hecht apartou-se deles, ainda absorto e de cenho franzido, e postou-se ostensivamente só, perto da porta.

- Pobre Stella - disse Ann Snow após um momento de silêncio. - Perdão - acrescentou. - Ainda não posso tirá-la da mente. Loucura, pura loucura. Quero dizer, por que tinha ela de fazer o que fez, essa tal de Janie?

- Vocês gostavam de Stella? - Smiley perguntou.

- Claro que gostávamos. Ela era um amor. Já estamos aqui há quatro semestres, mas ela era a única pessoa daqui que se mostrava bondosa conosco. - O marido não disse nada, limitando-se a inclinar a cabeça diante do seu xerez. - Simon não foi aluno de Carne, compreende? Quase todos os professores foram. Assim, não conhecíamos ninguém e ninguém nunca estava realmente interessado. Todos fingiam que tinham o maior prazer em ver-nos, é claro, mas foi Stella quem realmente...

Dorothy D'Arcy caía sobre eles.

- Mrs. Snow - disse ela com animação -, tenho pensado em ter uma conversa com você. Quero que se encarregue do trabalho de Stella para os refugiados.-Atirou um olhar avaliador na direção de Simon: O Diretor tem o maior interesse pelos refugiados.

- Valha-me Deus! - respondeu Ann Snow, espantada. - Não creio que possa. Realmente. Miss D'Arcy, eu...

- Não pode? Por que não pode? Você não trabalhou na barraca de Mrs. Rode no bazar?

- Foi lá que ela comprou seus vestidos - murmurou Shane Hecht por trás deles. Ann gaguejava:

- Mas... bem, eu não tenho a energia de Stella, entende o que quero dizer? Além disso, ela era batista, contava com a ajuda de todos os moradores da cidade, que lhe davam as coisas e realmente gostavam dela. Comigo seria diferente.

- Pura tolice - declarou Miss D'Arcy, que falava com todos os professores novos como se eles fossem criados ou mensageiros; e Shane Hecht, ao lado dela, dizia: - Batistas são os que não gostam dos bancos reservados das igrejas, não são? Estou de acordo... já que se paga tem-se o direito de sentar neles.

O cura, que conversava sobre críquete a um canto, ensaiou um brando protesto: - Ora, que é isso, Mrs. Hecht? O banco reservado tinha muitas vantagens.... - e embrenhou-se numa intrincada apologia do antigo costume, à qual Shane prestou atenção com todos os sinais do interesse mais devotado. Quando por fim o cura concluiu, ela disse:

- Muito obrigado, William querido, tão amável! - Deu-lhe as costas e acrescentou para Smiley num sussurro teatral: - William Trumper... um dos ex-alunos de Charles... o diploma para ele teve sabor de uma verdadeira vitória.

Smiley, ansioso por dissociar-se da vingança de Shane Hecht sobre o cura, voltou-se para Ann Snow, mas ela ainda estava à mercê dos projetos filantrópicos de Miss D'Arcy, e Shane continuava a falar com ele:

- O único Smiley de que já ouvi falar foi um que casou com Lady Ann Sercomb no fim da guerra. Ela o abandonou logo depois, naturalmente. Uma união bastante curiosa. Soube que ele era totalmente inadequado. Ela era prima de Lord Sawley. Os Sawley estão ligados a Carne há quatrocentos anos. O herdeiro atual é aluno de Charles; frequentemente jantamos no castelo. Não sei o que foi feito de Ann Sercomb... ela foi para a África... parece, ou foi para a Índia? Não, foi para a América. Tão trágico. Não se pode falar nisso no castelo. - Por um instante o ruído da sala cessou. Por um instante, não mais, Smiley não viu nada senão o olhar firme de Shane Hecht e percebeu que ela esperava por uma resposta. E depois, ela o liberou, como se dissesse: "Poderia esmagá-lo, está vendo? Mas não o farei, vou deixá-lo viver", deu meia-volta e afastou-se.

Deu um jeito de apresentar suas despedidas simultaneamente com Ann e Simon Snow. Eles possuíam um carro velho e insistiram em levar Smiley ao hotel. No caminho, ele disse:

- Se não têm nada melhor para fazer, gostaria de convidá-los para jantar no meu hotel. Imagino que a comida é horrorosa.

Os Snow protestaram e aceitaram, e um quarto de hora depois estavam os três sentados a um canto do imenso restaurante do Sawley Arms, para o enorme desalento de três garçons e umas doze gerações de antepassados de Lord Sawley, figuras de pigmento esfarelado.

- Na verdade travamos conhecimento com ela em nosso segundo semestre - narrava Ann Snow. - Stella não se misturava muito com as mulheres dos outros professores... àquela altura já devia ter aprendido a lição. Não comparecia a reuniões e tertúlias, de modo que foi muita sorte tê-la conhecido. Quando viemos para cá não havia casa para nós: tivemos de passar o primeiro semestre no hotel. Mudamo-nos para uma casinha de Bread Street no dia do nosso segundo semestre. A mudança foi um verdadeiro caos... Simon estava às voltas com os exames e nós estávamos sem tostão, de modo que tínhamos de nos arranjar sozinhos. Mudamo-nos numa chuvosa manhã de quinta-feira. Chovia a cântaros, e nenhum dos nossos móveis maiores passava pela porta da frente. No fim, os homens de Mulligan largaram tudo na entrada e deixaram que eu me arrumasse. - Riu e Smiley notou que ela era uma menina agradável.

- O procedimento deles foi infame. Acho que teriam ido embora se não quisessem um cheque logo depois de feita a entrega. E a conta era muito maior do que havíamos calculado. O talão de cheques não estava comigo, naturalmente. Simon tinha levado. Os homens até ameaçaram levar tudo de volta. Era uma monstruosidade. Acho que estava quase chorando. - E quase está agora, pensou Smiley. - Foi aí que, de surpresa, apareceu Stella. Não sei como é que ela soube que nós estávamos de mudança... estou certa de que ninguém mais sabia. Trazia um macacão e um par de sapatos velhos e vinha para ajudar. Quando viu o que se passava, não perdeu tempo com os homens, foi ao telefone e falou com o próprio Mr. Mulligan. Não sei o que disse a ele, mas depois fez o capataz irão telefone e depois disso não houve mais dificuldade. Ela estava feliz... tremendamente feliz por poder ajudar. Ela era assim. Eles arrancaram a porta e botaram tudo dentro de casa. Ela

era maravilhosa. Ajudava sem mandar. As outras - acrescentou com amargura - são formidáveis para mandar, mas na hora de ajudar, ninguém as vê.

Smiley fez uma inclinação de cabeça e discretamente encheu-lhes os copos.

- Simon está de malas arrumadas - disse Ann num tom subitamente confidencial. - Ganhou uma bolsa e vamos voltar para Oxford. Vai fazer o curso de doutorado e arranjar um trabalho na universidade.

Beberam ao êxito dele, e a conversação tomou outro rumo até que Smiley perguntou:

- E o próprio Rode? Que tal é ele?

- É bom professor - disse Simon sem pressa -, mas maçante como colega.

- Ah, ele é muito diferente de Stella - atalhou Ann. - Inteiramente dominado pela mentalidade de Carne. D'Arcy adotou-o e ele pegou o micróbio. Diz Simon que todos professores de ginásio agem dessa forma... é a fúria do convertido. Dá nojo. Mudou até de religião quando veio para Carne. Stella não; não podia pensar nisso nem em sonho.

-A Igreja Oficial tem muito a oferecer em Carne-Simon observou, e Smiley gostou da seca exatidão do comentário.

- Stella não deve ter se dado bem com Shane Hecht - Smiley sondou com amabilidade.

- É claro que não! - Ann declarou com raiva. - Shane comportava-se com ela de maneira odiosa, sempre escarninha porque ela era honesta e simples nas coisas que gostava. Shane odiava Stella... acho que porque Stella não fazia questão de ser uma dama de qualidades. Ela se sentia feliz em ser como era. Eis o que realmente aborrecia Shane. Shane quer que as pessoas entrem na competição para poder levá-las ao ridículo.

- A mesma coisa faz Carne - observou Simon em tom calmo.

- Ela se empenhou muito na ajuda aos refugiados. E foi aí que começaram suas dificuldades.-As mãos finas de Ann Snow acariciavam delicadamente o cálice do conhaque.

- Dificuldades?

- Poucos dias antes de sua morte. Ninguém lhe contou nada? Da rixa dela com a irmã de D'Arcy?

- Não.

-Realmente não podiam ter contado. Stella não era de mexericos.

- Deixe-me contar-lhe - disse Simon. - É uma boa história. Quando começou esse negócio de Ano do Refugiado, DorothyD'Arcy inflamou-se de entusiasmo filantrópico. E o Diretor também. Os entusiasmos de Dorothy sempre parecem coincidir com os dele. Ela se pôs logo a arrecadar roupa e dinheiro, que empacotava e despachava para Londres. Tudo muito louvável, mas havia uma boa campanha em andamento na cidade, lançada pelo Prefeito. Isso não era suficiente para Dorothy, porém: o colégio devia lançar sua campanha também. Não se pode misturar a caridade. Eu acho que Felix estava por trás disso. De qualquer modo, o certo é que ao fim de alguns meses a comissão central de Londres parece ter escrito a Dorothy perguntando se alguém estava disposto a acomodar um casal de refugiados. Em vez de divulgar a carta, Dorothy respondeu dizendo que ela mesma os acomodaria. Até aí tudo bem. O casal chegou, Dorothy e Felix apontaram um dedo orgulhoso para os refugiados e a imprensa local noticiou a coisa como um exemplo do humanitarismo britânico. Passadas umas seis semanas, o casal bateu certa tarde à porta de Stella. Os Rode e osD'Arcy são vizinhos, como você sabe, e afinal Stella manifestara algum interesse pelos refugiados de Dorothy. A mulher estava debulhada em lágrimas e o marido vociferava, mas isso não perturbou Stella. Ela os levou para a sala de visitas e deu-lhes uma xícara de chá. Afinal, eles conseguiram explicar, em inglês básico, que tinham fugido da casa de D'Arcy por causa do tratamento que recebiam. A moça tinha de trabalhar de manhã à noite na cozinha e o marido levava uma vida de empregado de canil, não remunerado, tratando daqueles malditos spaniels que Dorothy cria. Os sem nariz.

- Rei Carlos - Ann soprou.

- O negócio era tão complicado como se esperava. A moça grávida e o homem um engenheiro formado, de modo que nenhum dos dois era pessoa indicada para os serviços domésticos. Contaram a Stella que Dorothy estaria ausente até a noite... ela tinha ido a uma exposição canina. Stella aconselhou-os a ficar em sua casa por um tempo, e naquela mesma noite procurou Dorothy e contou-lhe o que acontecera. Tinha coragem, como

você está vendo. Embora não fosse coragem propriamente. Ela fez o que tinha de fazer, afinal. Dorothy ficou furiosa e exigiu que Stella devolvesse os "seus refugiados" imediatamente. Stella respondeu que estava convencida de que eles não voltariam e foi para casa. Ao chegar em casa, telefonou para o centro em Londres e pediu-lhes conselho. A comissão mandou uma mulher avistar-se com Dorothy e o casal, e o resultado é que eles foram embora para Londres no dia seguinte... Você pode imaginar o que Shane Hecht teria feito dessa história.

- E ela nunca descobriu?

- Stella não contou a ninguém, exceto a nós, e não passamos a história adiante. Dorothy limitou-se a dar a entender que os refugiados tinham ido para um emprego em Londres, e a coisa ficou nisso.

- Há quanto tempo isso aconteceu?

- Eles foram embora exatamente há três semanas - disse Ann ao marido.- Stella me contou quando veio cear comigo na noite em que você foi ter sua entrevista em Oxford. Faz três semanas hoje.- Voltou-se para Smiley: - Simon, coitado, está numa trabalhadeira enorme. Felix D'Arcy descarregou todas as correções de Rode em cima dele. Fazer as da própria turma já é cansativo... as de duas é de enlouquecer.

- Sim - disse Simon pensativo. - Tivemos uma semana infernal. E um pouco humilhante, de certa forma. Vários dos rapazes que estudaram ciência comigo no semestre passado estão agora na turma de Rode. Um ou dois deles me pareciam inteiramente refratários ao ensino, mas estou vendo que Rode conseguiu o impossível. Corrigi a prova de um... Perkins... sessenta e um por cento em ciência elementar. No último semestre ele obteve quinze por cento numa prova muito mais fácil. Só foi aprovado porque Fielding ficou uma fera. Ele é da casa de Fielding.

- Ah, eu sei... um ruivo...

- Deus do céu! - exclamou Simon. - Não me diga que você o conhece!

- Ah, Fielding nos apresentou-disse Smiley num tom vago. A propósito... ninguém mais falou a vocês daquele incidente com os refugiados de Miss D'Arcy, não é verdade? Ninguém o confirmou, por assim dizer?

Ann Snow olhou-o com estranheza.

- Não. Stella nos contou, mas é claro que Dorothy D'Arcy nunca fez a menor referência a ele. Mas ela deve ter tido ódio a Stella.

Acompanhou-os até o carro e esperou, apesar dos protestos deles, enquanto Simon acionava o motor. Afinal partiram, o carro bramindo pela rua deserta. Smiley demorou-se um pouco na calçada, um vulto estranho e solitário, perscrutando a estrada vazia.

11 – UM CASACO PARA AQUECÊ-LA

Um cão que não mordera o carteiro; um diabo que cavalgava o vento; uma mulher que sabia que ia morrer; um homenzinho apreensivo, de capote, em pé na neve do lado de fora do hotel e o labomioso carrilhão da abadia dizendo-lhe que era hora de ir para a cama.

Smiley hesitou um pouco e depois, com um meneio de ombros, atravessou a rua em direção à entrada do hotel, galgou o degrau e penetrou na deprimente claridade amarela do salão dos hóspedes. Vagarosamente subiu a escada.

Detestava o Sawley Arms. A lâmpada mortiça no vestibulo era ilustrativa: ineficaz, antiquada e presunçosa. Como os garçons no restaurante e as vozes abafadas no salão dos hóspedes, como esse abominável quarto de dormir com suas urnas azuis e douradas e o tapete que imitava um jardim de Buckinghamshire.

O quarto estava excessivamente frio; a arrumadeira devia ter aberto ajanela. Enfiou um xelim no medidor e acendeu o gás. O fogo deu um pipoco surdo e extinguiu-se.

Resmungando, Smiley pôs-se a procurar papel para escrever e, para sua grande surpresa, encontrou algumas folhas na gaveta da escrivaninha. Vestiu o pijama e o roupão e, aos trambolhões, meteu-se na cama. Depois de alguns minutos de desconforto, levantou-se, agarrou o sobretudo e espalhou-o por cima do edredão. Um casaco para aquecê-la...

Como era mesmo que dizia o depoimento dela? "Alguém me agradecerá, a minha querida, eu tirei as jóias dela para os santos, tirei, e um casaco para me esquentar..."

O casaco fora recebido por Stella na quarta-feira como donativo aos refugiados. Parecia razoável supor, pelo que dizia o depoimento, que Janie tirara o casaco do anexo na mesma ocasião em que tirara o colar do cadáver

de Stella. Mas Dorothy D'Arcy tinha estado lá na sexta-feira de manhã-claro que tinha estado, com Mr. Cardew... ela mesma falara disso pouco antes na reunião: "Não havia nada fora do lugar... cada pacote de roupa estava pronto e com o endereço anotado... uma excelente trabalhadora, é o que lhes digo... Então por que Stella não empacotara o sobretudo? Se empacotara tudo o mais, por que não o sobretudo também? Ou teria Janie roubado o sobretudo mais cedo, antes que Stella tivesse feito os embrulhos? Nessa hipótese, a acusação contra Janie seria atenuada. Mas não era esse o caso. Não era porque era totalmente improvável que Janie tivesse roubado o sobretudo de tarde e voltado à casa na mesma noite.

"Comecemos pelo princípio", Smiley murmurou com ar um tanto sentencioso para o papel timbrado que tinha no colo. "Janie furtou o casaco ao mesmo tempo em que furtou o colar-isto é, depois que Stella morreu. Portanto, ou o casaco não estava empacotado com as outras roupas ou..."

Ou o quê? Ou alguém mais, alguém que não era Stella Rode, empacotou as roupas depois que Stella morreu e antes que Dorothy D'Arcy e Mr. Cardew fossem a North Fields na sexta-feira de manhã. E por que cargas-d'água, pensou Smiley, devia alguém fazer isso?

Fora sempre um dos princípios cardeais observados por Smiley no trabalho de investigação, quer entre os incunábulo de um poeta obscuro quer entre os fragmentos de informações secretas trabalhosamente reunidas, não ultrapassar a evidência. Um fato, uma vez logicamente estabelecido, não devia ser levado além de sua significação natural. Consequentemente, não fez especulações em torno da notável descoberta que havia feito, mas guiou a mente para o mais obscuro de todos os problemas: o móvel do crime.

Escreveu:

"Dorothy D'Arcy - ressentimento após o fiasco dos refugiados. Como motivo para o crime - fraquíssimo. Contudo, por que saíra ela dos seus cuidados para entoar louvores a Stella?"

Felix D'Arcy - ressentido com Stella Rode porque ela não observava as normas de Carne. Como motivo para o crime - ridículo.

Shane Hecht - rancom.

Terence Fielding - num mundo sensato, nenhum motivo concebível."

Mas era um mundo sensato? Ano após ano eles deviam compartilhar a mesma vida, dizer as mesmas coisas às mesmas pessoas, cantar os mesmos hinos. Não tinham dinheiro nem esperança. O mundo se transformava, a moda se alterava; as mulheres viam-na indiretamente nas revistas mundanas, reformavam os vestidos, ajeitavam o cabelo e odiavam os maridos um pouco mais.

Shane Hecht-tinha ela matado Stella Rode? Ocultava ela na estéril onisciência de seu corpo volumoso não somente ódio e inveja, mas também a coragem de matar? Estava ela horrorizada com a estupidez do marido, alarmada com a promoção de Rode, com sua habilidade? Ficou ela realmente tão enfurecida quando Stella se negou a tomar parte na corrida de ratos da fidalguia?

Rigby tinha razão: era impossível saber. Era preciso estar doente, era preciso estar muito doente para entender, era preciso estar lá no sanatório, não semanas, mas anos, era preciso figurar na fileira de camas brancas, conhecer o cheiro da comida e ver a cupidez nos olhos deles. Era preciso ouvir e ver, participar, conhecer-lhes as leis e perceber-lhes as transgressões. Esse mundo comprimia-se num molde de convenções anômalas: cegas, farisaicas, mas reais.

Entretanto, certos pontos eram claros como água: o curioso vínculo que ligava Felix D'Arcy e Terence Fielding, a despeito da antipatia mútua; a relutância de D'Arcy em falar da noite do crime; a evidente preferência de Fielding por Stella Rode e não pelo marido; o desprezo de Shane Hecht por todos.

Não podia tirar Shane do pensamento. Se Carne fosse um lugar racional, e alguém tivesse de morrer, então Shane Hecht devia obviamente ser a escolhida. Ela era a depositária dos segredos de outras pessoas, possuía uma capacidade infalível para descobrir fraquezas. Não havia ela descoberto a de Smiley? Ela lhe lançara em rosto seu infeliz casamento, divertira-se à custa dele. Sim, era uma candidata admirável à vítima de um assassinio.

Mas por que motivo Stella devia morrer? Por que e como? Quem amarrou o pacote depois de sua morte? E por quê?

Tentou dormir, mas não pôde. Por fim, quando o relógio da abadia bateu três horas, acendeu novamente a lâmpada e sentou-se na cama. O quarto estava muito mais aquecido e a princípio Smiley pensou que alguém tinha ligado o aquecimento central no meio da noite, depois de ter passado o dia inteiro desligado. Depois, percebeu o ruído da chuva lá fora; foi à janela e separou as cortinas. Chovia torrencialmente; amanhã a neve estaria desfeita. Dois guardas caminhavam lentamente pela estrada; ouvia o barulho das botas quando eles pisavam na neve que se derretia. Seus capotes úmidos cintilavam sob o arco de luz formado nos postes de iluminação.

E de repente pareceu-lhe ouvir a voz de Rigby: "Sangue por toda parte. Quem cometeu o crime devia estar banhado de sangue". E em seguida a Louca Janie chamava-o na neve ao luar: "Janie viu ele... asas de prata como peixes... voando no vento... quem viu o diabo voando...". Naturalmente: o pacote!

Ficou longo tempo à janela, olhando a chuva. Afinal, contente, tornou a enfiar-se na cama e adormeceu.

PASSOU A MANHÃ inteira tentando falar com Miss Brimley pelo telefone. Todas as vezes ela estava fora e ele não deixou recado. Enfim, por volta de meio-dia, falou com ela:

- George, peço-lhe mil desculpas... estou com uns missionários em Londres... tive de ir a uma entrevista e tenho uma conferência batista hoje de tarde. Ambas só podiam realizar-se esta semana. Amanhã logo cedo lhe convém?

- Está bem - disse Smiley. - Está combinado. - Não havia pressa. De qualquer modo, restavam ainda dois ou três pontos que desejava averiguar naquela tarde.

12 – PALAVRAS INCÔMODAS

Smiley divertiu-se no ônibus. O condutor era um sujeito desabrido, J-S com muita coisa para contar a respeito da companhia de transporte e dos motivos pelos quais ela perdia dinheiro. Discretamente encorajado por Smiley, ele se expandiu a tal ponto que, ao chegarem a Sturminster, havia transformado os diretores da Dorset & General Traction Company numa cambada de malandros a caminho do abismo da falência voluntária. O condutor mostrou como atingir os canis de Sturminster, e quando Smiley apeou-se no vilarejo, rumou confiantemente para um grupo de chalés situado uns quinhentos metros depois da igreja, à margem da estrada de Okeford.

Tinha a impressão de que não ia gostar de Mr. Harriman. O simples fato de D'Arcy tê-lo qualificado de "tipo superior" indispunha Smiley contra ele. Smiley não era contrário às distinções sociais, mas preferia fazê-las por si mesmo.

No portão havia uma tabuleta: "Canis de Sturminster, Proprietário C. J. Reid-Harriman, Cirurgião-Veterinário. Criador de Cães Alsacianos e Labrador. Pensão."

Uma trilha estreita levava ao que parecia ser um quintal. Havia roupa lavada por toda a parte: camisas, roupa de baixo e lençóis, a maioria de com caqui. Era intenso o cheiro de cachorro. Numa bomba manual enferrujada estavam penduradas umas dez ou doze trelas. E havia uma garotinha. com ar triste, ela viu o visitante chapinhar na lama espessa até chegar à porta. Smiley deu um puxão no cordão da campainha e esperou. Tentou outra vez, e a menina disse:

- Não funciona. Está arreventada. Faz anos já que está arreventada.

- Tem alguém em casa? - Smiley perguntou.

- Vou ver - respondeu ela com frieza, e após lançar-lhe outro olhar demorado, caminhou pelo lado da casa e desapareceu. Pouco depois, Smiley ouviu o rumor de passos que se aproximavam e logo depois a porta se abriu.

- Bom dia. - Tinha cabelo e bigode ruivos. Vestia uma camisa caqui e uma gravata caqui um pouco mais clara, velhas calças de uniforme militar e um paletó de tweed com botões de couro.

- Mr. Harriman?

- Major – respondeu alegremente. - Mas isso não tem importância, meu velho. O que deseja de nós?

- Estou pensando em comprar um alsaciano-informou Smiley - para cão de guarda.

- Ótimo. Vamos entrando. A patroa não está. Ignore a menina: é do vizinho. Vive por aqui porque gosta dos cachorros.

Seguiu Harriman até a sala de estar, onde se sentaram. Não havia lareira.

- De onde vem? - Harriman indagou.

- No momento estou em Carne; meu pai mora em Dorchester. Está ficando velho e nervoso e quer que eu compre um bom cachorro para ele. O jardineiro pode cuidar do animal durante o dia, alimentá-lo, exercitá-lo e assim por diante. Mas o jardineiro não está lá de noite, naturalmente, e é exatamente de noite que o velho fica mais preocupado. Há muito tempo que eu vinha pensando em arranjar um cachorro para ele... esse recente negócio em Carne me deu a oportunidade que eu esperava. - Harriman ignorou a alusão.

- E o jardineiro é bom sujeito?

- Ah, sim. Muito bom.

-Não deseja coisa muito brilhante, não é isso?-disse Harriman.

- Quer um tipo bom e forte. Eu, se fosse você, levaria uma cadela. - As mãos eram morenas, os pulsos também. Trazia o lenço enfiado no punho. Smiley reparou que o mostrador do relógio estava virado para a manga, de acordo com os ritos obscuros do demi-monde militar, do qual o homem parecia provir.

- Que é que faz uma cadela dessas? Ataca ou...?

- Depende da maneira como for treinada, meu velho; depende da maneira como for treinada. Pode prevenir, também. Esse é o ponto principal. Põe gente para correr. Faça um bom alarma: "Cão Feroz", deixe-a rosnar um

pouco para o lado do leiteiro e num instante a notícia se espalha. Não encosta um larápio num raio de um quilômetro.

Foram para o quintal e Harriman dirigiu-se a um cercado com meia dúzia de cachorrinhos alsacianos que latiam furiosamente para eles do outro lado da tela de arame.

- Ótimos bichinhos todos eles - bradou. - Danados de brabos. - Abriu a porta e reapareceu finalmente com uma cadelinha gorducha que lhe mordiscava furiosamente o paletó. - Esta senhorita lhe convém - disse ele. - Não se pode mostrá-la... é arisca demais.

Smiley fingiu hesitar, permitiu que Harriman o persuadissem e por fim concordou. Voltaram para dentro de casa.

- Gostaria de fazer um depósito - disse Smiley - e virei buscá-la dentro de uns dez dias. Está bem assim? - Entregou a Harriman um cheque de cinco libras.

Tornaram a sentar-se e Harriman pôs-se a catar na escrivania os certificados de vacina e pedigree. Depois de alguns instantes, Smiley falou:

- É uma pena que Mrs. Rode não tivesse um cachorro, não é verdade? Teria salvo a vida dela.

- Ah, ela tinha um cachorro, mas mandou matá-lo pouco antes de ser assassinada - disse Harriman. - Cá entre nós, é uma história sem pé nem cabeça. Ela gostava do cachorro. Um vira-lata muito safadinho, mas ela gostava dele. Um dia trouxe-o aqui, com uma história de que era um bicho perigoso, tinha mordido o carteiro e tal e coisa... queria que eu liquidasse o pobre. Mas tudo mentira. Uns amigos meus de Carne tomaram informações. Não tinha havido nenhuma reclamação. O carteiro até gostava do cachorro. Já viu que coisa? Inventar uma mentira deslavada dessa num lugar tão pequeno! Tinha de ser descoberta.

- Mas por que então ela contou essa história? Harriman fez um gesto que deixou Smiley especialmente irritado. Passou o indicador em todo o comprimento do nariz e depois deu uma pancadinha leve nas pontas de seu ridículo bigode. Havia uma sugestão de acanhamento naquele gesto, como se o homem estivesse adotando os ares dos oficiais superiores e temesse uma repreensão.

- Ela era difícil - disse com animação. - Conheço esse tipo de longe. Tinha algumas no regimento. Davam o maior trabalho. Coisinhas afetadas. Pudibundas, santarronas. Arrumam as flores na igreja... devotas até dizer basta! Para mim ela era do tipo histérico, melodramático, que quando começa a chorar não pára mais e de tudo faz o maior drama.

- Era popular? - Smiley ofereceu-lhe um cigarro.

-A meu ver, não. Obrigado. Andava de preto nos domingos, parece. Típico. No Leste a gente chama de "corvos" essas que andam de preto...virgens dominicais. Lá eram quase todas de outras seitas. Não eram anglicanas... algumas eram papistas, veja só... espero que não...

- De modo algum.

- Nunca se sabe, não é? Não os tolero; não tenho preconceito, mas não gosto dos papistas... como dizia meu velho pai.

- Conhece o marido dela?

- Muito pouco. De vista. Coitado!

Harriman, Smiley refletiu, parecia ter muito maior simpatia pelos vivos do que pelos mortos. Talvez os soldados fossem assim. Nunca se sabe.

- Ouvi dizer que ele está arrasado. Golpe tremendo... bom, são os caprichos da guerra, não? - acrescentou, e Smiley anuiu com uma inclinação de cabeça. - Ele é de outro feitio. Origem humilde, boas qualidades para vencer, muito estimado... Esses são os que mais padecem na unha das mulheres.

Percorreram a trilha que conduzia ao portão. Smiley despediu-se e prometeu voltar dentro de uma ou duas semanas para apanhar a cadelinha. Quando ia se afastando, Harriman chamou-o:

-Ah... a propósito...

Smiley parou e voltou-se.

- Vou descontar o cheque e creditar a quantia a seu favor, posso?

- Claro - disse Smiley. - Está ótimo assim - e dirigiu-se para o ponto do ônibus, meditando nos estranhos meandros da mentalidade militar.

O mesmo ônibus levou-o de volta a Carne, o mesmo condutor vituperou seus patrões, o mesmo chofer fez todo o trajeto em segunda. Apeou-se na estação e encaminhou-se para o tabernáculo de tijolo vermelho. Abrindo mansamente a porta gótica, feita de pinho ocre e coberta por uma grossa camada de verniz, passou para o interior.

Uma mulher idosa, de avental, lustrava o pesado candelabro de latão que pendia sobre a nave principal. Aguardou um momento, aproximou-se dela na ponta dos pés e perguntou pelo pastor. Ela apontou para a porta da sacristia. Seguindo o gesto feito por ela, Smiley chegou à porta, bateu e esperou. Um homem alto, com um colarinho de clérigo, veio abrir.

- Sou da Christian Voice - disse Smiley amavelmente. - Posso dar uma palavrinha com o senhor?

Mr. Cardew conduziu-o pela entrada lateral até uma pequena horta, cuidadosamente cultivada, com veredas amarelas correndo por entre os canteiros vazios. O sol brilhava no ar fresco. Era um dia frio e bonito. Atravessaram a horta e entraram numa pastagem. O chão estava duro, apesar da chuva caída na noite anterior, e a grama era curta. Caminhavam lado a lado, conversando.

- Todo esse terreno pertence ao colégio. É aqui que realizamos nossas festas no verão. É muito prático.

Cardew parecia um pouco incharacterístico. Smiley, que nutria certa prevenção infantil contra os clérigos, esperava encontrar uma matraca metodista, um homem verboso, agreste, dado à retórica.

- Venho da parte de nossa redatora-chefe, Miss Brimley - começou Smiley. - Mrs. Rode era assinante do nosso semanário; aliás, toda família dela é assinante desde o primeiro número. Ela era quase como uma pessoa da família. Queríamos escrever um necrológio ressaltando o trabalho dela para a Igreja.

- Sei.

-Conseguí falar com o marido dela; pretendíamos tocar no ponto certo.

- E que disse ele?

- Disse que eu viesse falar com o senhor a respeito do trabalho dela... para os refugiados principalmente.

Caminharam em silêncio por um instante. Então Cardew disse:

- Ela era do Norte, perto de Derby. Seu pai era um homem de posses lá no Norte... embora o dinheiro nunca o tenha modificado.

- Compreendo.

- Conheço a família há muitos anos. Via-os de vez em quando. Estive com o pai dela pouco antes do funeral.

- Que posso eu dizer acerca do trabalho dela para a Igreja, de sua influência sobre a comunidade não-conformista daqui? Posso dizer que todos a estimavam?

- Infelizmente - disse Cardew, após breve pausa - não sou muito favorável a essa espécie de escritos, Mr. Smiley. Ninguém nunca é estimado por todos, mesmo depois de morto. - Seu sotaque nortista era mais forte agora.

- Então o que é que eu posso dizer? - Smiley insistiu.

- Não sei - Cardew respondeu tranquilamente. - E quando não sei, em geral não digo nada. Mas desde que o senhor teve a bondade de me perguntar, eu lhe digo que nunca encontrei um anjo e Stella Rode não foi uma exceção.

- Mas não era ela uma figura importante no movimento em benefício dos refugiados?

- Era, sim, era.

- E não incentivava os outros a esforços semelhantes?

- Naturalmente. Ela trabalhava muito.

Tornaram a caminhar em silêncio. O caminho que cortava o relvado formava um declive, depois fazia uma curva e acompanhava um córrego que estava quase escondido pelos ramos entrelaçados de tojos e espinheiros em ambas as margens. Do outro lado do córrego via-se um renque de olmeiros desfolhados e por trás deles o conhecido contorno de Carne.

- Isso é tudo quanto o senhor me queria perguntar?-indagou Cardew subitamente.

- Não - respondeu Smiley. - Nossa redatora ficou preocupadíssima com uma carta que Mrs. Rode lhe escreveu pouco antes de morrer. Era uma espécie de... acusação. Submetemos o assunto à polícia. Miss Brimley incrimina-se

de certa forma por não ter feito nada para ajudá-la. É absurdo, talvez, mas que se vai fazer? Gostaria de poder convencê-la de que não houve relação entre a morte de Stella Rode e essa carta. Esse é outro dos motivos de minha visita...

- A quem a carta faz acusações?

- Ao marido.

- Eu diria à sua Miss Brimley - comentou Cardew lentamente e com certa energia-que ela não tem motivo algum para se incriminar.

13 – O TRAJETO PARA CASA

Na a noite de segunda-feira. Mas ou menos na hora em que Smiley chegava ao hotel após a entrevista com Mr. Cardew, Tim Perkins, o chefe da turma de Fielding, despedia-se de Mrs. Harlowe, de quem recebia aulas de violoncelo. Ela era uma bondosa mulher, embora neurótica, a quem afligia vê-lo tão preocupado. Ele era o melhor aluno enviado por Carne, e ela o estimava.

-Você tocou muito mal hoje, Tim-disse ela ao despedir-se dele à porta -, muito mal. Não precisa me dizer... você tem apenas mais um semestre e ainda não obteve três notas de aprovação no nível A, mas não pode ser reprovado. Por isso está tão aperreado. Não praticaremos na próxima segunda-feira, se você quiser... venha só comer um bolinho e ouvir uns discos.

- Sim, Mrs. Harlowe. - Ele amarrou sua pasta de música no porta-malas da bicicleta.

- Os faróis estão funcionando, Tim?

- Estão, Mrs. Harlowe.

- bom, não vá procurar bater o recorde esta noite, Tim. Ainda falta muito para a hora do chá. Lembre-se de que a estrada ainda está muito escorregadia por causa da neve.

Perkins nada disse. Empurrou a bicicleta para a trilha de cascalho e encaminhou-se ao portão.

- Não esqueceu alguma coisa, Tim?

- Desculpe, Mrs. Harlowe.

Deu meia-volta e foi apertar a mão dela no vão da porta. Ela sempre insistia nisto.

- Diga-me, Tim, o que se passa? Você fez alguma bobagem? Por que não me conta? Você sabe que não sou do colégio.

Perkins hesitou, depois disse:

- São só os exames, Mrs. Harlowe.

- Seus pais estão bem? Nenhum problema em casa?

- Não, Mrs. Harlowe; eles estão ótimos. - Hesitou uma vez mais. Por fim disse: - Boa noite, Mrs. Harlowe.

- Boa noite.

Ela o viu fechar o portão e pedalar pela rua estreita. Estaria em Carne dentro de quinze minutos. Era praticamente uma descida só.

Em geral ele gostava do trajeto para casa. Era o melhor momento da semana. Mas nesta noite quase não se dava conta disso. Ia na disparada, como sempre fazia; a sebe corria de encontro ao céu escuro e os coelhos fugiam precipitadamente do feixe de luz da bicicleta, mas nesta noite ele quase não os via.

Tinha de contar a alguém. Devia ter contato a Mrs. Harlowe; que bom se tivesse contado. Ela saberia o que fazer. Podia também falar a Mr. Snow, mas já não tinha aula de ciências com ele. Agora era com Rode. Isso representava metade do problema. Isso e Fielding.

Contaria a True... sim, estava aí a pessoa a quem contaria. Contaria a True. Procuraria Miss Truebody hoje de noite e lhe contaria a verdade. Seu pai nunca se refaria do desgosto, porque isso significava fracasso e talvez desonra. Significava não ir para Sandhurst no fim do próximo semestre, significava mais dinheiro do que o que podiam arranjar...

Aproximava-se da parte mais íngreme da colina. A sebe interrompia-se num dos lados da estrada, proporcionando uma visão magnífica do Castelo de Sawley contra o céu noturno, como um pano de fundo para Macbeth. Gostava de representar... seria bom que o Diretor permitisse as representações em Carne.

Curvou-se sobre o guidom e deixou-se levar com a intenção de ganhar velocidade para atravessar o vau no fundo do outeiro. O ar frio mordia-lhe o rosto e por um momento ele quase esqueceu... freou de chofre; sentiu a bicicleta derrapar com violência sob seu corpo.

Algo estava errado; havia uma luz à sua frente, a luz de uma lanterna, e uma voz familiar chamava-o com insistência na escuridão.

14 – A VIRTUDE DA CARIDADE

A Comissão dos Internatos Particulares para Socorro aos Refugiados (Patrona: Sarah, Condessa de Sawley) tem um escritório em Belgrave Square. Não se sabe exatamente se esta localização privilegiada se destina a atrair os ricos ou incentivar os pobres - ou, como cochichavam vozes irreverentes da alta roda, a propiciar à Condessa de Sawley um económico pied-à-tem na zona oeste de Londres. O trabalho de assistir os refugiados foi convenientemente relegado à margem sul do rio, a uma daquelas praças desprezadas de Kennington que fazem parte da esquizofrenia arquitetônica de Londres. York Gardens, como é chamada a praça, será um dia descoberta pelo mundo e perderá seu encanto, mas ide lá agora e vereis crianças de verdade jogando amarelinha na rua enquanto as mães, de chinelos nos vãos das portas, ralham com elas.

Miss Brimley, posta em ação pelo telefonema de Smiley na manhã anterior, tinha o raro dom de falar com as crianças como se elas fossem seres humanos, e assim descobriu sem dificuldade o pardieiro anônimo que servia de centro de coleta à Comissão. Acompanhada de sete garotinhos, ela apertou o botão da campainha e esperou. Por fim ouviu o ruído seco de pés descendo uma escada sem passadeira, e a porta foi aberta por uma jovem muito bonita. As duas mulheres olharam-se com aprovação durante um momento.

- Desculpe o incômodo - começou Miss Brimley-, mas uma amiga minha me pediu para tomar algumas informações a respeito de um pacote de roupas que enviou para cá há uns dois dias. Ela tem a impressão de ter-se enganado.

- Ah, meu Deus, que pena! - disse a moça com simpatia. Não quer entrar um pouco? Aqui dentro está tudo tremendamente caótico, infelizmente, e não há lugar para sentar, mas podemos oferecer-lhe um caneco de café.

Miss Brimley acompanhou-a, fechando a porta com fineza no nariz dos sete garotinhos que estavam prontos a segui-la. Achou-se no vestíbulo abarrotado de pacotes de todos os feitios, alguns embrulhados em juta com

rótulos elegantes, alguns em papel pardo, rasgado e amarfanhado, alguns em sacos e cestas de roupa suja, velhas maletas e até mesmo uma antiquada mala-camarote com um esmaecido rótulo amarelo no qual se lia: "Não usada durante a viagem".

A moça conduziu-a escada acima ao que era evidentemente o escritório, uma sala espaçosa contendo uma mesa de pinho com montanhas de cartas e uma cadeira de cozinha.

Um fogão a querosene crepitava a um canto e uma chaleira elétrica exalava melancolicamente seus vapores ao lado dele.

- Infelizmente não se pode conversar lá embaixo-disse a moça ao entrarem na sala. - Quero dizer, não é possível conversar num pé só como os incas. Ou não são os incas? Talvez os afeganes. Como é que a senhora veio dar conosco?

- Fui antes ao escritório de vocês na zona oeste - explicou Miss Brimley - e lá me disseram que viesse para cá. Acho que ficaram contrariados. Depois disso confiei nos garotos. Eles sempre sabem o caminho. Você é Miss Dawney, não é? - Não, não. Eu apenas dou a minha colaboração durante o dia. Jill Dawney foi ver o pessoal da Alfândega em Rotherhide. Deve estar de volta na hora do chá, se deseja falar com ela.

- Não, Santo Deus! Acho que não lhe tomarei mais do que dois minutos. Uma amiga minha que mora em Carne... ("Puxa! Que bacana!", exclamou a moça) na realidade ela também é minha prima, mas é mais simples tratá-la de amiga, não é mesmo?... bom, ela deu um velho vestido cinza ao pessoal que arrecada coisas para os refugiados, na última quinta-feira, e agora está convencida de que deixou o broche pregado no corpete. Estou certa de que não fez nada disso, veja bem... ela é uma criatura avoadada, não tenha dúvida... mas me telefonou ontem de manhã muito assustada e eu não tive outro jeito senão prometer que viria até aqui para tomar informações. Não pude vir ontem, infelizmente... vivo amarrada a meu jornalzinho o dia inteiro. Mas tenho a impressão de que vocês estão um pouco atrasadas na arrumação e talvez por isso eu não tenha chegado tarde demais.

- Um pouco? Estamos atrasadíssimas. Tem todo aquele material lá embaixo para desembulhar e classificar. Vem dos voluntários de cada escola... às vezes alunos e outras vezes professores. Eles põem todas as roupas juntas e

remetem grandes pacotes, por trem ou pelo correio, em geral por trem. Aqui nós classificamos tudo antes de enviar para o estrangeiro.

- Isso é o que eu imaginei depois de conversar com Janie. Logo que ela percebeu que tinha cometido esse engano procurou a mulher encarregada da coleta e da remessa, mas é claro que já era muito tarde. O pacote tinha seguido.

- Que pena... Sabe quando o pacote foi enviado?

- Sim. Na sexta-feira de manhã.

- De Carne? Trem ou correio?

Miss Brimley temia essa pergunta, mas resolveu arriscar:

- Correio, creio eu.

Passando rapidamente por Miss Brimley, a moça pôs-se a vasculhar a pilha de papéis amontoados em sua secretária e finalmente localizou um caderno de capa dura com um rótulo em que se lia "Razão". Abrindo-o ao acaso, começou a folheá-lo, para a frente e para trás, lambendo a ponta de um dedo de vez em quando com ligeira impaciência.

- Não poderia ter chegado antes de ontem - disse ela. - E é quase certo que ainda não o abrimos. Sinceramente, não sei mesmo como vamos enfrentar a coisa, e com a aproximação da Páscoa ficaremos ainda mais atrasados. Como se isso não bastasse, metade do nosso material está apodrecendo nos depósitos da Alfândega... oba! Aqui está! Empurrou o caderno para o lado de Miss Brimley, o dedo indicador apontando para uma anotação feita a lápis na coluna central: "Carne, encomenda postal, 27 libras".

- Não seria muito incômodo para você - disse Miss Brimley - darmos uma espiada dentro do pacote?

Desceram para o vestíbulo.

- Não é tão complicado como parece - disse a moça por cima do ombro. - O que foi recebido na segunda-feira estará mais perto da porta.

- Como sabe de onde eles vêm se não pode ler o carimbo do correio? - perguntou Miss Brimley quando a moça passou a mexer nos embrulhos.

- Fornecemos aos voluntários nossos rótulos impressos. Os rótulos estão numerados de acordo com a procedência. Em outros casos apenas pedimos

aos representantes que escrevam o nome da escola em maiúsculas do lado de fora. Só não podemos é escrever cartas acusando recebimento; seria um nunca acabar. Quando chega um pacote, tudo o que temos de fazer é enviar um cartão impresso acusando com agradecimentos o recebimento de um pacote de tal e tal data, pesando tanto e tanto. Quem não é representante não envia donativos para este endereço, mas para o de Belgrave Square.

- O sistema funciona?

- Não - respondeu a moça -, não funciona. Os representantes ou esquecem de usar nossos rótulos ou estes se esgotam e eles não se dão ao trabalho de nos informar. Dez dias depois telefonam irados porque não receberam um cartão acusando o recebimento. Os representantes mudam sem nos avisarem e não passam adiante as instruções. Às vezes os rapazes resolvem de uma hora para outra fazer a coisa por eles mesmos e ninguém lhes diz como devem agir. Lady Sarah fica uma fúria quando os embrulhos vão ter ao Escritório Central... têm de ser transportados para cá a fim de serem refeitos e inventariados.

- Sei - Miss Brimley observava com ansiedade enquanto a moça ia remexendo nos pacotes sem parar de falar. – A sua amiga realmente ensina em Carne? Ela deve ser formidável, então. Gostaria de saber como é o príncipe: ele parece um pouco tímido nas fotografias. Tenho um primo que esteve em Carne... ele é um maluco. Sabe o que foi que me disse? Durante a semana de Ascot eles todos...

– Ah, até que enfim! - A moça ergueu-se, com um enorme embrulho quadrado nos braços, e levou-o a uma mesa situada junto da escada. Miss Brimley, de pé ao lado da moça enquanto esta se punha a desatar o barbante forte, olhava com curiosidade para o rótulo impresso, que trazia estampado no alto do canto esquerdo o símbolo que a Comissão reservara evidentemente para Carne:

C4. Depois do quatro via-se a letra B escrita a pena.

- O que é esse B? - indagou Miss Brimley.

- Ah, é uma convenção local de Carne. Miss D'Arcy é a representante, mas as coisas andam tão bem lá ultimamente que ela escolheu uma amiga para ajudá-la nas remessas. Quando acusamos o recebimento sempre mencionamos se foi A ou B. B deve ser uma pessoa muito dedicada.

Miss Brimley conteve o desejo de perguntar que proporção dos pacotes vindos de Carne procedia de Miss D'Arcy e que proporção era enviada por sua anónima assistente.

A moça retirou o cordão e inverteu a posição do pacote a fim de liberar a parte sobreposta do papel que o embrulhava. Ao fazê-lo, Miss Brimley percebeu uma leve mancha escura, mais ou menos do tamanho de um xelim, perto do ponto de junção. Era coerente com seu racionalismo fundamental que ela procurasse mais outro indício além daquele que tão fortemente se apresentava. A moça continuou a tarefa de desembrulhar, dizendo subitamente:

- Escute, não foi em Carne que se deu aquele crime horroroso, da cigana que matou a mulher do professor? Não é realmente uma barbaridade que fatos como esse ainda ocorram? Hum! Dá o que pensar - comentou, interrompendo-se bruscamente. Havia retirado o papel e ia começar a desarrumar a trouxa quando algo lhe atraiu evidentemente a atenção no interior do pacote.

- Que foi? - perguntou logo Miss Brimley.

A moça riu. - Nada não, só a maneira de empacotar-disse ela.- Os C4Bs em geral são tão bem arrumados... provavelmente os melhores que recebemos. Este é totalmente diferente. Não pode ter sido a mesma pessoa. Deve ser um substituto. Vi logo pelo aspecto exterior.

- Como pode ter tanta certeza?

- Ora, é como a letra de uma pessoa. A gente reconhece. - Riu outra vez e, sem mais demora, retirou o último envoltório.- Vestido cinza, não é isso? Vejamos - com as duas mãos foi tirando as roupas do alto da pilha e espalhando-as em volta. Estava quase na metade quando exclamou: -Ah, francamente! Deviam estar malucos - e retirou da trouxa de roupas semi-usadas um impermeável de plástico transparente, um velho par de luvas de couro e um par de galochas.

Miss Brimley segurava a borda da mesa com bastante força. As palmas de suas mãos estavam latejando.

- Uma capa. Molhada, também - acrescentou a moça com repugnância e atirou os artigos desagradáveis ao chão junto da mesa. Miss Brimley recordou de imediato a carta de Smiley: "*Quem quer que a tenha*

assassinado deve ter ficado coberto de sangue". Sim, e quem quer que a tenha assassinado usava uma capa de plástico e um capuz, galochas e aquelas velhas luvas de couro com as manchas de barro. Quem quer que tenha assassinado Stella Rode não a encontrara por acaso no meio da noite, mas arquitetara o crime com antecedência e esperara o momento oportuno. "Sim", pensou Miss Brimley, "esperara pelas noites longas".

A moça falava-lhe outra vez: - Acho que não está aqui não.

- É verdade - respondeu Miss Brimley. - Estou vendo. Muito obrigada. Você é muito gentil - a voz lhe fugiu por um instante, mas depois ela conseguiu articular estas palavras: - Acho, minha querida, que você deve deixar o embrulho tal como está agora, o embrulho e tudo o que estava dentro dele. Aconteceu algo pavoroso e a polícia vai querer... saber e ver o pacote... Tem de confiar em mim, querida... as coisas não são exatamente o que parecem... - E afinal conseguiu escapar para a liberdade confortadora de York Gardens e o olhar interrogativo das crianças que a esperavam.

Foi para uma cabina telefônica. Entrou em contato com o Sawley Arms e pediu a uma entediada recepcionista que chamasse Mr. Smiley. Silêncio total desceu sobre a linha até que a telefonista lhe ordenou que colocasse outros nove pences no aparelho. Miss Brimley respondeu energicamente que tudo quanto obtivera até o momento por seu dinheiro fora um vácuo de três minutos; isto foi seguido pelo ruído inconfundível da telefonista chupando os dentes e logo em seguida pela voz de Smiley:

- George, é Brim. Um impermeável de plástico, um capote curto, galochas e umas luvas de couro que parecem manchadas de sangue. Manchas também no papel de embrulho, parece.

"--" Pausa.

- Alguma coisa escrita a mão no papel?

- Nada. Os organizadores do movimento emitem rótulos impressos.

- Onde está o material agora? com você?

- Não. Eu disse à moça que deixasse tudo exatamente como está. Acho que por uma ou duas horas... George, está escutando?

- Estou.

- Quem fez isso? Foi o marido?

- Não sei. Não sei mesmo.

- Quer que eu faça alguma coisa... das roupas? Telefone para Sparrow ou...?

- Não. vou ver Rigby imediatamente. Até logo, Brim. Obrigado pelo telefonema.

Repôs o receptor no gancho. Smiley parecia estranho, pensou. Às vezes parecia ausente. Como se se tivesse desligado.

Saiu andando no rumo de noroeste, para as bandas do aterro. Passava muito das dez horas... a primeira vez que estava atrasada, só Deus sabia desde quando. Era melhor tomar um táxi. Sendo, porém, uma mulher frugal, tomou um ônibus.

Ailsa Brimley não acreditava em emergências, pois possuía uma disciplina mental incomum nos homens e ainda mais rara nas mulheres. Quanto maior a urgência maior a sua calma. John Landsburg comentara a esse respeito: "Você tem extraordinária resistência a tudo quanto é dramático, Brim; o raro dom do desprezo pelo que é urgente.

Conheço uns sujeitos que lhe pagariam cinco mil libras por ano para que você lhes lembrasse todos os dias que o que é importante é raramente urgente. Urgente é igual a efêmero e efêmero é igual a insignificante.

Desceu do ônibus, colocando cuidadosamente o bilhete no depósito do lixo. Quando andava sob o sol quente da rua avistou os cartazes que anunciavam a primeira edição dos vespertinos. Se não fosse o sol, ela não teria olhado; mas o sol ofuscou-a e fê-la baixar a vista. E assim ela viu; leu no gordo negrito do tímido papel de jornal, na preconcebida histeria de Flet Street: "*Procurado a noite inteira aluno desaparecido de Carne*".

15 – O CAMINHO PARA FIELDING

Smiley repôs o fone no gancho e passou rápido pelo balcão da recepção, dirigindo-se à porta da frente. Era preciso ir ver Rigby imediatamente. Quando ia deixando o hotel, ouviu um chamado. Voltando-se, viu seu velho inimigo, o porteiro da noite, que arrostava a luz do dia, fazer-lhe sinais com a mão cinzenta, como Caronte.

- Querem falar com o senhor na delegacia de polícia - observou ele com indisfarçado prazer. - Mr. Rigby, o Inspetor, quer falar com o senhor. Querem que vá lá imediatamente. Imediatamente, compreende?

- Estou a caminho - respondeu Smiley irritado, e ao passar pelas portas de vaivém ouviu o velho repetir: - Imediatamente, está ouvindo? Estão esperando pelo senhor.

Caminhando pelas ruas de Carne, meditava pela centésima vez na obscuridade dos motivos das ações humanas: não há nada verdadeiro sobre a terra. Não há um ponto constante, seguro, nem mesmo na lógica mais pura ou no misticismo mais recôndito; menos ainda nos motivos dos homens que são levados a agir com violência.

Tinha o assassino, agora a ponto de ser descoberto, encontrado contentamento na meticulosa execução de seus planos? Pois agora não havia mais dúvida; esse era um crime arquitetado até o último pormenor, inclusive a arma inexplicavelmente distante do local onde fora usada; um crime com pistas estudadas para confundir, um crime planejado para parecer não planejado, um crime por um colar de contas de vidro. Agora o mistério das pegadas estava solucionado: tendo colocado as galochas no embrulho, o assassino seguira a trilha que levava ao portão e suas pegadas tinham desaparecido sob as marcas dos pés que por lá passaram depois. Rigby parecia fatigado.

- Suponho que já sabe da notícia.

- Que notícia?

- A do rapazinho da casa de Fielding que estava desaparecido desde ontem à noite.

- Não - Smiley sentiu-se subitamente nauseado. - Não, não soube de nada.

- Santo Deus, pensei que sabia! Às oito e meia da noite Fielding telefonou para cá. Perkins, seu monitor, não voltara ainda de uma aula de música com Mrs. Harlowe, que mora para os lados de Longemedede. Demos um aviso geral e começamos as buscas. Um carro de patrulha foi enviado para a estrada por onde o rapaz devia voltar para o colégio... ele ia de bicicleta, entendeu? Da primeira vez, os homens não viram nada, mas na volta o chofer parou o carro no sopé de Longemedede Hill, exatamente onde fica o riacho. Lembrou-se o chofer que o rapaz podia ter descido a ladeira em disparada e perdido o controle da bicicleta na passagem do riacho. Foram encontrá-lo meio afundado no rego, a bicicleta ao lado. Morto.

- Não é possível.

- Não fornecemos logo a notícia à imprensa. Os pais do menino estão em Cingapura. O pai é oficial do exército. Fielding mandou-lhe um telegrama. Também entramos em contato com o Ministério da Guerra.

Ficaram um instante em silêncio. Depois Smiley perguntou:

- Como é que isso aconteceu?

- Interditamos a estrada e tentamos reconstruir o acidente. Mandeí um detetive para lá, só para dar uma olhada. O problema é que não pudemos fazer muita coisa antes do amanhecer. Além disso, os homens andaram pisando por toda parte; mas não se pode culpá-los. A impressão que temos é que o rapaz deve ter caído perto do pé da ladeira e batido com a cabeça numa pedra: a têmpora direita.

- Qual foi a reação de Fielding?

- Ele ficou muito abalado. Muito abalado mesmo. Para ser franco, eu não teria acreditado. Ele parecia... ter sucumbido. Havia uma porção de providências a tomar... telegrafar para os pais, comunicar-se com o tio do rapaz em Windson e assim por diante. Mas Fielding deixou tudo isso a cargo de Miss Truebody, sua governanta. Se não fosse ela, não sei como ele teria se arranjado. Estive com ele durante cerca de meia hora. Depois, ele não aguentou mais e me pediu que o deixasse só.

- Que é que você quer dizer com isso de "não aguentou mais"?
- Smiley perguntou prontamente.
- Caiu no choro. Chorou como um menino - disse Rigby tranquilo. - Nunca imaginei.

Smiley ofereceu um cigarro a Rigby e tirou um para si mesmo.

- Suponho - arriscou ele - que foi um acidente.
- Acho que sim - Rigby retorquiu, inexpressivo.
- Talvez - disse Smiley - antes de prosseguirmos, seja conveniente eu lhe dar as minhas notícias. Estava de saída pra cá quando você telefonou. Acabo de falar com Miss Brimley. - E, à sua maneira precisa, um tanto formal, relatou tudo quanto Ailsa Brimley lhe tinha contado e como ficara curioso a respeito do conteúdo do pacote.

Smiley esperou até que Rigby terminasse de telefonar para Londres. Quase maquinalmente, Rigby explicou o que queria que fosse feito: apanhassem o pacote e tudo o que havia dentro dele e o submetessem imediatamente aos peritos; examinassem as superfícies à procura de impressões digitais. Ele próprio iria a Londres levando algumas amostras da caligrafia e um exercício escolar de um rapaz; queria a opinião de um especialista. Não, iria de trem. Sairia as 4:25 h de Carne e chegaria a Waterloo às 8:05 h. Podia mandar um carro apanhá-lo na estação? Houve uma pausa e em seguida Rigby disse irritado. - Está bem. Pegarei um maldito táxi - e desligou incontinent! Olhou para Smiley durante um momento, depois arreganhou os dentes num sorriso largo, deu um puxão na orelha e disse:

- Desculpe-me; estou ficando irascível - indicou com a cabeça a parede oposta e acrescentou: - Combatendo em muitas frentes, suponho. Preciso falar com o Chefe a respeito daquele pacote, mas ele está atirando no momento... aos pombos, com alguns amigos, não vai demorar Na verdade, não mencionei ainda sua presença em Carne, e se você não se incomoda, eu...

- Naturalmente - interrompeu Smiley com vivacidade. - É muito mais simples você me deixar fora da coisa.

- Direi a ele que se tratou de um inquérito de rotina. Teremos de mencionar Miss Brimley mais tarde... mas não vale a pena piorar as coisas, não é

verdade?

- Acho que terei de mandar soltar Janie... Ela tinha razão, não tinha? Asas de prata ao luar.

- Eu não... eu não a soltaria, Rigby-disse Smiley com inusitada veemência. - Mantenha-a com você o mais que puder. Chega de acidentes, pelo amor de Deus. Já tivemos bastantes.

- Então você não acredita que a morte de Perkins foi um acidente?

- Não. Por favor! - bradou Smiley de repente. - Nem você tampouco.

- Mandei um detetive cuidar do caso - Rigby retorquiu com frieza.-Não posso fazê-lo eu mesmo. Sou necessário na investigação do crime de Rode. O Chefe terá de pedir a colaboração da Scotland Yard agora; vai haver o diabo, posso garantir-lhe. Ele pensava que estava tudo concluído, menos a gritaria.

- E por enquanto?

- Por enquanto, meu caro, vou fazer o possível para descobrir quem matou Stella Rode.

-Se-disse Smiley sem pressa -, se você encontrar impressões digitais naquele impermeável, o que eu duvido, terá qualquer coisa... local... para comparar com elas?

- Temos as de Rode, é claro, e as de Janie.

- Mas não de Fielding? , Rigby hesitou.

- Na realidade, temos, sim - disse afinal. - Desde muito tempo. Mas não foi nada ligado a esse tipo de coisa.

- Foi durante a guerra-disse Smiley.-O irmão dele me contou. Lá no Norte. Foi abafado, não foi?

Rigby fez um sinal afirmativo com a cabeça.-Ao que me consta, só osD'Arcy sabiam; e o Diretor, naturalmente. Aconteceu nas férias... um rapaz da Força Aérea, O Chefe mostrou-se muito prestativo...

Smiley trocou um aperto de mãos com Rigby e desceu a familiar escada de pinho. Notou mais uma vez o cheiro vagamente institucional de cera de assoalho e sabão carbólico, como o cheiro da casa de Fielding.

Caminhou vagorosamente em direção ao Sawley Arms. No ponto onde devia dobrar à esquerda para chegar ao hotel, porém, hesitou e depois pareceu mudar de ideia. Lentamente, quase com relutância, atravessou a rua no sentido do pátio da abadia e enveredou pela margem sul para a casa de Fielding. Parecia preocupado, quase assustado.

16 – GOSTO PELA MÚSICA

Miss Truebody abriu a porta. Os cantos dos olhos estavam avermelhados como se ela tivesse chorado.

- Poderia ver Mr. Fielding, para despedir-me dele?

Ela hesitou. - Mr. Fielding está muito abalado. Creio que não deseja ver ninguém-Smiley acompanhou-a até o vestíbulo e viu-a à porta do gabinete. Ela bateu, inclinou a cabeça, depois girou suavemente a maçaneta e entrou. Demorou muito para tornar a aparecer. - Ele vem já - disse ela sem o encarar.

- Quer tirar o sobretudo?

Esperou enquanto Smiley se desvencilhava da capa, recebeu-a das mãos dele e pendurou-a ao lado da cadeira Van Gogh. Ficaram ambos em silêncio, olhando para a porta do gabinete.

Então, de repente, Fielding surgiu no vão da porta entreaberta, barbado e em manga de camisa.

- Pelo amor de Deus - disse ele com a voz abafada. - Que quer você?

- Vim apenas despedir-me, Fielding, e lhe apresentar meus pêsames.

Fielding olhou-o fixamente por um momento; encostava-se pesadamente ao batente. - Está bem, adeus. Muito obrigado por ter vindo- fez um vago aceno com a mão no ar. - Na verdade não precisava ter tido esse trabalho, precisava? - acrescentou com rudeza. - Podia enviar-me um cartão, não podia?

- Podia, sim; só que me pareceu tão trágico, logo agora que ele estava tão perto do êxito.

- O quê? Que diabo é que você está querendo dizer?

- Refiro-me ao trabalho dele... ao progresso. Simon Snow me falou nisso. É espantoso realmente como Rode o fez avançar.

Um longo silêncio. Depois Fielding falou: - Adeus, Smiley. Muito obrigado por ter vindo - ia entrar no gabinete quando Smiley bradou:

- De modo nenhum... de modo nenhum. Suponho que o pobre Rode deve ter ficado intrigado também com os resultados daqueles exames. Acho que era mais ou menos uma questão de vida e morte para Perkins passar naqueles exames, não era? Ele não teria obtido sua promoção no semestre seguinte se tivesse sido reprovado em ciências. Seria despedido, suponho, embora fosse monitor; e depois disso, ele não poderia ser admitido no exército. Pobre Perkins, devia muito a Rode, não é fato? E a você também, Fielding, estou certo. Você deve ter ajudado muito... vocês dois, você e Rode; Rode e Fielding. Os pais dele deviam saber disso. Eles não têm recursos, eu creio; o pai está no exército, não está? Em Cingapura? Deve ter sido um grande esforço manter o rapaz em Carne. Será para eles um consolo saber quanto foi feito pelo filho, não é mesmo, Fielding?

Smiley estava pálido.

-Você soube da última, suponho - continuou. - Acerca daquela pobre cigana que matou Stella Rode? Acham que ela está pronta para confessar. Suponho que vão enforcá-la. Essa será a terceira morte, não é fato? Escute, vou lhe dizer uma coisa curiosa... cá entre nós, Fielding. Não creio que ela tenha cometido o crime. Você crê? Eu não creio de maneira nenhuma.

Não olhava para Fielding. Juntara as mãos miúdas às costas, entrelaçando firmemente os dedos, e continuava imóvel, com os ombros curvados e a cabeça inclinada para um lado, como se escutasse uma resposta. Fielding parecia sentir as palavras de Smiley como uma dor física. Lentamente balançou a cabeça:

- Não - disse ele. - Não. Carne matou-os. Foi Carne. Só podia acontecer aqui. É o jogo que fazemos aqui: o jogo da exclusão. Dividir e reinar! - encarou Smiley em pleno rosto e gritou: - Agora, pelo amor de Deus, vá embora! Conseguiu o que queria, não foi? Não está satisfeito? - e então, para maior angústia de Smiley, começou a soltar grandes soluços incontroláveis, segurando a testa com as mãos. Parecia repentinamente grotesco, represando as lágrimas infantis com as mãos brancas como giz, os pés desajeitados voltados para dentro. com brandura, Smiley induziu-o a entrar mais uma vez no gabinete e sentar-se diante da lareira apagada. Em seguida pôs-se a falar em voz baixa, penalizado.

- Se o que eu penso é verdade, não dispomos de muito tempo - disse. - Quero que você fale de Tim Perkins... dos exames.

Fielding, o rosto enterrado nas mãos, assentiu com a cabeça.

- Ele seria reprovado, não é mesmo? Seria reprovado e teria de deixar o colégio. - Fielding guardava silêncio. - Depois do exame daquele dia, Rode deu a ele a pasta para que a trouxesse para cá, a pasta que continha as provas; Rode estava encarregado do serviço religioso naquela semana e não podia passar em casa antes do jantar, mas queria corrigir as provas naquela noite, após jantar com você.

Fielding tirou as mãos do rosto e recostou-se na cadeira, a cabeça inclinada para trás, os olhos fechados. Smiley continuou:

- Perkins veio para casa, trazendo a pasta para cá, como queria Rode. Perkins, afinal, era o monitor, um rapaz de responsabilidade... Ele lhe entregou a pasta e você perguntou como ele se saíra no exame.

- E ele chorou - disse Fielding de repente. - Chorou como uma criancinha.

- E depois disso lhe contou que tinha colado? Que tinha visto e copiado as respostas. É verdade? E depois do assassinato de Stella Rode, lembrou-se de ter visto mais alguma coisa na pasta?

Fielding estava de pé. - Não! Você não está vendo? Tim não teria trapaceado para salvar a vida! Aí é que está o problema, aí é que está toda a ironia da coisa - berrou. - Ele nunca trapaceou. Eu trapaceei por ele.

- Mas você não podia! Você não sabia imitar a letra dele!

- Ele escrevia com uma esferográfica. Eram apenas fórmulas e diagramas. Quando foi embora e fiquei a sós com a pasta, procurei ver a prova. Um desastre... respondera apenas dois dos sete quesitos. Assim, eu trapaceei por ele. Bastou-me abrir o manual de ciências e copiar as respostas com uma esferográfica azul, do tipo que usamos aqui. Aboot é quem as vende. Imitei a letra dele da melhor maneira possível. Eram só umas três linhas de algarismos. O resto eram diagramas.

- Então foi você que abriu a pasta? Você que viu...

- Sim. Fui eu, garanto, não Tim! Ele não sabia trapacear nem para salvar a vida! Mas Tim pagou por isso, não é mesmo? Quando as notas foram publicadas, Tim deve ter sentido que houve algum engano. De resto, ele

apenas respondera dois do sete quesitos e, apesar disso, obtivera média sessenta e um. Mas ele não sabia de nada mais, nada!

Calaram-se durante longo tempo. Fielding, de pé, encarava Smiley. Exultava, aliviado por ter contado seu segredo. Smiley fixava um ponto qualquer atrás de Fielding, o rosto imerso em profunda concentração.

- E evidentemente - disse por fim - quando Stella foi assassinada, você sabia quem cometera o crime.

- Sim - respondeu Fielding. - Eu sabia que Rode a matara. Fielding serviu-se de conhaque e ofereceu um cálice a Smiley.

Parecia ter recobrado o autodomínio. Sentou-se e encarou Smiley pensativamente por algum tempo.

- Não tenho dinheiro - declarou afinal. - Nenhum. Ninguém sabe disso, exceto o Diretor. bom, eles sabem que estou mais ou menos quebrado, mas não sabem até que ponto vai a minha quebradeira. Há muitos anos eu fiz uma grossa bobagem. Meti-me em encencas. Foi na época da guerra, quando a carência de professores era tremenda. Tomava conta de um internato e praticamente dirigia o colégio...D'Arcy e eu. Nós dois juntos dirigíamos o estabelecimento e o Diretor supervisionava nosso trabalho. Então cometi uma asneira. Foi durante as férias. Estava no Norte naquela época, fazendo uma série de palestras para a RAF. E saí fora da linha. Uma loucura. E eles me pegaram. Então apareceu D'Arcy, com sua capa de caipira, trazendo as condições do Diretor: "Volta para Carne, meu caro, e não se fala mais nisso; vem dirigir o teu internato e espalhar a tua sabedoria. Não houve publicidade. Sabemos que isto não tornará a acontecer, meu caro, e estamos em dificuldades para encontrar professores. Venha, em caráter temporário". Assim, eu vim. E desde então não tenho feito outra coisa senão ir de chapéu na mão, todo mês de dezembro, pedir ao querido D'Arcy que renove meu contrato. Evidentemente não tenho direito à pensão. Agora terei de preparar meninos para exames. Há um estabelecimento em Somerset onde me aceitarão. Vou falar com o diretor da escola na quinta-feira em Londres. É uma espécie de asilo para velhos professores. O Diretor tinha de saber, porque eu precisava de uma referência.

- Por isso é que você não podia contar a ninguém? Por causa de Perkins?

- De certa forma, sim. Isto é, eles iriam querer saber tudo. Fiz isso por Tim, compreende? Os diretores não teriam tolerado aquela... afeição imoderada... Parece má, não é? Mas não era esse tipo de afeição, Smiley, não era. Você nunca o ouviu tocar violoncelo. Não chegava a ser assombroso, mas às vezes tocava com tanta beleza, com uma espécie de conscienciosa simplicidade, que era indescritivelmente bom. Ele era um menino desajeitado, e vê-lo tocar bem era uma surpresa e tanto. Você precisava ouvi-lo.

- Você não queria envolvê-lo. Se contasse à polícia o que tinha visto arruinaria Tim também.

Fielding anuiu com a cabeça.

- Em todo o colégio, ele era a única coisa que eu amava.

- Amava? - perguntou Smiley.

- Pelo amor de Deus - disse Fielding com um tom de exaustão -, por que não?

- Os pais queriam que ele fosse para Sandhurst; eu não queria dizê-lo. Achava que se eu pudesse mantê-lo aqui mais um ou dois semestres daria um jeito de fazer que ele obtivesse uma bolsa para estudar música. Por isso é que o nomeei monitor, eu queria que os pais o sustentasse aqui porque ele estava se saindo bem - Fielding fez uma pausa. - Era um monitor péssimo - acrescentou.

- E o que era exatamente que estava dentro da pasta - Smiley perguntou - quando você a abriu naquela noite para olhar a prova de Tim?

- Um pedaço de plástico transparente... talvez uma daquelas coisas que se usam para fazer embrulho... um par de luvas velhas e um par de galochas feitas em casa.

- Feitas em casa?

- Sim. Cortadas de um par de botas de cano alto, imagino.

- Só?

- Não. Havia um pedaço de cabo pesado. Pensei que servia para alguma demonstração nas aulas de ciências. Parecia perfeitamente normal carregar

um impermeável no inverno. Mas, depois do crime, compreendi como ele o tinha praticado.

- E você sabia - perguntou Smiley - por que ele o cometera? Fielding pareceu hesitar: - Rode é uma cobaia - começou ele -, o primeiro homem que aqui chegou vindo de um liceu. Quase todos nós somos velhos carneanos, esse é que é o fato. Estamos em foco desde que começamos. Rode não, e Carne fê-lo vibrar. O próprio nome Carne significa qualidade, e Rode ama a qualidade. Sua mulher não era assim. Tinha padrões próprios e estes eram diferentes, mas tão bons quanto os nossos. Às vezes eu examinava Rode na abadia, nas manhãs de domingo. Os professores se sentam nos últimos bancos, perto da passagem. Eu costumava observar-lhe o rosto quando o coro, em traje branco e escarlate, passava por ele em procissão, o Diretor, com seus mantos de doutor, seguido pelos governadores e guardiães. Rode estava ébrio... ébrio do orgulho de Carne. Você sabe, nós somos vinho capitoso para os homens dos liceus. O fato de Stella não partilhar dessa embriaguez devia magoá-lo profundamente. Podia-se ver que o magoava. Na noite em que vieram jantar comigo, na noite em que ela morreu, eles discutiram. Nunca contei a ninguém, mas a verdade é que discutiram. O Diretor fizera um sermão nas completas daquela noite: "Apegai-vos com firmeza ao que é bom". Rode falou nisso durante o jantar. Ele não podia beber muito, não estava habituado. Estava empolgado com o sermão e com a eloquência do Diretor. Ela nunca foi à abadia... ela frequentava aquele horroroso tabernáculo perto da estação. E ele não parava de falar da beleza do serviço religioso na abadia, da dignidade, da reverência. Ela ficou calada até que ele acabou, depois riu e disse: "Pobre Stan. Para mim você será sempre Stan". Nunca vi ninguém ficar tão furioso como ele ficou então. Empalideceu totalmente.

Fielding afastou o cabelo branco que lhe caía sobre os olhos e prosseguiu, com algo da antiga fanfarronada: - Eu a observei também, nas refeições. Não aqui, mas em jantares noutras partes, quando ambos éramos convidados. Eu a vi fazendo as coisas mais simples... como comer uma maçã. Ela descascava-a minuciosamente até tirar toda a casca. Então cortava a maçã em quatro e só depois começava a comê-la. Parecia a mulher de um mineiro preparando a sobremesa para o marido. Ela devia ter visto como as outras pessoas fazem as coisas aqui, mas nunca lhe passou pela cabeça a ideia de imitá-las. Admiro isso. E você também, imagino. Mas

Carne não admirava... e Rode também não; sobretudo, Rode não admirava. Ele a observava. Acabou por ver nela uma barreira ao seu êxito, o fator que o impedia de fazer uma bela carreira. Uma vez chegado a essa conclusão, o que podia fazer? Não podia divorciar-se dela... isso lhe seria mais prejudicial do que continuar casado com ela. Rode sabia o que Carne pensa do divórcio; somos uma fundação religiosa, lembre-se disso. Assim, matou-a. Planejou um crime sujo, e com sua mentalidade de cientista forneceu à polícia todas as pistas de que ela precisava. Pistas falsas. Pistas que apontavam para um criminoso que não existia. Mas algo falhou. Tim Perkins obteve média sessenta e um. Nota inacreditável... o garoto devia ter colado. Tivera oportunidade... tivera as provas na pasta. Rode pensou nisso e imaginou o que tinha acontecido; Tim abriu a pasta e vira a capa, as botas e as luvas. E o cabo. Por isso Rode matou-o também.

Com surpreendente energia, Fielding ergueu-se e serviu-se de mais um pouco de conhaque. Seu rosto estava corado, quase exultante.

Smiley levantou-se. - Você disse que vai a Londres na quinta-feira, não vai?

-Sim. Combinei almoçar com o diretor daquela escola num daqueles clubes infames de Pall Mall. Eu sempre vou aonde não devo ir. Mas temo que seja inútil avistar-me com o tal indivíduo agora, não acha? Se tudo isso for divulgado, nem mesmo ele vai querer aceitar-me para preparar os seus alunos.

Smiley hesitou.

- Venha jantar comigo então. Poderá passar a noite, se quiser. Convidarei uma ou duas pessoas. Faremos uma pequena reunião. Você se sentirá mais animado. Poderemos conversar um pouco. Talvez eu possa ajudá-lo... por conta da minha amizade com Adrian.

- Muito obrigado. Irei. Afora a entrevista, tenho de qualquer modo umas coisas a resolver em Londres.

- Ótimo. Então, quinze para as oito. Bywater Street, Chelsea, número 9A - Fielding anotou tudo na agenda. A mão estava firme.

- Rigor? - perguntou Fielding, a pena suspensa, e algum diabinho fez com que Smiley respondesse:

- Em geral sim, mas não importa - houve um momento de silêncio.

- Suponho - começou Fielding, como se estivesse sondando a opinião do outro -, suponho que tudo isso virá à tona no julgamento... isso é, o que se refere a Tim e a mim. Estarei arruinado se isso acontecer. Arruinado.

- Não vejo como seria possível evitar.

- Bom, de todos os modos sinto-me muito melhor agora - disse Fielding. - Muito melhor.

Com uma rápida despedida, Smiley deixou-o a sós. Apressando o passo, dirigiu-se à chefatura de polícia, razoavelmente convencido de que Terence Fielding era o mentiroso mais deslavado que encontrara nos últimos tempos.

17 – CORRIDA DE COELHO

Bateu na porta de Rigby e entrou sem esperar pela resposta.

- Lamento dizer-lhe que terá de prender Stanley Rode - Smiley declarou e passou a narrar a entrevista com Fielding.

- Vou ter de contar ao Chefe - disse Rigby em dúvida. - Você estaria disposto a repetir tudo isso diante dele? Se vamos agarrar um professor de Carne, acho que é melhor dar conhecimento primeiro ao Chefe. Ele acaba de chegar. Espere um instante. - Apanhou o telefone em sua secretária e pediu para falar com o Chefe de Polícia.

Alguns minutos depois iam os dois caminhando em silêncio por um corredor atapetado. Nas paredes viam-se fotografias de equipes de rugby e críquete, algumas amareladas e esmaecidas pelo sol da Índia, outras em sépia, muito estimada pelos fotógrafos de Carne nos primeiros decênios do século. Aqui e ali, ao longo do corredor, encontravam-se baldes vazios em vermelho berrante, com a palavra INCÊNDIO impressa cuidadosamente em branco na parte de fora. No fim do corredor havia uma escura porta de carvalho.

Rigby bateu e esperou. Silêncio. Bateu de novo, e a resposta foi um grito:

- Entre!

Dois enormes spaniels viram-nos entrar. Atrás dos cachorros e de uma mesa imensa, o Brigadeiro Havelock, oficial do Império Britânico e Chefe de Polícia de Carne, estava sentado como um rato-d'água numa balsa. Os poucos fios de cabelo branco puxados de um lado para o outro de sua cabeça, que a não ser assim seria completamente calva, estavam cuidadosamente arrumados de modo a cobrir a maior área possível. Isto lhe dava uma aparência estranhamente úmida, como se ele tivesse acabado de sair do rio. O bigode, que compensava prodigamente a escassez de outro pêlo, era amarelo e parecia perfeitamente sólido. Era um homem de baixa estatura e usava um terno marrom e um colarinho duro e branco, de pontas arredondadas.

- Senhor - disse Rigby -, quero apresentar-lhe Mr. Smiley, de Londres.

O Brigadeiro deixou sua mesa de trabalho como se se entregasse, não convencido, mas resignado. Em seguida estendeu uma miúda mão nodosa e disse:

- De Londres, hem?

Como vai o senhor? - de um só fôlego, como se tivesse decorado.

- Mr. Smiley está aqui em visita de caráter particular - Rigby continuou. - É conhecido de Mr. Fielding.

- Ótimo sujeito, Fielding, ótimo sujeito - interveio o Chefe de Polícia.

- Não há dúvida - disse Rigby e prosseguiu: - Mr. Smiley acaba de ver Mr. Fielding, a quem foi apresentar suas despedidas antes de voltar para Londres. - Havelock olhou de esguelha para Smiley, como se tivesse curiosamente de saber se ele era capaz de fazer a viagem.

- Mr. Fielding fez uma declaração que fundamentou com provas próprias. Acerca do crime, senhor.

- E então, Rigby?-disse ele desafiadoramente. Smiley interveio:

- Disse ele que o marido é o assassino: Stanley Rode. Contou Fielding que quando seu monitor lhe trouxe a pasta que continhaas provas...

- Que provas?

- Rode passou a tarde fiscalizando exames, lembra-se? Também se encarregou do serviço religioso antes de ir jantar na casa de Fielding. Para não perder tempo, deu as provas a Perkins para...

- O menino que sofreu o acidente? - perguntou Havelock.

-Sim.

-Você está bem informado-disse Havelock franzindo o cenho.

-Fielding contou que abriu a pasta que Perkins lhe trouxe. Queria ver como Perkins tinha se saído na prova de ciências. A promoção era vital para o futuro do rapaz - Smiley continuou.

- Ah, o trabalho é a única coisa que importa agora - disse Havelock com azedume. - Não era assim quando eu era aluno aqui, assegurou-lhe.

- Quando Fielding abriu a pasta, as provas estavam dentro. E também um pacote de plástico, um velho par de luvas e um par de galochas cortadas de botas de cano alto.

- Santo Deus! Santo Deus! Ouviu isso, Rigby? Foi o que eles encontraram no pacote em Londres. Santo Deus!

- Finalmente havia lá dentro um pedaço de cabo, de cabo pesado. Foi essa pasta que Rode voltou para apanhar, lembra-se? na noite do crime - concluiu Smiley. Era dar comida a uma criança... não se podia encher demais a colher.

Houve um silêncio realmente prolongado. Depois, Rigby, que parecia conhecer seu Chefe, disse:

- O motivo foi o avanço na profissão, senhor. Mrs. Rode não mostrava desejo de melhorar de situação, vestia-se de maneira desmazelada e não participava da vida religiosa do colégio.

- Um momento - disse Havelock. - Rode planejou o crime desde o princípio, certo?

- Sim, senhor.

-Ele queria que a coisa tomasse o aspecto de roubo com violência.

- Sim, senhor.

- Tendo apanhado a pasta, voltou para North Fields. Então, o que é que ele faz?

- Veste a capa e o capuz de plástico, calça as galochas e as luvas e empunha a arma. Abre o portão, atravessa o quintal, vai para a porta da frente e aperta o botão da campainha. Sua mulher vem até a porta. Ele derruba-a com um golpe, arrasta-a para a estufa e mata-a. Depois de fechar o pacote, segue desta pela última trilha até o portão da frente, sabendo que suas pegadas em breve desaparecerão sob as pegadas de outras pessoas. Chegando à estrada, onde a neve era sólida e não mostrava sinais de pés, deu meia-volta e tornou a entrar em casa, bancando o marido infeliz, tendo o cuidado, ao descobrir o corpo, de colocar suas próprias impressões digitais sobre as marcas deixadas pelas luvas. Havia um objeto que era perigoso no pacote. A arma.

- Está bem, Rigby. Prenda-o. Mr. Borrow lhe fornecerá um mandado se você precisar de um: de outro modo, telefonarei a Lord Sawley.

- Pois não, senhor. Posso mandar o Sargento Low tomar por termo as declarações de Mr. Fielding?

- Por que diabo ele não falou antes, Rigby?

- Só perguntando a ele, senhor - respondeu Rigby num tom neutro e retirou-se.

- É carneano? - Havelock perguntou, empurrando uma cigarreira de prata para o outro lado da mesa.

- Não, não, infelizmente não - respondeu Smiley.

- Como conheceu Fielding?

- Conheci-o em Oxford depois da guerra.

- Sujeito esquisito, esse Fielding, muito esquisito. O senhor disse que se chama Smiley?

- Sim.

- Havia um tipo chamado Smiley que casou com Ann Sercomb, prima de Lord Sawley. Linda moça, Ann, mas resolveu casar com esse indivíduo. Um vadio do Serviço Público, com uma insígnia de Oficial do Império Britânico e um relógio de ouro. Sawley ficou por conta. - Smiley não disse nada - Sawley tem um filho em Carne. Sabia disso?

- Acho que li nos jornais.

- Diga-me... esse tal de Rode... não veio de um liceu?

- Parece que sim.

- Pura doideira. Os experimentos não compensam nunca. Pode-se fazer experimentos com a tradição?

- Não, de fato.

- Esse é que é o problema hoje em dia. Como a África. Ninguém parece entender que não se pode construir uma sociedade da noite para o dia. São necessários séculos para fazer um cavalheiro. - Havelock franziu o cenho e bateu com a espátula na escrivaninha. - Não sei como é que ele atirou na vala aquele cabo... a arma com que matou a mulher. Durante quarenta e oito horas depois do crime, ele não saiu das nossas vistas.

- Isso - disse Smiley - é que me deixa intrigado. E também

Janie Lyn.

- Como? Não estou entendendo.

- Não creio que Rode tivesse coragem de voltar para casa depois de matar a mulher, sabendo que Janie Lyn o tinha visto. Admitindo, naturalmente, que ele soubesse, o que parece provável. Precisava ser muito frio... muito frio mesmo.

- É. Estranho, danadamente estranho - murmurou Havelock. Consultou o relógio de pulso, empurrando-o para fora do cotovelo a fim de enxergar melhor, num rápido movimento equestre que Smiley considerou cômico e um pouco triste. Os minutos passavam. Smiley estava em dúvida se devia ir embora, mas tinha a vaga impressão de que Havelock desejava a sua companhia.

- Vai haver uma barulheira dos diabos - disse Havelock.. Não é todos os dias que se prende um professor de Carne por assassinato. - Depôs com decisão a espátula na escrivaninha.

- Esses malditos repórteres deviam ser açoitados! - declarou. -Veja o que eles dizem da Família Real. Repulsivo! - Levantou-se, cruzou a sala e foi sentar-se numa poltrona de couro perto da lareira. Um dos spaniels sentou-se aos seus pés.

- O que o levou a fazer isso? Que diabo o levou a isso? Sua mulher... um indivíduo daqueles... - Havelock disse isso com simplicidade, à procura de esclarecimento.

- Creio - disse Smiley vagarosamente - que não podemos conhecer exatamente os motivos que impelem alguém a certos atos.

-Justo. Você tem toda razão... Que faz você para ganhar a vida, Smiley?

- Depois da guerra passei algum tempo em Oxford. Lecionando e pesquisando. Agora estou morando em Londres.

- Um desses boas-vidas, hem?

Smiley perguntava a si mesmo quando Rigby voltaria. -Sabe alguma coisa a respeito da família desse sujeito? Tem pais vivos ou...?

- Acho que ambos já morreram - Smiley respondeu, e ouviu-se o som estridente do telefone na mesa da Havelock. Era Rigby. Stanley Rode havia

desaparecido.

18 – DEPOIS DO BAILE

Pegou o trem de 1:30 h para Londres, após uma altercação no hotel acerca da conta. Deixou um bilhete para Rigby com seu endereço e o número do telefone em Londres, pedindo-lhe que telefonasse naquela noite logo que os testes de laboratório estivessem concluídos. Não tinha mais nada a fazer em Carne.

Quando o trem se pôs vagarosamente em movimento e um a um foram ficando para trás, perdidos na fria névoa de fevereiro, os marcos familiares da paisagem de Carne, George Smiley foi invadido por uma sensação de alívio. Não quisera vir, sabia disso. Receara o lugar onde sua mulher passara a infância, tivera medo de contemplar os campos onde ela tinha vivido. Mas nada encontrara, a menor lembrança sequer, nem nos contornos inanimados do Castelo de Sawley, nem na campanha circundante, que o fizesse recordá-la. Restavam apenas os mexericos, como restariam enquanto os Hecht e os Havelock estivessem vivos para alardear sua amizade com a primeira família de Carne.

Tomou um táxi para Chelsea, carregou a maleta para o primeiro andar e esvaziou-a com o cuidado de um homem habituado a viver só. Pensou em tomar banho, mas resolveu telefonar antes para Ailsa Brimley. O telefone estava perto da cama. Sentou-se na beira da cama e discou o número. Uma voz metálica de modelo entoou:

- Unipress, boa-tarde - e ele pediu para falar com Miss Brimley.

Houve um longo silêncio e depois:

- Lamento dizer que Miss Brimley está em reunião. Quer que chame outra pessoa para responder à sua indagação?

Indagação, pensou Smiley. Valha-me o bom Deus! Por que diabo indagação - por que não pergunta"

- Não - respondeu. - Basta dizer a ela que Mr. Smiley telefonou - repôs o receptor no gancho, entrou no banheiro e abriu a torneira de água quente.

Estava lutando com as abotoaduras do punho quando o telefone tocou. Era Ailsa Brimley:

- George? Acho bom você vir pra cá imediatamente. Temos visitas. Mr. Rode, de Carne. Quer falar conosco. - Enfiando o paletó, correu para a rua e chamou um táxi.

19 – O FIM DE UM MITO

A escada rolante de descida estava apinhada de fatigados funcionários da Unipress que iam para casa. Para eles, a visão de um cavalheiro gordo e de meia-idade galgando a escada adjacente constituía inesperada diversão, de modo que Smiley teve de apressar o passo sob as zombarias dos contínuos e o riso das datilógrafas. No primeiro andar parou para estudar um quadro enorme onde se expunham os títulos de um quarto dos jornais de circulação nacional.

Finalmente, sob o cabeçalho "Técnicos e Diversos", localizou a Christian Voice, sala 619. O elevador parecia subir muito devagar. Música uniforme emanava do forro de pelúcia, enquanto um rapaz metido numa jaqueta de marinheiro sacudia as cadeiras nas batidas mais fortes. As portas douradas separaram-se com um suspiro, o rapaz disse "Sexto" e Smiley entrou depressa no corredor. Instantes depois, batia na porta da sala 619. Quem abriu foi Ailsa Brimley.

- George, que ótimo - disse ela com alegria. - Mr. Rode terá o maior prazer em vê-lo. - E sem demora levou-o para seu escritório.

Numa poltrona perto da janela sentava-se Stanley Rode, professor de Carne, envergando um elegante sobretudo negro. Quando Smiley entrou, ele ergueu-se e estendeu a mão. - Foi muito bondoso em ter vindo, senhor - disse ele inexpressivamente. - Muito. - Os mesmos modos desenxabidos, a mesma voz cautelosa.

- Em que posso ajudá-lo? - perguntou Smiley. Sentaram-se todos. Smiley ofereceu um cigarro a Miss Brimley e acendeu-o.

- É acerca desse artigo que o senhor vai escrever sobre Stella disse Rode. - Estou realmente muito preocupado, já que vocês foram muito gentis para ela e para a sua memória, compreendem? Sei que a intenção é boa, mas não gostaria que escrevessem o artigo.

Smiley não disse nada e Ailsa teve a prudência de ficar calada. Dali por diante a entrevista era com Smiley. O silêncio não o inquietava, mas parecia

inquietar Rode.

- Não seria justo; não seria conveniente. De modo algum. Mr. Glaston está de acordo. Falei com ele ontem, antes de sua viagem, e ele concordou. Eu não poderia permitir que escrevessem esse artigo.

- Por que não?

- Muita gente sabe, compreende? O pobre Mr. Cardew... perguntei a ele. Sabe um bocado; e um bocado a respeito de Stella. Por isso, pedi a opinião dele. Ele compreende por que eu deixei de ser não-conformista também; para mim era insuportável vê-la ir lá todos os domingos e cair de joelhos. - Balançou a cabeça. - Estava tudo errado.

Era zombar da fé alheia.

- O que disse Mr. Cardew?

- Disse que não devemos julgar, que devemos deixar que Deus julgue. Mas eu respondi que não seria justo. As pessoas que a conheciam e sabiam o que ela tinha feito iriam depois ler todos esses elogios na Voice. Achariam que era maluquice. Ele não concordou com isso. Limitou-se a dizer que devíamos deixar isso com Deus. Mas não posso, Mr. Smiley.

Novamente ninguém falou durante algum tempo. Rode estaria completamente imóvel não fosse um levíssimo movimento de oscilação da cabeça. Afinal voltou a falar:

-A princípio não acreditei no velho Mr. Glaston. Disse ele que ela era má. Não acreditei. Eles moravam então no alto da colina, Gorse Hill, a poucos passos do tabernáculo. Stella e o pai. Parece que não parava empregada na casa deles, de modo que Stella era quem fazia todo o serviço doméstico. Eu ia sempre lá nas manhãs de domingo, às vezes ao sair da igreja. Stella cuidava do pai, cozinhava para ele e fazia tudo o mais. Eu vivia a me perguntar como iria ter coragem de pedi-la a Mr. Glaston. Os Glaston eram pessoas importantes em Braxome. Eu ensinava num liceu naquele tempo. A diretoria me permitia lecionar meio expediente enquanto eu tirava meu diploma. Decidi que caso passasse nos exames iria pedi-la em casamento. No domingo após a divulgação dos resultados, fui à casa deles de manhã, quando saí da igreja. O próprio Mr. Glaston veio abrir a porta. Levou-me sem perda de tempo para seu gabinete de trabalho. Dajanela podia-se ver metade dos objetos de cerâmica de Poole e, mais além, o mar. Mandou que

eu me sentasse e disse "Eu sei o que o traz aqui, Stanley. Você quer casar-se com Stella. Mas você não a conhece", disse ele, "você não a conhece".

"Faz dois anos que os visito, Mr. Glaston", disse eu, "e acho que sei o que faço". Então ele começou a me falar a respeito dela. Nunca pensei que ouviria um ser humano falar daquela maneira de sua própria filha. Ele disse que ela era má... má no fundo do coração. Que era cheia de maldade. Que era por isso que nenhuma empregada se demorava na casa deles. Contou-me como ela manejava as pessoas, toda bondade e carinho, até que elas lhe contassem tudo, quando então passava a maltratá-las, dizendo coisas cruéis, meio mentirosas, meio verdadeiras. Contou mais uma porção de coisas e eu não acreditei em nenhuma palavra. Acho que perdi a cabeça; chamei-o de velho ciumento que não queria perder sua governanta, velho falso e invejoso que queria que sua filha lhe servisse de empregada até a morte. Disse que ele é que era mau, e não Stella, e bradei: "Mentiroso, mentiroso". Ele parecia não me ouvir. Só fazia balançar a cabeça de um lado para o outro. Então saí correndo do escritório e chamei Stella. Ela estava na cozinha, creio, e aproximou-se de mim, me abraçou e me beijou. Casamos um mês depois e o velho conduziu-a ao altar. Apertou minha mão na cerimônia e me chamou de homem direito e eu o considerei um velho hipócrita. Deu-nos dinheiro... a mim, não a ela... duas mil libras. Pensei que talvez ele estivesse tentando compensar as coisas horrendas que tinha me dito e mais tarde escrevi-lhe uma carta para dizer que lhe perdoava. Nunca me respondeu e eu não o vi muitas vezes depois disso. Durante um ano ou mais fomos bastante felizes em Braxome. Ela era aquilo mesmo que eu imaginara, simples e boa. Gostava de passeios e de beijos; às vezes gostava de fazer pose, de ir jantar com traje a rigor no Dolphin. Não me incomodo de admitir que significava muito para mim frequentar os lugares certos com a filha de Mr. Glaston. Ele era do Rotary e do Conselho e tinha prestígio em Braxome. Ela gostava de me jogar isso na cara... diante de outras pessoas também, o que me punha irritado. Uma vez fomos ao Dolphin, e um dos garçons era um sujeito chamado Johnnie Raghan, que tinha sido meu colega de escola. Johnnie era um pouco desleixado e não fizera grande coisa desde os tempos de estudante, a não ser andar atrás das pequenas e meter-se em encrencas. Stella o conhecia, não sei como, e lhe fez um aceno logo que nos sentamos. Johnnie aproximou-se e Stella convenceu-o a trazer outra cadeira e sentar-se conosco. O gerente ficou furioso, mas não se atreveu a fazer nada porque ela era filha de Samuel Glaston. Johnnie ficou ali o tempo todo

e Stella falou com ele a respeito da escola e de como eu era nesse tempo. Johnnie ficou radiante e insolente, dizendo que eu tinha sido um esforçado, um bom rapaz, mais isso e mais aquilo, que ele me batia... mentira quase tudo... e ela a instigá-lo. Depois do jantar eu não pude me conter e disse a ela que não tinha gasto meu dinheiro no Dolphin para ouvir Johnnie Raghan contar lorotas. Ela virou-se para mim como uma fera. O dinheiro era dela, respondeu, e Johnnie era tão bom quanto eu. Depois pediu desculpas, me beijou e eu fingi que a perdoava.

O suor formava-se em seu rosto; falava depressa, as palavras tropeçando umas nas outras. Era como um homem que relembresse um pesadelo, como se a lembrança estivesse ainda presente, o medo não desaparecido de todo. Fez uma pausa e encarou Smiley, como se esperasse deste uma palavra, mas Smiley parecia fitar a distância, o rosto impassível, cujos contornos flácidos se endureciam.

- Depois fomos para Carne. Eu tinha começado a comprar o Times quando vi o anúncio. Precisavam de um professor de ciências e eu me candidatei. Mr.D'Arcy me entrevistou e obtive o emprego. Foi somente quando fomos para Carne que vi que tudo quanto o velho tinha dito era verdade. Ela nunca fora muito religiosa antes, mas logo que chegamos ali começou a bancar a grande devota. Ela sabia que isso estava errado, que me magoava. A igreja de Braxome é grande e bonita, veja bem; não havia nenhuma graça em ir ao tabernáculo de Braxome. Mas em Carne era diferente: o tabernáculo de Carne é um localzinho afastado com um telhado de zinco. Ela queria ser diferente, apesar do colégio e de mim, e pretendia passar por humilde. Eu não me incomodaria se ela fosse sincera, mas não era. Mr. Cardew sabia disso. Ele chegou a conhecer Stella. Mr. Cardew conheceu, sim. Acho que o pai dela contou a ele; de qualquer modo, Mr. Cardew veio do Norte e conhecia bem a família. Pelo que eu sei, ele escreveu a Mr. Glaston ou foi vê-lo pessoalmente. bom, ela começou muito bem. Os moradores da cidade ficaram bastante satisfeitos de vê-la. Uma mulher do colégio frequentando o tabernáculo, isso nunca acontecera antes. Depois ela passou a trabalhar pelos refugiados... arrecadar roupas e essa coisa toda. MissD'Arcy, a irmã de Mr.D'Arcy, chefiava a campanha do colégio, e Stella decidiu derrotá-la nessa competição: angariar mais doativos das pessoas da igreja do que MissD'Arcy no colégio. Mas eu sabia o que ela estava fazendo, e Mr. Cardew também sabia, e no fim os moradores da cidade também ficaram

sabendo. Ela vivia escutando tudo. Guardava todos os mexericos e sujeiras como se fossem um tesouro. Às vezes ao chegar em casa à noite... quartas e sextas eram os dias em que trabalhava na igreja... tirava a capa e começava a rir até me dar a impressão de que estava louca.

"- Peguei-os. Peguei todos eles", dizia ela. "Conheço todos os segredinhos deles e trago-os na palma da minha mão, Stan." Isso era o que ela dizia. E os que perceberam começaram a ter medo dela. Todos bisbilhotavam, é verdade, mas não para tirar vantagem disso, não como Stella. Stella era dissimulada; tudo o que era honesto, tudo o que era bom, ela tratava de rebaixar e estragar. Havia uma dúzia de pessoas que estavam nas mãos dela. Por exemplo, Mulligan, o fabricante de móveis; ele tinha uma filha com um menino perto de Leamington. Não sei como ela descobriu que a moça não era casada... os pais a tinham mandado para a casa de uma tia a fim de dar à luz e começar vida nova por lá. Certa vez Stella telefonou para Mulligan... alguma coisa que tinha a ver com uma conta a pagar pelo transporte dos móveis de Simon Snow...e disse: "Saudações de Leamington Spa, Mr. Mulligan. Precisamos de um pouco de cooperação". Ela me contou... chegou em casa rebentando de rir e me contou. Mas no fim os outros pegaram-na, não foi? Deram-lhe o troco!

Smiley anuiu lentamente com a cabeça, os olhos agora fixos em Rode.

- Sim - disse ele por fim -, deram-lhe o troco.

- Pensam que a Louca Janie foi quem fez isso, mas eu não creio. Era mais fácil Janie matar a própria irmã do que Stella. Eram unha e carne, como dizia Stella. Conversavam horas a fio de noite, quando eu ficava até tarde nas reuniões dos grêmios ou nas aulas suplementares. Stella preparava comida para ela, dava-lhe roupas e dinheiro. Sentia-se poderosa por ajudar uma criança como Janie e ser por ela festejada a todo momento. Não porque fosse bondosa, mas porque era cruel. Stella trouxe consigo um cachorrinho de Braxome, um vira-lata. Um dia, há poucos meses, cheguei em casa e encontrei o animal deitado na garagem, ganindo aterrorizado. Coxeava e tinha sangue nas costas. Ela batera nele. Devia ter enlouquecido. Eu sabia que ela batera nele antes, mas nunca como dessa vez, nunca. Então aconteceu uma coisa. Eu gritei com ela e ela riu. Então bati nela. com força. No rosto. Dei-lhe vinte e quatro horas para mandar destruir o cachorro ou então contaria à polícia. Ela chorou... era seu cachorro e por isso fazia com

ele o que bem entendesse... mas no dia seguinte pôs seu chapéu preto e levou o cachorro ao veterinário. Suponho que deve ter inventado alguma história. Ela sabia inventar uma boa história com qualquer coisa. Era mestra nisso. Ela como que assumia um papel e representava-o até o fim. Como a história que contou aos húngaros. Miss D'Arcy recebeu certa vez uns refugiados de Londres e Stella contou a eles uma história tão bem feita que eles fugiram da casa de MissD'Arcy e tiveram de regressar a Londres. MissD'Arcy pagou a passagem deles e tudo o mais.

Teve até de dar explicações à assistente social que veio arranjar as coisas. Talvez MissD'Arcy nem saiba quem botou coisas na cabeça dos refugiados, mas eu sei... Stella me contou. Ela ria sempre aquele mesmo riso: "Eis aí a tua preciosa dama, Stan. Vê a caridade dela agora". Depois do caso do cachorro, ela deu de inventar que eu era violento. Encolhia-se toda sempre que eu me aproximava, levantando o braço como se eu fosse bater nela de novo. Chegou ao ponto de afirmar que eu estava premeditando matá-la. E disse a Mr. Cardew. Ela mesma não acreditava nisso; ria da história algumas vezes. E me dizia: "Não vale a pena me matar agora, Stan; todos eles sabem quem é o criminoso". Mas outras vezes ela choramingava e me esbofeteava, suplicando que não a matasse. "Você me matará nas noites longas!" Gritava... eram as palavras que a empolgavam, "as noites longas". Gostava do som dessas palavras, e repetia-as como faz um ator. Construía uma história completa em torno delas.

"Oh, Stan", dizia, "proteja-me nas noites longas". Sabe como é quando você nunca pensou em fazer uma coisa e alguém começa a lhe implorar que não faça? No fim das contas você pensa até que podia fazer, você começa a considerar a possibilidade.

Miss Brimley conteve a respiração. Smiley ergueu-se e caminhou para Rode.

- Por que não vamos comer alguma coisa em minha casa? - disse ele. - Podemos discutir tudo isso calmamente. Entre amigos.

Tomaram um táxi para Bywater Street. Rode sentou-se ao lado de Ailsa Brimley, mais à vontade agora, e Smiley, diante dele num assento de abaixar, olhava-o e cismava.

E ocorreu-lhe a ideia de que a coisa mais importante acerca de Rode era que ele não tinha amigos. Smiley lembrou-se do conto de fadas de Büchner, do

menino deixado sozinho num mundo vazio e que, não tendo com quem conversar, foi para a lua, porque ela lhe sorria, mas a lua era feita de madeira podre. E quando o sol e a lua e as estrelas se transformaram em nada, ele procurou voltar para a terra, mas ela tinha desaparecido.

Talvez porque estivesse cansado, ou talvez porque estivesse envelhecendo, Smiley sentiu um impulso de compaixão para com Rode, tal como o que as crianças sentem pelos pobres e os pais pelos filhos. Rode se esforçara tanto - empregara a linguagem de Carne, comprara as roupas adequadas e procurara com afincos apropriar-se dos pensamentos corretos -, mas continuava irremediavelmente isolado, irremediavelmente só.

Acendeu a lareira a gás da sala de visitas enquanto Ailsa Brimley foi comprar sopa e ovos numa casa de frios em King's Road. Preparou uísque com soda e deu um a Rode, que o bebeu em pequenos goles, sem falar.

- Eu tinha de contar a alguém - disse por fim. - Achei que o senhor seria uma pessoa indicada. Mas não queria que publicassem aquele artigo. Muita gente sabia, compreende?

- Quantos realmente sabiam?

- Somente aquelas contra quem ela investia, creio eu. Acho que umas doze pessoas da cidade. E Mr. Cardew, naturalmente. Ela era tremendamente astuta, veja bem. Raramente passava adiante um mexerico. Sabia perfeitamente até onde podia ir. Os que sabiam eram aqueles que ela tinha sob seu domínio. Ah, e D'Arcy, Felix D'Arcy. Ele sabia. Nesse caso havia algo especial, algo que ela nunca me contou. Havia noites em que ela botava o xale e escapulia, empolgada como se fosse a uma reunião social. Muito tarde às vezes, onze horas ou meia-noite. Nunca perguntei aonde ia porque isso só fazia encorajá-la, mas às vezes ela me fazia um sinal com a cabeça e dizia: "Você não sabe, Stan. Mas D'Arcy sabe. D'Arcy sabe e não pode falar". Depois ria de novo, assumia um ar misterioso e ia embora.

Smiley ficou longo tempo em silêncio, observando Rode e pensando. Depois, de repente, perguntou: - Qual era o grupo sanguíneo de Stella, sabe?

- O meu é B. Disso estou certo. Eu era doador em Braxome. O dela era diferente.

- Como sabe disso?

- Ela fez um teste antes de nos casarmos. Ela sofria de anemia. Lembro-me de que o dela era diferente. Apenas isso. Talvez A. Não tenho certeza. Por quê?

- Onde você se registrou como doador?

- Centro de Transfusão de North Poole.

- Eles ainda o conhecem lá? Ainda está registrado?

- Suponho que sim.

Soou a campainha da porta da frente. Era Ailsa Brimley, que voltava das compras.

Ailsa instalou-se na cozinha, enquanto Rode e Smiley continuaram no cálido conforto da sala de visitas.

- Diga-me mais alguma coisa - pediu Smiley-acerca da noite do crime. Por que você deixou a pasta na casa de Fielding? Foi por distração?

- Não, realmente não. Eu estava encarregado do serviço religioso naquela noite, de modo que Stella e eu chegamos separadamente à casa de Fielding. Ela chegou lá antes de mim e acho que Fielding confioulhe a pasta... logo que nos reunimos, para que não a esquecêssemos. Ele disse qualquer coisa a esse respeito mais tarde. Ela guardou a pasta junto de sua capa no vestíbulo. Era uma coisinha de uns quarenta por cinquenta centímetros. Eu juraria que Stella a tinha consigo no momento em que nos despedíamos no vestíbulo, mas é possível que eu estivesse enganado. Só quando chegamos em casa foi que ela me perguntou o que fora feito da pasta.

- Ela perguntou a você o que fora feito da pasta?

- Sim. E ficou irritada, dizendo que eu esperava que ela se lembrasse de tudo. Por mim, eu não teria voltado. Podia telefonar para Fielding e combinar para ir buscá-la de manhã cedinho. Mas Stella não quis nem ouvir falar nisso. Obrigou-me a ir logo. Achei que não devia contar à polícia esta nossa arenga. Não ficava bem.

Smiley fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- E quando voltou à casa de Fielding tocou a campainha?

- Sim. Tem a porta da frente e, pelo lado de dentro, uma porta envidraçada, uma espécie de porta-janela para impedir as correntes de ar. A porta da

frente ainda estava aberta e a luz do vestíbulo acesa. Apertei o botão da campainha e Fielding me entregou a pasta.

Haviam terminado de cear quando o telefone tocou.

- Aqui é Rigby, Mr. Smiley. Estou com os resultados do laboratório. São um tanto embaraçosos.

- A prova de aula primeiro: não combina?

- Não. Dizem aqui os peritos que os algarismos e a redação foram feitas pela mesma caneta esferográfica. Não têm certeza quanto aos diagramas, mas dizem que a legenda em todos os diagramas correspondem ao resto do texto manuscrito.

- Tudo feito então pelo rapaz?

- Sim. Trouxe algumas outras amostras de sua caligrafia para comparar. Combinam perfeitamente com a prova de aula. Fielding não deve ter mexido em nada.

- Está bem. E a roupa? Nada também?

- Vestígio de sangue. Só. Nenhuma impressão digital no plástico.

- A propósito, qual era o grupo sanguíneo de Stella?

- Grupo A.

Smiley sentou-se na ponta da cama. Apertando o receptor no ouvido, começou a falar tranquilamente. Dez minutos depois, descia vagarosamente a escada. Chegara ao fim da caçada e já se sentia nauseado com a fase final.

Era quase uma hora quando Rigby apareceu.

20 – O ENTULHO DO RIO

A ponte Albert parecia absurda como de costume: o aço nu, elevando-se a pináculos wagnerianos, de encontro ao paciente céu londrino; o Tamisa arrastando-se embaixo com resignação, empurrando seus detritos para os desembarcadouros de Battersea e em seguida deslizando em direção do nevoeiro a jusante.

O nevoeiro era espesso. Smiley contemplava o refugio flutuante ao tocar o nevoeiro, transformando-se em pó branco e depois parecendo altear-se, dissolver-se e desaparecer.

Era assim que o caso ia terminar, numa feia manhã como esta, quando arrancassem da cela o criminoso lamuriendo e lhe passassem a cordade cânhamo em volta do pescoço.

Teria Smiley a coragem de lembrar-se disto daí a dois meses, quando a aurora surgisse fora de sua janela e o relógio desse a hora? Quando quebrassem o pescoço de um homem no cadafalso e o arrastassem como o entulho do rio?

Enveredou por Beaumont Street para alcançar a King's Road. Espocando com a descarga do motor, passou por ele a camioneta do leiteiro. Smiley ia tomar o café da manhã fora de casa. Depois iria de táxi a Curzon Street e encomendaria o vinho para o jantar. Escolheria algo de primeira qualidade. Fielding ficaria satisfeito.

Fielding fechou os olhos e bebeu, a mão esquerda levemente encostada ao peito.

- Divino - disse ele. - Divino! - E Ailsa Brimley, diante dele, sorriu com afabilidade.

- Como vai gozar sua aposentadoria, Mr. Fielding? - perguntou ela. - Bebendo Frankenwein?

O copo ainda erguido diante dos lábios, Fielding examinou as velas. A prata era boa, melhor do que a sua. Tinha curiosidade de saber por que eram apenas três à mesa.

- Em paz - respondeu afinal. - Ultimamente fiz uma descoberta.

- Qual foi ela?

-A de que estive atuando para uma casa vazia. Mas agora consola-me pensar que não há ninguém para recordar como esqueci as minhas falas ou perdi uma deixa. São tantos os que esperam pacientemente pela morte do seu público. Em Carne ninguém lembrará por mais de um semestre ou dois a bagunça que foi a minha vida. Fui enfatuido demais para perceber isso mais cedo. - Pôs o copo na mesa diante de si e sorriu para Ailsa Brimley. - Essa é a paz a que me refiro. Não existir na memória de ninguém, só na minha; ser um monge secular, seguro e esquecido.

Smiley deu-lhe mais vinho: - Miss Brimley conheceu muito o seu irmão Adrian durante a guerra. Pertencíamos todos ao mesmo departamento - disse ele. - Ela foi por algum tempo secretária de Adrian. Não foi, Brim?

- É deprimente como os maus sobrevivem - Fielding declarou. -Até embaraçoso. Para os maus, bem entendido. - Deu um leve suspiro gastronómico. - O momento da verdade numa boa refeição! Úbergans, período entre a entremet e a sobremesa. - Todos riram e depois ficaram em silêncio. Smiley pôs o copo na mesa e disse:

- A história que você me contou na quinta-feira, quando fui visitá-lo...

- Sim...? - Fielding estava irritado.

- Aquela coisa de ter trapaceado por Tim Perkins... da prova que você tirou da pasta e alterou...

- Sim...

- É mentira. - Parecia estar falando do tempo. - Fizeram os exames e... é mentira. A letra era de uma pessoa só... do rapaz. Se alguém colou, deve ter sido o rapaz.

Houve um silêncio prolongado. Fielding deu de ombros.

- Meu caro amigo, você não vai querer que eu acredite nisso. Esses indivíduos são quase débeis mentais.

- Está certo, não significa necessariamente nada. Quero dizer, você bem que podia estar protegendo o rapaz, não é fato? Mentindo por ele, para salvá-lo a honra, por assim dizer. É essa a explicação.

- Eu lhe contei a verdade - respondeu lacônico. - Acredite se quiser.

- Veja bem. Posso imaginar uma situação em que houve conluio, em que você, comovido com a aflição do rapaz quando ele lhe trouxe as provas, e no impulso do momento, abriu a pasta, tirou a prova e ditou o que ele devia escrever.

- Olhe aqui-disse Fielding com raiva – , por que não se mantém longe disso? O que é que isso tem que ver com você? - E Smiley respondeu com súbita veemência:

- Estou tentando ajudar, Fielding. Peça-lhe que acredite em mim, estou tentando ajudar. Por causa de Adrian. Não quero que haja... mais dificuldade do que já houve, mais angústia. Quero deixar tudo em pratos limpos antes que Rigby chegue. Abandonaram a ideia de acusar Janie. Você sabe disso, não sabe? Parecem pensar que foi Rode, mas ainda não o prenderam. Podiam ter prendido, mas não prenderam. Limitaram-se a ouvi-lo. Por isso, está vendo, a pasta tem tanta importância. Tudo depende de saber se você olhou realmente para dentro dela; e se Perkins olhou. Não está percebendo? Se foi Perkins quem no fim de contas colou, se foi somente o rapaz quem abriu a pasta e não você então eles querem saber a resposta a uma pergunta muito importante: Querem saber como você descobriu o que estava dentro dela?

- Que é que você está querendo dizer?

- Eles não são tão débeis mentais assim, está vendo? Começemos pela outra ponta por um momento. Suponhamos que foi você quem matou Stella Rode, suponhamos que você tinha um motivo, um motivo fortíssimo, e eles sabem qual podia ser esse motivo; suponhamos que você partiu na frente de Rode depois de lhe entregar a pasta naquela noite... de bicicleta, por exemplo, como disse Janie, cavalgando o vento. Nesse caso, nenhuma daquelas coisas que você viu estariam dentro da pasta. Você não podia ter inventado isso. E quando mais tarde os resultados das provas foram divulgados, você compreendeu que Perkins tinha colado e então você adivinhou que ele tinha visto o interior da pasta, tinha visto que ela não continha nada, nada senão as provas escritas. Isso explicaria então por que você teve de matar o rapaz-interrompeu-se e olhou para Fielding. - E de certo modo - acrescentou quase relutante - isso faz mais sentido, não faz?

- E que motivo, posso perguntar, era esse de que você está falando?

-Talvez ela tenha feito chantagem com você. Possivelmente ela soube de sua prisão na época da guerra, desde quando morava lá no Norte. O pai dela era magistrado, não era? Consta que andaram folheando o processo. A polícia, quero dizer. Foi o pai dela que funcionou no caso. Sabendo que você estava sem dinheiro e que precisava de outro emprego, ela o mantinha sob o seu domínio. Parece que D'Arcy sabia também. Ela contou a ele. Ela não tinha nada a perder; ele estava a par da história desde o começo e não permitira que os jornais a publicassem; ela sabia disso, ela conhecia o homem com quem estava lidando. Você também contou a D'Arcy, Fielding? Acho que você contou. Quando ela o abordou, zombando e rindo, você procurou D'Arcy e lhe contou tudo. Perguntou a ele o que devia fazer. E ele disse... que disse ele? Talvez tenha dito: veja o que é que ela quer. Mas ela não queria nada; pelo menos não era dinheiro, era algo mais agradável, mais deleitoso para aquela mente deformada; ela queria dar-lhe ordens, dominá-lo. Gostava de conspirar, convocava-o para encontros em horas e locais absurdos; nos bosques, em igrejas abandonadas e sobretudo à noite. E não desejava nada de você, a não ser submissão; obrigava-o a escutar-lhe as bazófias e loucas intrigas, forçava-o a bajular e aviltar-se, e depois mandava-o ir embora até a próxima vez.

- Levantou a vista novamente.-Eles bem que podem pensar nisso, compreende? E é por esse motivo que precisamos saber quem olhou para o interior da pasta. E quem colou na prova. - Ambos o encaravam, Ailsa com horror, Fielding imóvel, impassível.

- Se pensam assim - perguntou Fielding por fim -, como é que podem supor que eu sabia que Rode voltaria para buscar a pasta naquela noite?

- Ah, eles sabiam que ela esperava que você fosse encontrar-se com ela naquela noite, após o jantar na sua casa. - Smiley deu essa resposta como se se tratasse de um pormenor enfadonho. - Fazia parte do jogo com que ela se distraía.

- Como sabem disso?

- Pelo que Rode diz - continuou Smiley -, Stella estava com a pasta no vestíbulo, segurava-a na mão. Quando chegaram a North Fields, ela não a trazia. Furiosa, ela o acusou de ter esquecido a pasta e o obrigou a ir buscá-la. Percebe a inferência?

- Oh, claro - disse Fielding, e Smiley ouviu Ailsa Brimley murmurar o nome dele com horror.

- Trocando em miúdos, quando Stella arquitetou esse estratagema para satisfazer a própria vontade deformada, você viu nele uma oportunidade de matá-la, colocando a culpa num vagabundo inexistente, ou, à falta de um, em Rode, como segunda linha de defesa. Suponhamos que você tenha premeditado matá-la. Você pretendia, imagino, iria uma noite em que Rode desse aula até tarde. Você tinha as botas e a capa, até mesmo o cabo roubado da sala de Rode, e pretendia preparar uma prova falsa. Mas que oportunidade de ouro quando Perkins apareceu com a pasta! Stella queria seu encontro... fora combinado que a pasta esquecida seria o meio de realizá-lo. Temo que seja esse o curso seguido pelo pensamento deles. Veja bem, eles sabem que não foi Rode.

- Como sabem? Como poderão saber? Ele não tem álibi. Smiley não parecia ouvir. Estava olhando para a janela e para as pesadas cortinas de veludo que se agitavam intranquilas.

- Que é isso? Para onde é que você está olhando? - Fielding perguntou com incontida ansiedade, mas Smiley não respondeu.

- O fato, Fielding - disse ele afinal -, é que não sabemos como as pessoas são, não podemos afirmar; não há nenhuma verdade a respeito dos seres humanos, nenhuma fórmula que sirva a cada um de nós. E há entre nós, não é verdade?, há alguns que não são coisa alguma, que são tão instáveis que nos deixam espantados. São camaleões. Li certa vez a história de um poeta que se banhava em fontes frias a fim de reconhecer a própria existência no contraste. Este precisava de se afirmar, não é mesmo? Como o menino que vive apoquentando os pais. Podia-se dizer que ele tinha de fazer o sol brilhar em cima do seu corpo para que pudesse ver a própria sombra e sentir-se vivo.

Fielding fez um gesto de impaciência com a mão. - Como você sabe que não foi Rode?

- Os indivíduos que são assim... alguns são realmente assim, Fielding... você sabe qual é o segredo deles? É que não sentem nada no íntimo, nem prazer nem dor, nem amor nem ódio; estão envergonhados e apavorados porque não sentem nada. E a vergonha deles, essa vergonha, Fielding, leva-os à extravagância, à excentricidade; precisam daquela água fria; sem isso

não são nada. O mundo os toma por histriões, fantasistas, mentirosos, sibaritas talvez, mas não pelo que eles são: mortos-vivos.

- Como você sabe? Como você sabe que não foi Rode? – Fielding gritou com raiva na voz e Smiley respondeu:

– Vou lhe dizer: se Rode matou a mulher, deve ter planejado o crime há muito tempo. A capa de plástico, as botas, a arma, a cronometragem complicada, usar Perkins para transportar a pasta para a sua casa... são provas de longa premeditação. É claro que se pode perguntar: se é assim, por que precisava ele de se incomodar com Perkins afinal? Por que não conservou a pasta consigo todo o tempo? Mas não importa. Vejamos o procedimento dele. Vai para casa com a mulher depois do jantar, tendo esquecido a pasta propositadamente. Tendo deixado Stella em casa, ele vai à sua casa buscar a pasta. Era arriscado, aliás, esquecer aquela pasta. Afora o fato de se poder esperar que ele tivesse trancado a pasta, sua mulher podia ter notado que ele não a trazia quando iam saindo, ou você podia ter notado, ou Miss Truebody, mas felizmente ninguém notou. Ele apanha a pasta, volta apressado, mata a mulher, construindo as pistas que desnorteiam a polícia. Enfia a capa, as botas e as luvas no pacote dos refugiados, amarra-o e prepara-se para levar a cabo sua fuga. É alarmado pela Louca Janie, talvez, mas alcança a alameda e torna a entrar em casa como Stanley Rode. Cinco minutos depois está com os D'Arcy. A partir de então, durante as quarenta e oito horas seguintes, ele está sob constante vigilância. Talvez você não saiba disso, Fielding, mas a polícia encontrou a arma do crime na estrada, a uma légua de distância, numa vala. E encontrou-a dez horas depois de descoberto o crime, muito antes de Rode ter oportunidade de atirá-la ali. Esse é o ponto, porém, Fielding. Isso é o que eles não podem engolir. Suponho que seria possível fazer uma falsa arma do crime. Rode podia ter tirado fios de cabelo do pente de Stella, tê-los grudado com sangue humano num pedaço de cabo coaxial e plantado a coisa numa vala antes de cometer o crime. Mas o único sangue que podia usar era dele mesmo, que pertence a outro grupo sanguíneo. O sangue existente na arma que eles encontraram pertencia ao grupo sanguíneo de Stella. Ele não matou. Há ainda uma prova mais concreta, e essa diz respeito ao pacote. Rigby conversou ontem com Miss Truebody. Parece que ela telefonou para Stella Rode na manhã do dia em que Stella foi assassinada. Telefonou a seu pedido, Fielding, para dizer que um garoto ia levar umas roupas velhas a North Fields na quinta-feira de

manhã... teria ela o cuidado de deixar o pacote aberto até então?... O que foi que Stella ameaçou fazer, Fielding? Escrever uma carta anônima à escola para onde você ia?

Então Smiley pôs a mão no braço de Fielding e disse: - Vá embora! Em nome de Deus, vá embora. Resta muito pouco tempo. Pelo bem que você quer a Adrian, vá embora - e Ailsa Brimley sussurrou alguma coisa que ele não ouviu.

Fielding parecia que não estava escutando. A cabeça enorme estava jogada para trás, os olhos semicerrados, o copo de vinho ainda seguro entre os dedos grossos.

E a campainha da porta da frente retiniu, como o grito de uma mulher numa casa vazia.

Smiley nunca soube o que foi que provocou o ruído, se foram as mãos de Fielding na mesa quando ele se levantou, ou se foi a cadeira, ao cair para trás. Talvez nem tivesse havido ruído, mas simplesmente o abalo resultante de um movimento brusco quando menos se esperava: a visão de Fielding, que um momento antes se sentava letárgico em sua cadeira, arremessando-se aos saltos para fora da sala. E logo depois, Rigby, que o agarrara, segurava-lhe o braço direito e torcia-o de tal modo que Fielding gritava de dor e medo, ginchando o corpo para encará-los à força do punho de Rigby. Em seguida, Rigby estava dando ordens e o olhar aterrorizado de Fielding fixava-se em Smiley.

- Não deixe, Smiley, não deixe, Smiley, pelo amor de Deus! Vão me mandar para a forca! - E repetiu sem parar as últimas palavras: Para a forca, para a forca - até que os detetives entraram e, sem nenhuma cerimônia, o arrastaram para o carro que o esperava.

Smiley viu o carro afastar-se. Sem pressa, o veículo seguiu pela rua molhada e desapareceu. Durante muito tempo Smiley permaneceu ali, contemplando o fim da estrada.

Os transeuntes fitavam-no com curiosidade ou tentavam seguir-lhe a direção do olhar. Mas não havia nada para ver. Apenas a rua semi-iluminada e as sombras que nela se moviam.

SOBRE O AUTOR

John Lê Carré é o pseudônimo de David John Moore Cornwell, nascido em 19 de outubro de 1931, em Poole, na Inglaterra. Sua infância foi dramática. Quando tinha 5 anos, o pai abandonou a família, envolvendo-se em negócios fraudulentos que o levaram à cadeia. Olivia, sua mãe, procurou educá-lo bem, matriculando-o em uma escola tradicional. Aos 16 anos partiu para a Suíça, estudou durante um ano na Universidade de Berna, e livrou-se da carga de orgulho e de misticismo que levava. Voltou-se aos estudos da história continental, da cultura germânica e da literatura, especialmente de espionagem.

Em 1949, uma viagem à Alemanha Oriental convenceu o rapaz de que as desvantagens do comunismo eram maiores que as do capitalismo. Aceitou, então, um posto no serviço de segurança das tropas britânicas de ocupação em Viena. Voltou à Inglaterra em 1951 e casou-se com a filha de um marechal da RAFH, separando-se em 1971. Em 1956, entrou para o Ministério do Exterior, desempenhando por 7 anos missões de espionagem na Alemanha Ocidental - fato sempre negado.

A condição de agente secreto o fez assinar com o pseudônimo John Lê Carré o seu primeiro livro, *O Morto ao Telefone*, em 1961. O livro vendeu bem, mas o estrondoso sucesso veio dois anos depois, com *O Espião que Saiu do Frio*. A obra vendeu milhões de cópias, foi traduzida para 20 idiomas, e o mestre Graham Green a elogiou como o melhor livro de espionagem que já havia lido.

Novelista e autor de romances de suspense, Lê Carré desenvolve, a partir de suas experiências pessoais, tramas realistas sobre as complexidades da espionagem internacional.

Seus heróis - o principal deles, George Smiley - são homens do serviço secreto que operam num mundo frígido e que correm mais perigo e risco de traição do que seus inimigos. Lê Carré parece querer dizer que, mesmo cético, não é um desesperado; e que, apesar das armadilhas em que se mete, ainda existe um fio de esperança para o homem.

Outras obras de Lê Carré: *A Casa da Rússia*, *Um Espião Perfeito*, *O Espião que Sabia Demais*, *A Garota do Tambom*, *Uma Pequena Cidade na Alemanha*, *A Vingança de Smiley*. Muitas delas foram roteirizadas para o cinema, ou para a televisão. A trilogia do espião Smiley teve como principal interprete o ator Alec Guinness.